

Tiago Rebello

Uma
Noite em
Nova Iorque

ASA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Tiago Rebelo

Uma
Noite em
Nova Iorque

ASA

Ficha Técnica

Título original: UMA NOITE EM NOVA IORQUE

Autor: Tiago Rebelo

Revisão: Eulália Pyrrait

ISBN: 9789892311609

Edições ASA

é uma chancela do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdova, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2011, Tiago Rebelo e Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.asa.leya.com

www.leya.pt

A felicidade é quase sempre uma irresponsabilidade. Somos felizes durante os breves instantes em que fechamos os olhos.

José Eduardo Agualusa

Se a vida fosse perfeita, ou melhor, se a vida fosse justa, provavelmente não lhe chegaria uma, teria precisado de duas, pensou Filipe. Tinha o mundo a seus pés, literalmente. Sentado a uma mesa do bar, no último piso do hotel, quarenta andares acima da rua, voltou a cabeça para a direita e descobriu o seu rosto, a centímetros, na janela panorâmica. Viu uma expressão melancólica reflectida no vidro. Era uma noite de Dezembro em Nova Iorque e, apesar do ambiente obscuro do bar, as lâmpadas fracas que pontuavam por cima do balcão circular, à sua esquerda, bem como a luz mortiça que atravessava o *abat-jour* lacado em azul-de-metileno, eram suficientes para o impedir de ver claramente os riscos luminosos das ruas traçadas à régua, cruzando-se e formando quadrados até ao fim de Manhattan, até ao buraco onde antes despontava o World Trade Center e agora havia o Memorial Site, até ao rio Hudson. Não vislumbrou a cidade, viu-se a si próprio. Sorriu, um reflexo da alma. A graduação dos óculos leves, discretos, aumentara acentuadamente ao cair dos quarenta – antes disso, quase não os punha – e o cabelo, já ralo, usava-o muito curto. Em contrapartida, tinha a mesma cara de sempre, sem rugas, e nem se podia dizer que estava a envelhecer bem, pois, de aspecto, não estava a ficar mais velho. Vinte anos antes chegara a deixar crescer a barba, angustiado por ninguém o levar a sério. Agora não tinha barba e não havia maneira de convencer uma única pessoa dos seus quarenta e nove anos a poucos minutos dos cinquenta.

Uma gargalhada abafada pelas paredes almofadadas do bar e pela alcatifa espessa azul-escura chamou-lhe momentaneamente a atenção para quatro executivos de copo na mão, sentados três mesas à frente, a fazer um brinde. Festejavam um negócio fechado, certamente. Um empregado hispânico, aprumado na cerimónia de um colete às riscas, preto e grená, aproximou-se da sua mesa com uma garrafa de *scotch* e um pequeno balde de gelo numa bandeja prateada.

– *One more*, Mister Passos?

– *Why not?* – concordou ele, a pensar, *porque não, se vou de elevador para o quarto?*

O empregado, jovem, serviu uma dose dupla pelo preço de uma, cortesia de uma discreta e respeitosa cumplicidade com o cliente. Há três dias que ele acabava a noite ali sentado, naquela mesma mesa, com o computador portátil aberto, embrenhado nos últimos capítulos de uma história que

estava a escrever.

– *Un poco de ielo, por favor.*

– *Como no. Dos piedras, verdad?*

– *Si, gracias, Esteban.*

†

O empregado afastou-se, Filipe deu um gole na bebida, pousou o copo na mesa, tirou um cigarro do maço, acendeu-o, recostou-se na cadeira, concentrado no ecrã, encheu os pulmões de fumo, sentiu o consolo do cigarro sem lhe pesar na consciência. Soltou uma baforada de fumo ainda a olhar para o computador, suspirou de satisfação, chegou-se à frente, carregou na tecla do ponto final da derradeira frase.

Pensou em Isabel. Um dia, já lá iam oito anos – o tempo corria, o tempo curava, dizia-se, apaziguava a angústia dos momentos dolorosos, mas, sabia-o pela sua própria fatalidade, não corrigia os erros de uma vida –, um dia ela pedira-lhe para lhe escrever uma história. Lembrava-se exactamente de onde estava, na rua, encostado a um carro estacionado junto ao passeio, de telemóvel na mão. Fazia sol, era Verão. Filipe desvalorizou o pedido, disse uma piada qualquer, ela não gostou, o momento passou. Ele entendeu o pedido como um capricho dela, não lhe deu importância, mas, evidentemente, ela não lhe pedia uma história mas uma demonstração de amor. Percebeu isso muito depois, quando caiu em si à uma da tarde de um dia solitário, no escritório de uma sala só, arrendada ao mês, onde as horas fluíam a escrever os livros que, num futuro não muito longínquo, acabariam por se vender pelo mundo fora. Era apenas uma alcatifa gasta, uma secretária de madeira vulgar, o computador, uma cadeira confortável e arranha-céus de livros a crescer pelas paredes porque nunca se incomodara a comprar uma estante. As salas contíguas eram arrendadas a jovens universitários que davam explicações a estudantes mais novos em sessões contínuas pagas à hora a partir do final da tarde. Até lá o andar inteiro ficava mergulhado num silêncio conventual e à sala de Filipe, no primeiro piso, chegava o rumor pacato da rua: o calcorrear dos saltos nas calçadas, as conversas indistintas, o movimento incessante dos automóveis.

Filipe ainda se lembrava de Isabel todos os dias à uma da tarde, não por um qualquer delírio de escritor sonhador, mas por ser a hora de chegar ao escritório e telefonar-lhe. Já não o fazia, mas ainda sentia o sobressalto das treze em ponto, qual lembrete incorrigível do espírito. Sentia uma súbita alegria e logo a consciência do vazio, como um murro no estômago.

†

O escritório tinha uma pequena varanda e portadas em ripas de madeira, a fazer lembrar os trópicos naqueles dias abafados de Outubro em que vinha uma bâtega súbita e, sem mais, afogava as viúvas idosas nas suas próprias cozinhas, nos bairros de casas típicas escalavradas pelas intempéries mais arrasadoras.

Naquele dia escaldante e húmido, trajado de nuvens baixas e carregadas, Filipe foi assaltado como sempre à uma da tarde pela urgência de telefonar a Isabel. Nesse momento, uma trovoada estourou como se fosse na sala e um dilúvio de quinze minutos passou por ali. Filipe, atordoado, levantou-se da cadeira e foi à janela espantar-se com o espectáculo das águas. Lá em baixo, no aperto da Rua de São José – onde os carros e os peões se cruzavam por milagre, uns a descer para a Baixa, os outros a subir para o Marquês de Pombal –, um rio espontâneo tomou conta da via e uma correnteza capaz de arrastar uma vida trepou pelos passeios exíguos. Espreitou pelas portadas entreabertas, viu umas pernas de mulher debaixo de um guarda-chuva vermelho a lutar com o temporal. Acendeu um cigarro, momentaneamente distraído a fantasiar uma história para aquela imagem que lhe espicaçava a imaginação. Depois, como um piscar de olhos, a imagem desvaneceu-se e voltou a pensar em Isabel. *Devia ter-lhe escrito uma história*, censurou-se, *devia ter feito tantas coisas...* Ocorreu-lhe uma ironia: era um famoso escritor de histórias de amor e não conseguira salvar o seu romance com a mulher da sua vida. A chuva começou a alastrar pela alcatifa e a salpicar-lhe os sapatos, mas Filipe, imerso numa perplexidade, não reparou na poça a seus pés.



Separaram-se dois anos e um mês depois de se conhecerem. Não se separaram como se separavam os casais convencionais, pois não eram casados, nem sequer viviam juntos. Conheceram-se na feira do livro de Lisboa, ele sentado a uma mesa a dar autógrafos, ela na fila à espera com um livro na mão. Filipe acabou de assinar um livro e devolveu-o a uma senhora demasiado entusiasmada que não se calava. Já lá iam duas horas de assinaturas, mas nem por isso lhe falhava a tolerância e o bom humor. A mulher falava e falava e Filipe desligou do palreio enfastiante sem desmanchar o sorriso e assentindo várias vezes ao que ela continuava a dizer. Espreitou para trás dela e prendeu-se na jovem à espera, aguardando logo a seguir na fila. Um vestido florido em tons laranja esvoaçava-lhe sobre as pernas bonitas e cruzava os braços com o livro apertado contra o peito. O cabelo era curto, castanho-claro, os olhos observadores fixaram-se nos dele. Ele abriu-lhe os seus e sorriu, numa resignação divertida, como a dizer *a*

mulher não se vai embora, que hei-de fazer? Ela devolveu-lhe o olhar, cúmplice, fez uma cara engraçada, um sorriso de lábios comprimidos, um arquear de sobrancelhas, um encolher de ombros. Filipe apoiou a cabeça na mão, esperando o fim da tagarelice da senhora, ocupada a arrumar o livro na carteira enquanto dizia qualquer coisa sobre ter tido uma vida parecida com a história do livro. Ele rolou os olhos, esforçando-se para não se desmanchar a rir. A jovem achou-o cómico, pensou *é maluco!*, deliciada com a atitude ostensivamente divertida dele, a gozar com a situação.

A mulher foi-se, ela deu um passo em frente, ele disse em tom de confiança uff... estava a ver que não me largava. Ela riu-se, ele convidou-a a sentar-se na cadeira livre ao seu lado. Recebeu o livro das suas mãos e pediu-lhe o nome.

– Isabel – respondeu.

Filipe reparou que ela era bonita, observou-a dissimuladamente mas com atenção. Tinha uns olhos vivos, atentos, que a tornavam encantadora.

Ele hesitou a rabiscar o autógrafo, a pensar numa desculpa de recurso para não a deixar ir-se embora.

– Qual é a sua condição? – perguntou-lhe, não lhe ocorrendo mais nada.

– Como? – atrapalhou-se ela.

Filipe riu-se com o seu embaraço.

– A sua condição? Casada, viúva, solteira...

– Divorciada – disse, sentindo-se a corar. – Quase.

– Quase divorciada?

– Só à espera do papel.

– Ah, o papelinho é muito importante.

– Quando se tem filhos, é.

Olhou para ela com a cabeça de lado, observando-a com mais atenção, surpreendido. Não a via com filhos. Devia ter uns dez anos menos do que ele, talvez até um pouco mais, estaria nos trinta, trinta e um?

– Quantos filhos?

– Uma.

Filipe assentiu com a cabeça e assinou o livro com letra firme. Devolveu-lho, resignado.

– Obrigada – agradeceu Isabel, já a levantar-se, esticando-lhe a mão. Ele ofereceu-lhe a sua e, antes de a largar, teve uma inspiração.

– Faça-me um favor – pediu-lhe. – Quando acabar de o ler, envie-me um *mail* com a sua opinião. O endereço está no livro.

– Combinado – concordou ela.

– Promete?

– Prometo.

Meia-noite e meia. Deitada na cama de olhos abertos no escuro, Isabel cismava, perturbada por uma espiral de problemas novos. Agora estava oficialmente divorciada e começava a cair em si. Divorciada, a trabalhar sem parar e responsável por uma criança. O marido fora-se e ela ficara sozinha para dar conta do recado, sem ajuda, com pouco dinheiro. Sentiu uma pontada de pânico, os olhos enevoaram-se de lágrimas, as mãos arrepanharam os lençóis por cima do peito. Distendeu os dedos crispados, limpou as lágrimas com as costas da mão, recompôs-se. Confortou-se com a certeza de haver milhares de mulheres num beco igual ao seu, e todas elas se levantavam de manhã, levavam os filhos à escola e iam trabalhar. Ela faria o mesmo, pensou, e um dia voltaria a ser feliz.

A separação não fora fácil – nunca era –, fora dolorosa e amotinada por ressentimentos vários. Tinham-se casado três anos e dois meses antes, após um namoro abreviado pela gravidez acidental e pelo deslumbramento de Isabel, entusiasmada com a ideia de se casar com um homem elegante e bem-sucedido na vida. Rui era filho de um empresário de pronto-a-vestir, cujas fábricas produziam para várias marcas estrangeiras. Trabalhava com o pai e vivia em trânsito entre Lisboa, Madrid, Paris e Nova Iorque. Ele era, em suma, tudo o que Isabel sonhara.

Tiveram um casamento faustoso num salão de hotel – o empresário fez questão – e uma lua-de-mel no paraíso, em Bali.

Mudaram-se para um apartamento espaçoso, um rés-do-chão com jardim, onde levavam uma vida harmoniosa. A criança nasceu seis meses depois.



Não conseguia dormir. Deu consigo na sala em pijama, sentada no sofá a olhar para a televisão, de comando na mão a saltar de canal em canal, a fugir das televidas, sem som para não acordar a filha. Acabou por desligá-la. Tirou os pés descalços do chão e acomodou-se mais confortavelmente com as pernas dobradas junto ao corpo. Agarrou distraída no livro autografado, esquecido há mês e meio na mesinha ao lado do sofá. Não tivera vontade de o ler, não tivera cabeça para ler coisa nenhuma. Pôs os óculos que usava para ler e lhe escorregavam para a ponta do nariz pequeno. Folheou o livro sem entusiasmo, a recordar-se do autor e da sessão de autógrafos. Nunca lera nada dele, só comprara o livro porque gostara de

outro com um tema semelhante. Não sabia bem o que pensar de Filipe Passos. Achara-o desconcertante, daquelas pessoas cheias de autoconfiança, arrogante até, mas ainda assim, havia que reconhecê-lo, um convencido divertido. Abanou a cabeça a sorrir consigo mesma, a interrogar-se quem é que, no seu perfeito juízo, perguntava a uma desconhecida qual era a sua condição.

†

Pensou que sentia falta de se rir, que isso não acontecia há muito tempo. A felicidade não passara de uma ilusão, a vida que Isabel planeara não se concretizara. Conheceu Rui num cinema, quando saía da sala na companhia de uma amiga e do namorado desta. Encontraram-no no corredor cheio de gente. O filme tinha sido bom e as pessoas iam bem-dispostas e tolerantes, a comentar a história, sem pressa. Isabel distraiu-se com os seus pensamentos, quando reparou que a amiga e o namorado falavam com alguém que seguia ao lado deles. Era um tipo alto e esguio, vestido com um fato moderno de corte exemplar, sem gravata, usava barba rala e o cabelo curto penteado para trás. Mais à frente, pararam no átrio a conversar e Isabel ficou ali meio pendurada, porque os amigos não se deram ao trabalho de a apresentar ao desconhecido bem-parecido, de rosto anguloso e olhos escuros. Ele disse uma piada sobre ter a impressão de que, hoje em dia, vivia num *jet-lag* permanente e ela viu-se a esboçar um sorriso forçado só para acompanhar os outros, embora se sentisse excluída da conversa. Mas, subitamente, como que notando a sua presença, ele sorriu directamente para Isabel e ela, apanhada desprevenida, sentiu-se corar com a intensidade daqueles olhos, inesperadamente penetrantes, pousados nela. Fez-se um silêncio e Isabel teve a estranha sensação de se ter estabelecido uma ligação directa entre os dois, como se os outros estivessem ali a mais. Então, ele quebrou o silêncio, entrecortado pelo rumor de conversas longínquas no átrio, e disse-lhe sou o Rui. Ela, mais uma vez surpreendida, respondeu-lhe sou a Isabel, mas a sua voz saiu-lhe embaraçosamente embargada, como se fosse uma menina envergonhada. O casal trocou um olhar espantado sem eles darem por isso, depois a amiga de Isabel disse qualquer coisa e o momento passou. Rui despediu-se deles passados dois ou três minutos, dizendo que tinha pessoas à espera, e foi-se embora.

†

Uma semana depois de o ver no cinema, Isabel esbarra com ele à saída da casa de banho de um bar.

– Olá – diz ele. – Isabel, não é?

– Oh, olá. Sou – responde ela, admirada por o encontrar e ainda mais por se lembrar do seu nome.

Ela está com amigas, sem namorados, é noite de raparigas, ele conversa num grupo animado, ambos em lados diferentes do bar, mas os dois discretamente atentos ao que cada um faz. Ele vigia pelo canto do olho, ela faz o mesmo. Ele a pensar que quer falar com ela, ela a desejar que ele vá ter consigo. Isabel já bebeu duas vodcas com Coca-Cola e sente-se descontraída, divertida, desafiadora. Apetece-lhe seduzir, deixa que ele a veja a observá-lo, sorri quando os seus olhos se encontram através da sala, pelo meio de um momentâneo corredor de cabeças, entre uma multidão de gente alegre que conversa, rodas de grupos que ocupam o espaço, enchendo o ambiente de fumo de cigarros.

Rui aproxima-se dela e mete conversa. Ela está junto ao balcão do bar, ele aparece por detrás e pergunta-lhe o que está a beber. Vodca com Coca-Cola, responde-lhe. Ele acerca-se do balcão, chama a atenção do empregado, apertado entre outros clientes, e, ao voltar-se novamente, tem dois copos na mão. Oferece-lhe um. Ela aceita-o, sorri. Não era preciso, diz. Era, era, replica ele, a rir-se. Tocam os copos, fazem uma saúde, começam a falar e depressa descobrem que a conversa flui facilmente, que se entendem, gostam da companhia um do outro e se divertem juntos. O tempo passa sem darem por isso e, uma hora mais tarde, quando as amigas dela lhe dizem que se vão embora, Rui oferece-se para lhe dar boleia, mas Isabel recusa. Tenho de ir, afirma. Tenho pena, diz ele. Eu também, responde ela, mas já é tarde e amanhã acordo cedo.

Ele fica a pensar que quer voltar a vê-la, ela sai do bar a pensar que seria fácil apaixonar-se por ele, se não tivesse namorado.

Isabel deu consigo a pensar em Rui várias vezes, sonhadora, a lembrar-se da noite anterior. Mas encarou-o só como uma fantasia, pois tinha a sua vida, o namorado, não estava a ponderar mudar nada. Contudo, no fim da semana Rui surpreendeu-a com um telefonema. Ela adorou, especialmente porque não lhe tinha dado o número, nem ele o pedira. Ainda assim, Rui conseguiu descobri-lo. Convidou-a para ir ao cinema. Ela aceitou sem hesitar, sem ponderar bem as implicações do que estava a fazer. Procurou convencer-se de que era só um cinema e não havia nada de mal nisso, mas, ao desligar, pensou no que haveria de dizer ao namorado. Acabou por lhe telefonar e deu-lhe uma desculpa para não sair com ele. Sendo sexta-feira, era isso que, supostamente, deveria acontecer, mas Isabel disse-lhe que não se sentia bem e iria deitar-se cedo. *Qual é o problema?*, interrogou-se, *vou só ao cinema*. Mas sabia que estava a tentar enganar-se a si própria, pois já começara a mentir por causa de Rui.

Ao cinema seguiram-se vários encontros mais ou menos furtivos, para tomar um café, para falar um bocadinho, para estar com ele. Fizeram amor pela primeira vez em casa de Rui, depois de um jantar a dois num restaurante perto. Ele convidou-a para o seu apartamento, ela aceitou. No dia seguinte telefonou ao namorado e acabou tudo com ele.



Isabel teve de se sentar no rebordo da banheira. As pernas fraquejaram-lhe, as mãos tremeram-lhe, lívida. Vinha da farmácia, fechou-se na casa de banho. Desconfiada de que havia algo errado, decidiu não adiar mais a incerteza que a inquietava há vários dias. Com o resultado do teste à sua frente, as dúvidas desfeitas, sentiu um arrepio, uma fraqueza, não tanto pela sua condição, mas por reear a reacção de Rui. E se ele a deixasse? Se a acusasse de o ter enganado, de o ter levado a uma armadilha inadmissível? Recordava-se perfeitamente de terem conversado sobre o desejo de terem filhos. Ele dissera, sim, claro que quero ter filhos, mas não nos próximos dois anos. Ainda tenho muitas coisas para fazer antes disso. Em contrapartida, ela confessara que não se importaria de ter um bebé mais cedo do que isso.

– Mas nem sequer és casada – lembrou-lhe ele.

– Pois não – respondeu. – Estou só a dizer que não me importava de ter um filho com a idade que tenho, mas sei que ainda não tenho vida para isso.

Esta conversa acontecera durante uma das suas primeiras saídas, há cerca de seis meses, ainda antes de se tornarem namorados, mas hoje, com o teste positivo a tremer-lhe na mão insegura, Isabel amaldiçoou-se por ter dito aquilo. Na altura, lembrava-se, pensara que não devia ter sido tão sincera, que os homens se assustavam com o relógio biológico das mulheres e ele poderia deixar de a procurar. Todavia, dissera-o, no meio de uma conversa, sem cautelas, sem calculismos, simplesmente saíra-lhe a verdade, o que sentia sobre o assunto. Rui não se afastara, era certo, mas, ao descobrir que estava grávida, Isabel receou que essa conversa se virasse contra ela. Todavia, Rui acreditou nela, não a acusou de nada e aceitou a situação como um erro dos dois.

– Não estava à espera disto – reconheceu –, mas não é o fim do mundo.

– Não estás zangado comigo?

– Não, não estou zangado contigo.

– Que bom, Rui, porque eu estava cheia de medo que reagisses mal.

– De qualquer modo – disse ele, com um sorriso –, já tencionava casar contigo.

– Estás a falar a sério?

– Estou, Isabel. Queres casar comigo?

– Quero, sim. Quero muito casar contigo.

Da porta da casa de banho, contígua ao quarto, saía o vapor de água quente do banho acabado de tomar. Rui vestiu-se depressa, calças de ganga pretas, *T-shirt* cinzento-clara. Depois fez a mala. Isabel observou-o em silêncio a arrumar a roupa interior, as calças, as camisolas, as camisas ao de cima, tudo com método, com os gestos experientes de quem já fizera aquilo dezenas de vezes, de quem partia e chegava com naturalidade. Sentada ao canto da cama, encostada à cabeceira, enfiada debaixo das cobertas até à cintura, Isabel abraçava-se a uma almofada, cravava-lhe as unhas. Havia um silêncio, uma tensão, que reflectia o desgosto dela, o incómodo dele.

– Vais por quantos dias? – perguntou Isabel.

– Já te disse, uma semana em Nova Iorque, três dias em Londres.

– Não podes encurtar a viagem?

Rui parou o que estava a fazer, encarou-a.

– Não posso, Isabel – respondeu, virou-se de costas, esvaziou a gaveta das camisas, colocou-as dentro da mala.

– Agora nunca estás em casa – queixou-se ela.

– Tenho de trabalhar.

– Eu sei, mas não podias viajar um bocadinho menos?

– Não, Isabel, não posso – disse, aborrecido.

Era uma discussão recorrente. Estavam casados há quase dois anos e Rui retomara a sua vida profissional exactamente como no tempo de solteiro. Isabel acusava-o de se dedicar mais ao trabalho do que à família, de estar mais tempo no estrangeiro do que em casa. Ele encolhia os ombros sem pachorra e retorquia-lhe com a mesma frase desconcertante de sempre: Tenho de trabalhar. Isabel sentia que algo se havia quebrado entre eles, um elo, como se já não comunicassem com a mesma familiaridade e ele não tivesse por ela o amor que lhe transmitira desde a primeira hora, como se Rui tivesse perdido o interesse e ansiasse pelas viagens que o levavam para longe. Quando estava presente dava a impressão de viver alheado, sentado na sala concentrado na televisão. Levantava-se do sofá, saía da sala sem uma palavra e ia deitar-se. Com Joana, a filha, era diferente, revelava-se um pai dedicado, mas com Isabel não, com ela parecia que queria castigá-la por algo que não fizera, ou, pelo menos, não sabia o quê, pois ele não se queixava de nada e ela não imaginava o que pudesse ter feito para a tratar com uma indiferença que a magoava. Hoje em dia, chegar a ele era o mesmo que escalar uma montanha cujo topo não conseguia alcançar. Rui

tinha a sua vida, planeava as suas viagens, cada vez mais frequentes, comunicava-lhe a partida na véspera e era tudo. Se Isabel reclamava, a conversa acabava invariavelmente numa discussão sem saída.

†

Rui fechou a mala, vestiu o casaco, disse que telefonava quando chegasse a Nova Iorque, deu-lhe um beijo na testa, levou a mala. Passou pelo quarto da filha para a ver e dar-lhe também um beijo de despedida. Depois foi-se embora.

Isabel ouviu a porta da rua bater, deitou-se de lado, ainda agarrada à almofada, de olhos abertos. Os números do relógio do rádio na mesinha-de-cabeceira diziam-lhe que eram cinco e meia da manhã. Quis dormir, mas a perturbação, o aperto no peito, a angústia que a envolvia, o negro véu de tristeza que a assombrava ao ponto de a afectar fisicamente não a deixou voltar a adormecer. Embora cansada, ficou o resto da madrugada presa a uma preocupação, pensando mais uma vez no que poderia fazer para o recuperar. Não queria admitir que o seu casamento tinha acabado, mas reconhecia os sinais do fim.

†

Rui não cumpriu a promessa de lhe telefonar à chegada a Nova Iorque, enviou-lhe apenas uma mensagem sucinta:

Cheguei. Tudo bem.

Isabel acordou na quarta-feira com a certeza de que tinha de tomar uma atitude. Rui passara quase uma semana em silêncio absoluto. Saiu da cama bem cedo, antes das sete, para ter tempo. Era preciso despertar Joana sem a apressar, se não queria começar o dia com uma birra. Precisava de ser tolerante, de a acarinhar, de a vestir como se fosse uma brincadeira, com paciência. Em seguida, na cozinha, tomaram o pequeno-almoço, Isabel pensativa, preocupada, enquanto a miúda falava sem parar, pedindo-lhe atenção. Em cima da bancada estava uma enorme caixa de cereais que a pequena mão da criança tentava alcançar, derrubando-a sobre a tigela cheia de leite com cereais que ia comendo à colherada com a outra mão. Isabel espalhou tranquilamente manteiga numa torrada, ignorando as asneiras de Joana. Comeu devagar, acompanhando com uma chávena de café com leite. Tinha de falar com Rui, pensou, tinha de saber dele, perguntar-lhe porque não lhe ligava há tantos dias, dizer-lhe que estava a contar os dias, à espera dele, que o queria muito e morria de medo que ele já não a desejasse e não quisesse voltar para casa.



Telefonou-lhe à noite. Como ele tinha o telemóvel desligado, procurou o número do hotel e ligou para lá. Sozinha na sala, de pé, nervosa, andou para a frente e para trás, numa ansiedade, enquanto aguardava. A telefonista passou a chamada para o quarto, atendeu uma voz feminina, em português.

Isabel sentiu o coração a gelar, uma volta no estômago, uma tontura súbita, foi sentar-se na beira do sofá.

– Quero falar com o Rui – disse, fazendo um esforço para manter a voz controlada, para não soar desesperada. – É a mulher – acrescentou, irreflectidamente, pensando depois que dissera aquilo para marcar o território, porque pressentia na outra uma ameaça.

Fez-se uma pausa, a mulher no outro lado do Atlântico mostrou-se confusa, ou então pensou depressa e respondeu de modo conveniente.

«Rui?» disse. «Qual Rui? Deve estar enganada, aqui não há Rui nenhum.»



Isabel desligou, deixou cair a mão com o telefone no colo, olhou para o outro lado da sala, concentrada no quadro que mostrava uma paisagem verde a perder de vista até ao fundo azul de um céu esplêndido. De repente, já não tinha vontade de chorar, sentiu antes uma fúria passar por ela, um desejo de explodir, uma urgência de falar com Rui e confrontá-lo com o que acabara de acontecer, de lhe pedir explicações, de lhe lançar acusações. Ligou-lhe novamente para o telemóvel, sem sucesso, continuava a transferir a chamada directamente para a caixa de mensagens. Não deixou nenhuma, desligou. Deixou-se cair para trás, ficando quase deitada no sofá, frustrada.

Ergueu-se de novo, endireitou-se com um pensamento. Pegou no telemóvel, começou a escrever-lhe uma mensagem, hesitou, disse em voz alta não, não, não pode ser assim, tenho de falar com ele. Atirou o aparelho para o lado. Passou as mãos pelo cabelo, apanhando-o e puxando-o e repuxando-o para trás com os mesmos gestos que usaria para fazer um rabo-de-cavalo, embora não o fizesse. Era só uma expressão do seu embaraço, do seu desespero. Estava realmente aflita. Precisava de apoio e, paradoxalmente, a pessoa que devia apoiá-la era a mesma que a deixava naquele estado.



Rui devolveu-lhe a chamada uma hora e meia depois. A sua voz era tranquila, inocente. Isabel teve vontade de implorar por ajuda, de lhe pedir que a sossegasse, que lhe garantisse que tudo não passava de um engano e que ainda a amava e tinha saudades dela. Mas não fez nada disso, respirou fundo e foi directa ao assunto, sem rodeios, dura.

– Liguei para o teu quarto, atendeu-me uma mulher. O que é que se passa, Rui?

– Ligaste? Só cheguei agora. Tive um jantar de trabalho.

– Não ouviste o que acabei de dizer, Rui?! Atendeu-me uma mulher. – A voz saiu-lhe quase estridente, mas não se importou muito com isso.

– Ouvi, Isabel. Devem ter-te passado para o quarto errado.

– O número do teu quarto não é o 309?

– Não, é o 304.

– Não me lixes – atirou-lhe, furiosa, certa que ele lhe mentia descaradamente.

– Isabel, o meu quarto é o 304. Passaram-te a chamada para o quarto errado.

– Ah, e, por coincidência, estava lá uma portuguesa.

– É possível, sei lá.

– Então, está bem, vou ligar outra vez para o hotel e peço para me darem

o quarto 304.

– Faz isso – disse Rui, sem tentar impedi-la.

Isabel desligou, marcou o número do hotel, pediu o quarto 304. Tinha noção de que era horrível fazer isso, duvidar dele e pô-lo à prova, mas não se conteve, nem sequer pensou duas vezes. Rui atendeu.

– Sou eu – disse. – Estás mais descansada?

†

Isabel não sabia o que pensar. A desconfiança roía-a. O comportamento de Rui nos últimos tempos batia certo com o incidente do telefonema. Embora ele lhe tivesse demonstrado que se encontrava noutro quarto, de facto, Isabel não ficou completamente convencida. O instinto dizia-lhe que ele lhe mentira. Uma hora e meia era tempo mais do que suficiente para pedir um quarto novo. Rui podia ter inventado uma desculpa, ter feito uma reclamação ou subornado alguém, sabia lá, podia ter-se desvencilhado para conseguir mudar do 309 para o 304.

†

Às onze da noite Isabel continuava sentada no sofá, imóvel, perdida, à deriva numa contradição de pensamentos. Queria muito acreditar na versão dele, aceitar que tinha sido só um engano, uma troca de números de quartos e deitar o pesadelo para trás das costas, esquecer. Mas a realidade abatia-se sobre ela, impondo-se com um peso brutal, abrindo caminho na bruma, tornando tudo muito claro na sua cabeça, por mais que a quisesse negar.

Tinham acabado a conversa a bem. Prevalecera, momentaneamente, a explicação de Rui e a contraprova do telefonema para o hotel, para o quarto 304. Depois falamos quando voltares, dissera Isabel, antes de se despedir e desligar. Ela não tinha como afirmar sem qualquer contestação, evidentemente, mas havia uma voz persistente na sua cabeça que lhe dizia *foste enganada*.

O aeroporto estava pouco movimentado às dez e um quarto da noite. Isabel consultou o quadro das chegadas e confirmou a aterragem do avião de Rui com cinco minutos de atraso. Dava a mão a Joana, aos pulos de excitação ao seu lado, envergando um sobretudo azul-cinzentos por cima de um vestido para as ocasiões especiais, bem penteada, com dois ganchos coloridos a prender-lhe o cabelo. A miúda estava irrequieta porque o pai vinha aí, porque não costumava sair à noite. Isabel reparou num grupo de jovens posicionado ao fundo da rampa de saída dos passageiros. Eram cerca de vinte e tinham cartazes de boas-vindas para alguém que devia estar a chegar. De vez em quando, a porta automática abria-se para deixar passar passageiros provenientes da zona de recolha de bagagem empurrando os carrinhos com as malas. Os passageiros saíam a espaços, Joana perguntava onde estava o pai, quando é que ele vinha? Isabel respondia-lhe daqui a pouco. Um funcionário num carro de limpeza avançava devagar ao longo do átrio. Um jovem deitado num banco corrido com a mochila a servir de almofada dormia à frente delas. Isabel sentia-se apreensiva, imaginava como seria o reencontro, como seria o comportamento de Rui. Tinham voltado a falar mais duas vezes, quando ele chegara a Londres e no dia anterior, para lhe comunicar a que horas chegava a Lisboa, e, em ambas as ocasiões, trocaram apenas algumas palavras práticas, evitaram o assunto que nenhum dos dois esquecera.



Um grupo de dez jovens envergando *T-shirts* brancas surgiu pela porta de abertura automática e foi recebido com uma festa improvisada pelo outro grupo que o aguardava ao fundo da rampa. Rui apareceu atrás dos jovens, viu-as, acenou-lhes, voltou à esquerda e começou a descer a rampa. Elas acompanharam-no no percurso pelo lado de fora do corrimão, furaram por entre o grupo ruidoso, encontraram-se a meio, rodeados de gente aos gritos, Rui abaixou-se, pegou ao colo na filha, deu um beijo a Isabel, empurrou o carrinho da bagagem para longe da confusão. A ela pareceu-lhe ver nele uma expressão comprometida quando os seus olhos se encontraram, mas falaram normalmente, como correu a viagem, perguntou-lhe, cansativa, respondeu ele. Dirigiram-se para a saída, em direcção ao parque de

estacionamento onde Isabel deixara o carro.

Uma mulher desceu sozinha a rampa, empurrando o seu carrinho da bagagem. Era morena, cabelo liso pelos ombros, trazia uma saia que deixava ver umas pernas elegantes. Rui não se voltou para trás e Isabel não reparou nela.



Não voltariam a falar do incidente do telefonema, mas a mulher do hotel de Nova Iorque ficaria a pairar como um fantasma sobre o casamento deles. Rui ignorou o assunto e Isabel não se sentiu com coragem para lhe pedir mais satisfações, pois sabia que ele se defenderia com os mesmos argumentos e dali não sairia.

Os esforços de Isabel para ter uma vida feliz com Rui não tiveram grande sucesso, a relação deles foi-se deteriorando nos meses seguintes, com a indiferença dele, as suas ausências. O amor de Isabel por Rui foi sofrendo uma transmutação gradual, a angústia tornou-se frustração e esta foi-se entranhando, instalando-se nela um ressentimento, uma irritação crescente, uma revolta. Os choques permanentes, as zangas por tudo e por nada levaram-nos a uma situação insustentável. Isabel vivia numa insegurança, era infeliz, embirrava com Rui, provocava discussões a pretexto de nada, embora o fizesse por despeito, por ele não a amar como ela desejava. Pensara que tinha feito uma boa aposta ao casar com Rui, que ele lhe traria tudo o que ela queria, mas falhou. Acreditou que poderia contentar-se com uma vida boa, uma casa confortável, sem preocupações com o dinheiro, de que não queria abdicar, mas enganou-se.

Eram sete e meia da manhã e Isabel tinha acabado de arranjar Joana, de a colocar na cadeira alta dela, ao balcão da cozinha. Preparava-lhe o leite com cereais, quando ouviu a porta da rua bater, ouviu os passos de Rui, viu-o entrar na cozinha. Trazia o casaco do fato enrolado no braço, a camisa amarrotada, a gravata alargada no colarinho aberto. Joana bateu com a colher no balcão enquanto repetia papá, papá, papá. Isabel levantou os olhos, encarou-o. Ele percebeu uma expressão magoada no rosto dela.

– Bom dia – disse. – Está tudo bem?

– Está tudo bem – respondeu Isabel, sarcástica. – Uma maravilha.

Ele aproximou-se da filha, fez-lhe uma festa na cabeça, deu meia volta e desapareceu em direcção ao quarto. Ao sair de casa um quarto de hora mais tarde, Isabel ouviu a água do duche a correr na casa de banho e pensou *já nem se dá ao trabalho de disfarçar*.



Faltou ao trabalho à tarde, regressou a casa, abriu duas malas em cima da cama, começou a enchê-las. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto enquanto ia juntando a roupa, desorientada, sem saber o que levar, só o mais importante, pensou, depois viria recolher o resto. Foi à casa de banho, olhou para a colecção de frascos, voltou atrás para buscar um saco, despejou tudo lá para dentro, agora com vontade de deixar um vazio enorme, para causar mais impacto quando ele entrasse. Regressou ao quarto e esvaziou o armário, as gavetas, não deixou nada. Precisou de mais uma mala, mas estava decidida a levar a roupa toda. Dirigiu-se ao quarto da filha, despejou as gavetas, encheu outra mala.

Sentada à mesa da sala de jantar, olhou para a folha em branco à sua frente e pensou no que lhe iria deixar escrito, no que lhe queria dizer. Pousou o bico da caneta no papel e escreveu de seguida duas páginas de mágoas, frente e verso. Escreveu todas as palavras que tinha entaladas na garganta, toda a revolta e desgosto que a consumia.

Deixou o papel em cima da mesa, levou as malas para o elevador, carregou o carro, voltou a casa para verificar se não se tinha esquecido de nada importante. Antes de sair, porém, teve um rebate de última hora, foi à sala de jantar, rasgou a folha que tinha escrito e escreveu numa nova uma

única linha de raiva:

Fui-me embora, de vez, para não ter de voltar a ver a tua cara de manhã.

Cinco da manhã. Isabel sucumbiu finalmente ao sono. Entretanto, começara a ler a primeira página do livro por mera curiosidade e não conseguira parar mais. Parava agora ao bater das cinco, com o livro a escorregar-lhe das mãos contra a sua determinação. Na segunda noite leu o resto. Duas noites em branco agarrada ao livro. De qualquer modo, também não conseguiria dormir. Quase quinhentas páginas, uma maratona emocionante. Contava uma dramática história de amor de duas pessoas que, não estando destinadas a acabar juntas, só poderiam acabar separadas por um motivo tão determinante como a morte. Isabel fechou o livro com os olhos marejados e um vago melindre por o autor ter escrito um final triste. Lembrou-se da promessa de lhe enviar um *mail* com a sua opinião sobre o livro. Correu para o computador decidida a despejar numa mensagem todas as emoções que lhe acudiam ao espírito, mas refreou-se antes de começar a escrever. Obviamente, ele já não se lembrava dela e iria pensar *olha, mais uma doida a escrever-me às quatro da manhã*, antes de apagar a mensagem e esquecer o assunto. Teve receio de fazer figura de parva. Filipe Passos era um homem famoso e, certamente, demasiado assediado por toda a espécie de mulheres. Não precisaria de mais uma a enviar-lhe mensagens às quatro da madrugada.

Na noite seguinte, porém, Isabel reconsiderou, e, depois de deitar a filha, quando finalmente teve um bocadinho só para si, sentou-se na mesa de jantar, onde tinha o computador portátil. Apesar de famoso, Filipe parecera-lhe uma pessoa acessível e, bem, que mal fazia enviar-lhe uma mensagem? Estava protegida pelo anonimato da Internet e, na pior das hipóteses, ele não lhe responderia e pronto, assunto arrumado.

Afinal não o censurou pelo final triste, por alguma razão não achou apropriado criticá-lo, talvez para não ser desagradável. Definitivamente, para não ser desagradável, até porque tinha adorado o livro. Escreveu uma mensagem simples:

Imagino que passe a vida a receber mensagens destas, mas queria dizer-lhe que adorei o seu livro. Gostei tanto que o li em apenas duas noites. Estive na sua sessão de autógrafos na feira do livro e, na altura, fez-me prometer que lhe enviaria um mail a dar-lhe a minha opinião, por isso aqui estou a cumprir a minha promessa. Gostei muito e fico

ansiosamente à espera do seu próximo livro. Parabéns.

Isabel Fialho

Enviou a mensagem a pensar *ele nem se vai lembrar de mim*, encolheu os ombros, saiu da aplicação e concentrou-se no trabalho atrasado. Trabalhava numa empresa de recursos humanos e nem sempre era fácil conciliar o emprego com os horários da filha e todas as necessidades da criança, que lhe exigia tempo e dedicação. Isabel sentia que não conseguia dar-lhe toda a atenção de que ela precisava, mas agora estava sozinha e com as tarefas quase todas a seu cargo e acreditava que era só uma fase de adaptação à vida de divorciada.

Embrenhou-se no processo atrasado que precisava de concluir para o dia seguinte e trabalhou duas horas seguidas, só interrompidas para acudir ao choro da filha e recuperar-lhe a chucha perdida numa confusão de lençóis. Antes de fechar o computador passou pelo seu *mail* para ver se havia mensagens novas e deu com uma enviada há cerca de uma hora. Era ele! Consultou o relógio: quase uma da manhã. *É noctívago, o nosso escritor*, pensou.

Não se tratava exactamente de uma resposta, mas sim de um convite para ela aderir à lista de mensagens rápidas dele. Isabel ficou uns bons cinco minutos espantada a olhar para o ecrã do computador, ponderando se aquilo seria real. Um escritor famoso convidava-a para se juntar à sua lista de amigos na Net, para entrar no seu mundo exclusivo... era estranho, mas acabou por aceitar. Abriu o *Windows Live Messenger* e, quase ao mesmo tempo, recebeu uma mensagem instantânea dele.

Filipe disse (00:52):

Olá.

Uma inquietação tomou conta dela, sentiu-se nervosa, afogueada, e, não fosse o apelo mais forte daquele simples olá e uma curiosidade maior do que a aflição, teria desligado a aplicação como se lhe queimasse as mãos. Assim, respirou fundo e respondeu a medo.

Isabel disse (00:52)

Olá.

Filipe disse (00:53)

Como está a minha leitora quase divorciada?

Isabel ficou sem fôlego, leu a mensagem duas vezes. Ele lembrava-se

dela!

Isabel disse (00:53)

Agora já sou mesmo divorciada.

Filipe disse (00:53):

Ah, então tem uma condição nova.

Isabel disse (00:53)

Pois.

Filipe disse (00:53):

Não sei muito bem como devo referir-me a isso.

Isabel disse (00:53)

Como assim?

Filipe disse (00:53):

Se dar-lhe os parabéns, se lamentar.

Isabel disse (00:54)

Ah, nem uma coisa nem outra. É só um alívio.

Continuaram por ali fora a falar sem rumo certo, a trocar mensagens divertidas mas sem darem informação concreta sobre as suas vidas. Foram até quase às duas da manhã. Depois despediram-se até outro dia.

Isabel veio da cozinha e encostou-se à ombreira da porta a limpar com um pano as mãos acabadas de lavar. O jantar estava pronto e vinha chamar Luís e a filha, mas, ao entrar na sala, deparou-se com os dois sentados no chão, entretidos com um *puzzle*, e deteve-se a observar a cena. Viviam juntos há quase um ano e Isabel dizia a si própria todos os dias que era uma mulher com sorte, embora, na realidade, se sentisse apenas resignada. Ao contrário do amor incondicional que sentira por Filipe, o investimento emocional na relação com Luís implicara também a fria ponderação do deve e haver da vida. Estando sozinha e dependente de um emprego de baixos proventos, não a incomodou o instinto de ser cautelosa quanto ao futuro. Conquanto fizesse questão de se valer por si e não depender de ninguém, não limitou a sua escolha ao idílico e frágil destino do amor. Queria segurança. Luís empenhava-se a construir uma sólida carreira no banco onde chegara já a director e, apesar de não ser um homem de gostos requintados e nem muito culto, era responsável e dedicado. E Isabel pensou que isso lhe bastava.

Isabel mudara-se para casa de Luís ao fim de seis meses de namoro e ele adoptara a filha dela como se fosse sua. O maior desejo dele era ter filhos, mas, depois de anos de tratamentos, teve de aceitar que isso nunca aconteceria.

Não fora amor à primeira vista, mas haviam desenvolvido uma relação que fora crescendo e tornando-se mais sólida com o passar dos meses. Por vezes, Isabel surpreendia-se a compará-lo a Filipe e, bem, não encontrava muitas semelhanças. Luís era mais novo, da idade dela, bem-humorado, mas menos profundo, menos atento aos pormenores. Isabel nunca tivera – e provavelmente nunca voltaria a ter – um homem que a conhecesse tão bem como Filipe. Filipe percebia-a, lia o seu pensamento e interpretava-o com uma lucidez que nunca deixara de a espantar. Era um homem experiente e ajudara-a muito a ultrapassar um momento difícil, após o divórcio, apontando-lhe caminhos sem lhe querer impor a sua opinião. Isabel gostava de Luís, acreditava que sim, embora fosse uma relação mais serena, em nada comparável à paixão que vivera com Filipe.



Quando se lembrava de Filipe sentia um aperto no peito, uma nostalgia,

uma frustrante sensação de inevitável fracasso. Deixá-lo fora a opção correcta, pensava, ou insistia nessa convicção para sossegar o espírito, para não se sentir derrotada. Dissera que o amava e, ao mesmo tempo, abandonara-o. Sabia que Filipe nunca entenderia a sua decisão. Não fora capaz de ser directa com ele, de lhe explicar, mas, por outro lado, achava, ele tinha obrigação de a conhecer e perceber as razões dela sem precisar de uma explicação directa. Isabel desfizera em poucas semanas uma relação construída sem pressa, passo a passo, que tivera de ultrapassar a desconfiança dela, vencida pela paciente dedicação dele. No fim, levada pela ansiedade de cortar com o passado, tomara-se de coragem, recusara-se a vê-lo e derrotara-o pela desilusão. Fosse como fosse, tinha feito a sua escolha e, mesmo se quisesse, não poderia desfazê-la.



Filipe encontrou-a dois meses depois da separação, por acaso, num centro comercial. Viu-a ao longe, a sair de uma loja, e o seu primeiro impulso foi precipitar-se para lhe falar, mas, num segundo momento, surpreendeu-se paralisado por um pensamento fulminante: não conseguia ir ter com ela e abordá-la com a naturalidade de simples amigos. A dedicação à pessoa que amamos, a nossa preocupação com ela, com o seu bem-estar, com a sua felicidade, o tempo que gastamos a pensar nela ao longo do dia, a necessidade de falar com ela, de fazer amor com ela, de lhe aparecer de surpresa e ver os seus olhos brilharem de alegria, de lhe ver um sorriso, de lhe consolar uma tristeza, de a fazer feliz, a entrega sem reservas a essa pessoa torna-a no centro da nossa vida. Se a perdemos, a nossa vida dissipa-se nesse desaire. Filipe não sabia, não imaginava o poder destrutivo que uma pessoa nesta situação tinha sobre a outra, nunca passara por aquilo, nunca fora deixado por nenhuma mulher que amasse o suficiente para se incomodar seriamente com a separação. Em contrapartida, no passado, deixara algumas almas arrasadas pelo caminho e tivera sempre o desespero delas na conta de uma lamechice insuportável. Agora, porém, tomava consciência do que elas haviam sentido por sua causa.

Os nossos sentimentos pela pessoa que amamos são sempre egoístas porque só tratam da nossa felicidade, mesmo se lhe oferecemos incondicionalmente o nosso mundo inteiro e vivemos para ela enquanto estamos apaixonados; um dia, se deixamos de sentir esse amor, se deixamos de precisar dela, nesse exacto instante partimos com pressa e sem olhar para trás. Partimos sem dor – sem a nossa dor, pelo menos –, como se não houvesse uma história, como se não lhe tivéssemos jurado o nosso amor, como se nunca tivéssemos precisado dela realmente e tivesse sido tudo uma

representação, sabes, coisas que se dizem para ganhar vantagem emocional. Acreditaste em tudo o que te disse? Desculpa, mas não sou a alma boa que fazias de mim, eu avisei-te, não me ouviste. Não te quero mal nem quero que me odeies, mas tenho de pensar em mim, na minha felicidade futura, que não passa por ti. E partimos, não podemos continuar, não há uma responsabilidade, uma obrigação, uma moral que nos obrigue a gostar como dantes, voltamos costas, simplesmente. Quando viu Isabel no centro comercial, Filipe sentiu uma alegria súbita e logo uma mágoa desoladora. Isabel tinha-se tornado o centro da sua vida, lentamente, de forma consistente, e Filipe não se importara com o que estava a acontecer-lhe, não se defendera emocionalmente, não ponderara os riscos e fora irresponsável com os seus sentimentos, ciente contudo de que não havia outra maneira de amar. Mas Isabel partira sem olhar para trás.

Isabel teria gostado de o ver e de falar com ele, embora tivesse sido um encontro penoso para ela, mas Filipe não se aproximou, deixou-se ficar ali enquanto Isabel se afastava sem reparar nele.

Filipe voltou para a cama, apagou a luz, permaneceu de olhos abertos, espantado numa irremediável espertina, até se habituar à claridade soturna do quarto, sentindo o pesado desalento dos quartos de hotel quando estamos sozinhos. Porventura, essa solidão e a circunstância pouco ponderada de se encontrar a passar os seus cinquenta anos em Nova Iorque, obedecendo a um impulso romântico, sublinhavam o desamparo que lhe tirava o sono. Mas Filipe era um homem otimista e razoável e de modo algum atravessara os últimos anos afogado numa tristeza inconsolável. Compreendera que não se podia arrancar o amor a alguém que não o sentisse ou, por qualquer motivo decisivo, preferisse abafá-lo a favor, quicá, de uma paz de espírito ou de um conforto mais imediato, de uma felicidade menos exigente, qualquer coisa. Por conseguinte, teria sido um disparate desistir de ser feliz por cedência a uma decepção, a um desgosto.

Por mais dolorosa que fosse a separação, recordava com saudade cada momento com Isabel e não se arrependia nem por um segundo de ter dado tudo por ela, de ter procurado fazer tudo por ela – isto é, admitindo que assim fora, pois Isabel talvez não pensasse o mesmo. A quente, Filipe talvez tivesse sentido que lhe dera mais de si do que o contrário. Parecia-lhe que Isabel era muito concentrada em si própria, sempre tão preocupada com os seus problemas que, normalmente, não havia espaço para falarem dele. Em contrapartida, Isabel queixava-se de Filipe não querer falar da vida dele, dos seus problemas, e ele respondia-lhe que não falava, simplesmente, porque não os tinha.

Não se sentira revoltado com ela nem com o mundo por este não lhe dar tanto quanto ele desejava. Na altura, soçobrara numa profunda tristeza, mas pensava, muito pragmaticamente, que, com o tempo, haveria de esquecer Isabel e, então, ela seria só um pontinho na sua vida, uma recordação antiga, uma nostalgia sem importância. E assim foi, ao longo dos anos subsequentes. Ou melhor, ele fizera com que assim fosse. Não pensara nela, não despendera um minuto do seu tempo a decompor o passado. As coisas são como são e não adiantava analisá-las até à exaustão, procurar descobrir obsessivamente onde falhara. Provavelmente, não poderia ter feito nada melhor, ou, ainda que pudesse, que tivesse feito melhor, no fim o resultado não teria sido o mesmo? Por isso, seguira em frente e não ficara agarrado ao passado. Mas de tempos a tempos tinha, como lhe chamar?, uma recaída. A espaços, dava consigo suspenso numa memória triste, num inconfessável

desapontamento, numa frustração por não ser dono e senhor da sua vida e não poder dizer eu decido o meu destino independentemente das circunstâncias. Naquele caso, não dependera só dele. Acontecia-lhe isto se entrava num restaurante onde costumava almoçar com Isabel, se dobrava a esquina onde antes se encontravam, se passava na rua dela, pela casa dela, e tomava consciência de viverem na mesma cidade, tão perto um do outro, e, ao mesmo tempo, em planetas diferentes.



Já depois de se terem separado e de terem deixado de se ver, Filipe e Isabel mantiveram-se em contacto por um breve período e ele não desistiu dela. Procurava uma solução, tentava fazê-la ver que, se ambos quisessem e se esforçassem, era possível ficarem juntos. Filipe estava disposto a divorciar-se. Nem se surpreenderia se Patrícia não ficasse particularmente desgostosa por ele sair de casa – embora essa sua percepção pudesse estar inquinada por uma certa esperança de acabar o casamento com, digamos, a aquiescência dela, sem dramas, sem dor, como se tal fosse possível. Um homem tem a sua vida interior, os seus silêncios misteriosos, o seu isolamento, que podem ser confundidos com desinteresse. Uma mulher menos paciente, emotiva, pode sentir-se rejeitada e ofendida, já uma mulher mais intuitiva consegue ser tolerante e passar por cima dessa idiossincrasia masculina. Patrícia geria com parcimónia as ausências de Filipe do casamento deles porque o amava, não por indiferença, e, definitivamente, não queria o divórcio.

Um homem apaixonado é uma bomba-relógio. Filipe tinha consciência disso, apercebia-se do quanto era capaz de relativizar agora os princípios incorruptíveis de outrora, de como se dispunha a maleabilizar a sua vida para afastar os obstáculos impossíveis que o impediam de ficar com Isabel. Reconhecia um certo desespero na sua atitude, uma determinação invulgar, uma vontade feroz de fazer qualquer coisa para não a perder. Perguntava-se, *ela vale isso tudo? Ela merece tanto?* E a resposta era invariavelmente *sim*.



Filipe chegou a confrontar Patrícia com o embaraço que se tornara o casamento deles. Tinham horários diferentes, cruzavam-se em casa, cuidavam dos miúdos à vez. Melhor seria se se divorciassem, disse, como se fosse só um desabafo, um estado de espírito. Patrícia parou o que fazia, levantou a cabeça, perscrutou-lhe os olhos, a expressão, os sinais de perigo

no seu rosto comprometido.

– Estás a falar a sério? – perguntou-lhe. – Queres divorciar-te?

– Estou a dizer que o nosso casamento já tem pouco de vida em comum.

– Sim, eu percebi, mas também disseste que o melhor era divorciar-nos.

– Sim.

– Então, eu estou a perguntar-te: é isso que queres?

– O que eu quero é falar disto e descobrir contigo o que é melhor para os dois.

– Muito bem – concordou Patrícia. – Falemos, então.

– Eu sinto – começou ele – que já quase não estamos juntos como um casal. Antigamente não nos largávamos, saíamos muito, fazíamos programas juntos, fins-de-semana fora. Havia uma relação mais forte, não nos cruzávamos em casa.

– Antigamente não tínhamos dois filhos, nem as mesmas responsabilidades, não trabalhávamos tanto.

– Eu sei.

– Queres mesmo o divórcio? Estás a pensar nisso?

– Importavas-te?

– Que raio de pergunta é essa?! – exasperou-se Patrícia.

– Claro que me importava! Filipe, queres dizer-me alguma coisa?

– Como assim?

– Tens outra, é isso?

– Disparate! Não, não tenho outra – mentiu.

– Porque é que me estás a perguntar isso, se me importava?

– Por nada, esquece, o que interessa é arranjarmos mais tempo para nós. Temos de fazer isso.

– Quanto a isso, estamos de acordo. Mas não me voltes a falar em divórcio.

– Não volto – assentiu Filipe, engolindo em seco a falta de coragem, embora na altura estivesse convencido de que acabaria por fazê-lo.

Ficaram assim, Filipe e Isabel, enredados num impasse que redundou num equívoco. Ele, pensando que ela já não o amava; ela, duvidando da determinação dele, acreditando que, no fundo, Filipe não tencionava realmente divorciar-se, mas apenas evitar com promessas vãs que se separassem.

A relação deles, pelo seu carácter secreto, nem sempre tinha sido fácil, minava a paixão, a possibilidade de estarem juntos de facto. Isabel aguentara estoicamente, sempre esperançada de que Filipe tomasse uma atitude, saísse de casa e se dedicasse a ela finalmente, sem condicionantes, sem secretismos. Não lhe dizia, mas sentia-se a segunda mulher, o brinquedo para ele se divertir à margem da sua aparentemente imaculada vida familiar. Crescia nela uma incerteza, não estava convencida de que Filipe a amasse de facto, caso contrário, pensava, já teria deixado a mulher. Isabel começou a reflectir nisso numa tarde após o trabalho. Estava sentada numa esplanada a beber um café num dia soalheiro mas frio de Inverno. Perguntou a si própria se devia sentir-se responsável caso Filipe desfizesse a sua família para ficar com ela, se se importava realmente com a mulher dele. Não a conhecia, não eram amigas, nunca a vira, mas ela existia e tinha um lugar na vida de Filipe. De facto, ela tinha prioridade na vida de Filipe e, provavelmente, ele não a deixaria nunca. E, sim, incomodava-a ser responsável pelo seu divórcio, se acontecesse, mas não, não desistiria dele por isso.

À medida que os meses passavam, Isabel ia acumulando dúvidas no seu espírito, ganhava consistência a ideia de a relação deles não ter futuro. Já Filipe preferia não pensar nisso, amava Isabel e sabia que um dia teria de fazer uma escolha, tomar uma decisão, mas ainda não se sentia preparado para isso. Precisava de tempo.



Patrícia estava de banco no hospital quando recebeu a chamada urgente e as palavras que ouviu deixaram-na apavorada. Era da escola. O seu filho mais novo sofrera uma queda, disseram-lhe, ficara vários minutos inconsciente. Ia a caminho do hospital. Foi um choque. Patrícia dirigiu-se imediatamente para a porta das urgências com as pernas a tremer, o coração acelerado, uma angústia no peito. A ambulância deveria chegar dentro de

dez minutos. Foram os dez minutos mais terríveis da sua vida. Patrícia teve de apelar a todo o seu profissionalismo para controlar a ansiedade e dominar os nervos de modo a estar em perfeitas condições de receber o filho e conseguir ocupar-se dele sem vacilar. Enquanto esperava, ligou a Filipe, mas o telemóvel dele encontrava-se desligado. Deixou-lhe uma mensagem de voz, depois outra, escrita, e em seguida tentou ligar-lhe mais três vezes, mas a chamada foi sempre encaminhada para a caixa de mensagens.

Quando a ambulância chegou, Patrícia precipitou-se para a porta traseira. Verificou logo os sinais vitais do filho, encontrou-o consciente e alerta. Isso sossegou-a, era bom sinal, mas levou-o para dentro e sujeitou-o a todos os testes possíveis. Os exames arrastaram-se tarde fora e, entretanto, Patrícia foi insistindo com chamadas e mensagens para Filipe, mas o telemóvel manteve-se mudo, como se ele se tivesse desligado do mundo. Imaginou que Filipe se tivesse esquecido do telemóvel em casa e se encontrasse no escritório, o que significava que ficaria incomunicável até à noite.



Filipe passara a tarde com Isabel, em casa dela. Chegara depois do almoço e, ainda no elevador, desligara o telemóvel. Ela recebeu-o como sempre, com um sorriso sereno, um abraço, um longo beijo, feliz por vê-lo. Sentaram-se no sofá da sala e ali ficaram a conversar durante algum tempo. Beijaram-se, ela levantou-se, estendeu-lhe a mão, encaminhou-o para o quarto.

Depois de fazerem amor deixaram-se estar na cama, abraçados. Mais tarde, voltaram a fazer amor. As horas foram correndo sem pressa e não se importaram com o tempo a passar, porque naqueles momentos ignoravam o mundo. O mundo e as suas complicações não existiam.

Filipe só voltou a ligar o telemóvel ao final da tarde, quando se despedia de Isabel, e então reparou que tinha várias chamadas não atendidas de Patrícia e outras tantas mensagens.

Isabel viu-o empalidecer enquanto escutava a primeira mensagem.

– Algum problema? – perguntou-lhe, preocupada.

– O meu filho teve um acidente – gaguejou Filipe, assustado.

– O que é que aconteceu?

– Parece que caiu e bateu com a cabeça.

– É grave, Filipe?

– Não sei – respondeu ele, olhando em volta, desorientado, à procura da carteira, do casaco. – Tenho de me ir embora.

Isabel ajudou-o a recolher as suas coisas, entregou-lhas.

– Vai, depressa.

- Depois falo-te – disse, antes de sair.
- Não te preocupes com isso. Vai lá ter com o teu filho.

†

Filipe telefonou a Patrícia assim que saiu de casa de Isabel e entrou no carro para se dirigir ao hospital, mas ela já ia com o filho a caminho de casa.

A criança regressou a casa no próprio dia. Os exames não revelaram nada de anormal, para além de uma ferida superficial na cabeça, e, contra o procedimento de rotina naqueles casos, Patrícia decidiu não deixar o filho sob observação no hospital durante vinte e quatro horas, uma vez que ela mesma poderia vigiá-lo e levá-lo de volta ao hospital se detectasse alguma sequele do traumatismo.

†

– Onde é que estiveste a tarde inteira? – perguntou-lhe Patrícia, depois de deitarem o miúdo.

– Estive no escritório – disse. – Tinha o telemóvel desligado e não reparei.

– A tarde inteira, Filipe?

– Sim, o que é que queres, não reparei, não precisei de telefonar, nem tirei o telemóvel do bolso do casaco. Só vi que estava desligado quando vesti o casaco para me vir embora.

– Inacreditável...

– O que é que é inacreditável, Patrícia?

– Teres o telemóvel desligado o dia inteiro! Nem pensaste que podia haver uma emergência?

– Não, não pensei. Não costumamos ter emergências todos os dias, pois não? E eu não costumo ter o telemóvel desligado.

– Porque é que o desligaste?

– Sei lá! Queres parar com o interrogatório?!

Patrícia ergueu as mãos, como que contendo uma fúria.

– Muito bem – disse apenas, saiu da sala e retirou-se para o quarto.

Não voltaram a falar do assunto, embora Patrícia ficasse sempre desconfiada de que Filipe não lhe contara a verdade. A sua explicação fora plausível, mas o embaraço óbvio que ele evidenciara já não.

†

Filipe só telefonou a Isabel no dia seguinte e, entretanto, ela consumiu-se de preocupação com a falta de notícias. Não sabia nada sobre a gravidade da situação e não podia fazer nada senão esperar. Não podia contactá-lo, nem sequer arriscar-se a telefonar-lhe ou a enviar-lhe uma mensagem. Filipe sentiu-se mal com o sucedido, ficou perturbado. Falhara quando o filho precisara dele, falhara quando a mulher lhe ligara a pedir ajuda. E não fora um simples erro, uma distração desculpável, como defendera. Não, falhara à família porque estava com Isabel enquanto o filho era levado para o hospital. No fim, não acontecera nada de grave, a criança não corria perigo e só precisaria de um dia ou dois de descanso, mas Filipe sentia-se culpado por não ter estado presente. Nem lhe ocorreu enviar uma mensagem a Isabel, a dizer-lhe que estava tudo bem.

Sem notícias, em casa, Isabel passou a noite sem conseguir dormir, assustada. Como Filipe não lhe disse nada, recebeu que se estivesse a passar algo de grave. E ele só lhe ligou ao princípio de tarde do dia seguinte.

– Passei a noite aflita – lamentou-se Isabel. – Podias ter-me enviado uma mensagem a dizer que estava tudo bem.

– Tens razão, desculpa, mas foi uma confusão em casa e a Patrícia ficou furiosa comigo por ter o telemóvel desligado e, olha, não consegui dizer-te nada.

– Uma mensagem, Filipe?

– Eu sei, Isabel, já te pedi desculpa.

Depois disto, Isabel compreendeu que não poderia continuar a viver assim. Ele nunca abandonaria a mulher, pensou. Teria de o deixar agora, caso contrário, mais tarde, o sofrimento seria maior.

A luz do dia entrou de rompante pela janela panorâmica do quarto e despertou Filipe de um sono leve. Abriu os olhos, consultou o relógio, ainda não eram sete horas. Teve a sensação de não ter chegado a dormir, de ter passado a noite a rebolar-se na cama com a mente a pairar entre uma persistente meditação e um sono superficial. Sabia que estivera a sonhar, mas não foi capaz de se lembrar de nada em concreto. O seu primeiro pensamento foi para Isabel. Soltou um suspiro, o dia decisivo chegara. Fazia cinquenta anos e ia ao encontro dela em Nova Iorque.

Saiu da cama, deixou-se estar uns largos minutos a espreitar a manhã pela janela. A vista era simplesmente deslumbrante, cheia de luz e promissora. A cidade estendia-se imponente até ao rio, descobriu a Estátua da Liberdade lá ao longe, seguiu o tráfego marítimo nas águas prateadas do Sol invernos, procurou ao acaso outros pontos de interesse até se sentir com fome e decidir arranjar-se para ir tomar o pequeno-almoço. Fez a barba, tomou um duche rápido, vestiu-se e desceu para comer.

Descobriu que estava esfomeado quando entrou na sala de refeições e um sugestivo aroma de comida acabada de fazer lhe estimulou o apetite. Havia uma mesa bem grande e bem recheada de travessas com muitas variedades de pão, *croissants*, queijos, carnes frias, ovos mexidos, *bacon*, fruta. Tirou um pouco de quase tudo, ignorando ostensivamente as preocupações com a linha e com o colesterol. Serviu-se de café com leite e de sumo de laranja. Sentou-se a uma mesa a comer demoradamente, enquanto planeava o dia. Era o último que ficaria em Nova Iorque. Tinha a manhã e a tarde livres e o avião para Lisboa à noite. Ao planear a viagem, certificara-se de que assim fosse: mais um dia na cidade, sem compromissos profissionais.



Regressou ao quarto, fez a mala, juntou num saco os livros e alguns presentes que comprara para os miúdos e para Patrícia. Desceu com a bagagem, pediu que a guardassem na recepção e tratou do *check out*. Foi à rua comprar cigarros e ao meio-dia regressou ao hotel para se encontrar com o seu agente americano, que vinha despedir-se. Almoçaram num pequeno restaurante italiano na Times Square. O almoço terminou por volta das duas da tarde, separaram-se na rua, frente ao restaurante, e Filipe foi caminhando

sem destino certo, ao longo da Broadway, na direção do Central Park. Percorreu o topo sul do parque, voltou à direita na esquina do hotel Plaza e tomou a 5th Avenue, que o levaria até ao Empire State Building. Caminhava para lá, mas perguntava-se o que faria se Isabel aparecesse, se ainda valeria a pena, se havia uma segunda oportunidade para um amor arruinado por circunstâncias antigas. Agora que estava tão perto do local e da hora marcada, Filipe sentia-se ridículo só por lhe passar pela cabeça a hipótese de Isabel comparecer ao encontro, tantos anos depois de o terem marcado e de se terem separado. No entanto, continuou a dirigir-se para lá.

†

Isabel leu a referência a Filipe dias antes, num jornal *on line*, por mero acaso. Foi na sexta-feira anterior, no escritório, quando dava uma vista de olhos pelas notícias da manhã. O *site* trazia uma pequena informação sobre a presença de Filipe em Nova Iorque, onde iria participar em vários encontros com leitores e em duas conferências. O coração começou a bater mais depressa. Sabia que Filipe faria cinquenta anos dali a alguns dias, nunca se esquecia da data, e sabia exactamente o significado da data neste ano em particular, lembrava-se como se fosse hoje de terem decidido encontrar-se no Empire State Building. Mas tinha sido há tanto tempo. E nunca passara de uma brincadeira, de uma fantasia, que nenhum dos dois levara a sério. Ou levara? Tinham passado anos desde então, vidas separadas, destinos diferentes, e, apesar disso, Filipe estaria em Nova Iorque no dia combinado... Isabel recostou-se na cadeira com os olhos postos no ecrã do computador, incrédula, sem saber o que pensar. Não podia ser uma coincidência, não acreditava que ele se tivesse esquecido e marcado a viagem para a semana dos seus cinquenta anos. Era uma data especial e ele não a festejaria sozinho no estrangeiro se não tivesse uma razão muito forte. Não, não era um acaso, Filipe ia mesmo ao seu encontro em Nova Iorque.

Isabel levantou-se, saiu do gabinete com as pernas a tremer, foi buscar um copo de água à máquina que havia no corredor. Não estava à espera daquilo e não sabia o que fazer. Podia ignorar o assunto, simplesmente, não pensar mais nisso e seguir em frente. Mas era isso que queria? A possibilidade de largar tudo e partir para Nova Iorque ao encontro de Filipe parecia-lhe uma loucura. Mas ele ia fazer precisamente isso. Ponderou telefonar-lhe a avisá-lo de que não iria, diria que lera a notícia e brincaria com a situação, como se não acreditasse que ele fosse a Nova Iorque por causa dela. Era isso, decidiu, voltou para a secretária, sentou-se, agarrou no telemóvel e procurou o número dele – ainda o tinha, embora não soubesse se se mantinha o mesmo. Mas não chegou a fazer a chamada. Não lhe

telefonava há anos, nem saberia por onde começar a conversa. Pensando melhor, parecia-lhe disparatado ligar a Filipe ao fim daqueles anos todos para desmarcar um encontro no Empire State Building, em Nova Iorque. Era disparatado, ou não queria *mesmo* desmarcá-lo? Largou o telemóvel em cima da secretária, irritada. Odiava situações embaraçosas e Filipe sempre conseguira provocar esse efeito nela, até à distância e depois de tantos anos sem se verem.



Isabel fizera tudo para o esquecer, arruinara a relação deles, dera-lhe motivos para não a querer mais, para não confiar mais nela, cortara os laços, afastara-se e envolvera-se com outro homem. E agora descobria que Filipe ia a caminho de Nova Iorque e dava consigo a hesitar em demovê-lo. Bem, com ela ou sem ela, Filipe faria a viagem, tinha o voo marcado, compromissos profissionais, sessões de autógrafos, conferências. Mas ela não iria, evidentemente, era impensável. Não se tratava de um simples encontro, de uma brincadeira, ir a Nova Iorque teria implicações enormes, mudaria a sua vida, e agora ela vivia com Luís, não podia voltar-lhe costas e partir. Fizera isso uma vez, a Filipe, e ele estava a dar-lhe uma segunda oportunidade. Seria capaz de o ignorar novamente? Um dia, Filipe dissera-lhe se não ficarmos juntos, vamos arrepender-nos disso para o resto da vida. Na altura, Isabel não o quisera ouvir, mas tinha-lhe dado razão todos os dias dos últimos oito anos.

A cabeça de Isabel parecia rodopiar, uma angústia tomou conta de si. A vida corria normalmente até ler a notícia no computador, havia uma rotina, uma segurança, uma existência confortável, sem sobressaltos. Quando o deixara não quisera saber mais dele, alheara-se dele sem qualquer peso na consciência, interessara-se por outro homem, sentia-se feliz com a vida que tinha e mandara o passado para trás das costas. Só os seus livros e a memória pacífica daqueles dias permaneciam na sua mente. Mas bastara ler aquilo para sentir uma intranquilidade. Filipe não a esquecera e, obviamente, ele continuava a não lhe ser indiferente. Agarrou no telemóvel, largou-o novamente, voltou a ler a notícia no computador, teve vontade de dar um grito e sair do escritório. De qualquer maneira, já não conseguiria trabalhar nessa manhã.

Filipe chegou ao Empire State Building dez minutos antes da hora marcada, às dezasseis e cinquenta. Parou à frente do edifício, no outro lado da rua, a fumar um cigarro, mergulhado numa nostalgia, a lembrar-se de Isabel na esplanada, anos atrás, do rosto dela, das suas mãos a brincarem com o pacotinho de adoçante vazio, da sua voz a dizer «não estamos destinados a ficar juntos», dele a retorquir-lhe «deixa lá, encontramos-nos daqui a uns anos, quando formos velhinhos. Tomamos um café e lamentamo-nos da vida que podíamos ter tido juntos.» Os anos tinham passado e o destino trouxera-o ali... e Isabel, teria vindo?



Houve um momento, um pressentimento, uma clarividência, Isabel não viria, teve a certeza. Olhou para o relógio, cinco da tarde, deitou fora o cigarro, sentiu-se um perfeito idiota, encolheu os ombros, deu meia-volta e começou a afastar-se, a pensar em questões práticas: apanhar um táxi, ir ao hotel buscar a bagagem, seguir para o aeroporto. Chegou ao fim do quarteirão, viu um táxi vazio, estendeu o braço, o carro parou, entrou, disse a morada do hotel ao motorista.



Reencontrar Isabel teria sido uma alegria, mas a vida não voltava atrás e era um disparate imaginar o contrário. As pessoas não tomavam decisões que lhes mudavam a vida com base em impulsos românticos. Isabel nunca iria largar tudo para se encontrar com ele. Filipe nem sabia se Isabel ainda o amava, se pensava nele, sequer.

O trânsito não avançava, o táxi arrastava-se numa fila que parecia não ter fim, o motorista, um furioso indiano de turbante branco, amaldiçoava aquela cidade impossível. Filipe encostou a cabeça ao vidro, distraiu-se a ver as pessoas calcorreando o passeio, reparou nos homens engravatados e encolhidos nos seus sobretudos, de pasta na mão, nas mulheres sofisticadas, bem vestidas, de cabeça erguida, nos jovens de *jeans* e *sweatshirts* e blusões desportivos, com auriculares nos ouvidos, abstraídos da confusão, fingendo as pessoas, ligeiros nos seus ténis. Calculou que não voltaria a Nova Iorque

durante muito tempo. No dia seguinte estaria em Lisboa e a vida continuaria. «A tua vida funciona sem mim», dissera-lhe Isabel um dia, antes de o deixar. Lembrava-se dessa frase final e de lhe responder com um nó na garganta «não, a minha vida *mexe-se* sem ti». Sabia como isso se revelara tão acertado, apesar de ter passado anos a evitar pensar em Isabel, seguindo o seu caminho fazendo de conta que ela não existia e que eles não tinham sido mais do que um encontro circunstancial entre dois mundos diferentes. Naquele instante, abateu-se sobre ele o peso de oito anos vazios e decidiu que não poderia continuar assim, a enganar-se a si próprio, achando que era possível viver sem amor. Acontecesse o que acontecesse, quando regressasse a Lisboa, pediria o divórcio. Antes, conseguira continuar a viver sem amar, sem se questionar, mas agora seria diferente. Depois ocorreu-lhe uma verdade catastrófica: e se Isabel tivesse ido ao seu encontro? Se estivesse naquele preciso momento no Empire State Building? Como poderia ele viver o resto da vida com essa dúvida? Sem saber?

– Saio aqui! – gritou ao motorista.

– Como, sai aqui? – espantou-se o homem. – Ainda estamos longe do hotel, senhor.

– Não interessa, não vou para o hotel. Tenho um encontro marcado no sítio de onde viemos.

– Está tudo louco – resmungou o motorista.

Filipe atirou-lhe uma nota, abriu a porta, voltou para trás. Olhou para o relógio, verificou horrorizado que já eram quase cinco e dez. Acelerou o passo, atravessou a rua, não se conteve e começou a correr.

Chegou à porta do Empire State Building e quase esbarrou com uma mulher jovem que vinha a sair. Esta voltou-se, espantada, quando ele lhe pediu desculpa sem reparar que falava em português. Depois Filipe entrou no edifício e apanhou o elevador para o terraço de observação.

Catarina ficou ali parada, a ver Filipe desaparecer no interior do Empire State Building. *Hoje é o meu dia de encontrar portugueses famosos em Nova Iorque*, pensou. Por momentos, teve a sensação de o conhecer e, se Filipe não tivesse passado por ela tão apressado, tê-lo-ia cumprimentado como se fosse um amigo. Só depois reparou no erro. Reconhecera-o, não por ser um amigo, mas por ser uma cara conhecida. Catarina já lera vários livros de Filipe e sabia perfeitamente quem ele era. Até já escrevera um artigo sobre o seu trabalho. Fora uma coincidência incrível, esbarrar com ele em Nova Iorque. Mais tarde pensou que se tivesse tido oportunidade de falar com ele teria tentado convencê-lo a dar-lhe uma entrevista.

Catarina era jornalista em Lisboa e viera a Nova Iorque atrás de uma ilusão, talvez. Agarrou nas abas do casaco e fechou-o para se proteger do frio cortante do final da tarde. Serpenteou por entre a multidão, adorava aquela cidade, especialmente na época natalícia, mas era a primeira vez que vinha sozinha. Jonas insistira tanto que viesse ao seu encontro... Agora não tinha tanta certeza se fizera bem, mas, enfim, já lá estava, era um bocadinho tarde para se arrepender. Se bem que ele não soubesse. Não o informara da sua vinda, limitara-se a comprar o bilhete de avião e a atravessar o Atlântico. Foi andando sem pressa, Manhattan era plana e uma pessoa podia caminhar o dia todo a pé sem se cansar. Imaginou a cara de Jonas quando a visse mais logo. Seria uma boa surpresa.



Tinham-se conhecido há um ano e dois meses. Sabia a data de cor. Catarina trabalhava no jornal, onde estava colocada na secção que fazia uma revista semanal. Fora designada para entrevistar Jonas a propósito do seu primeiro concerto a solo, depois de se ter separado do grupo que liderara durante seis anos. Era um concerto importante para Jonas, no Coliseu dos Recreios, a sala de espectáculos mais mítica do país, um salto enorme se tudo corresse bem.

Catarina foi conduzida até às primeiras filas da plateia, convidada a sentar-se e deixada à espera, enquanto decorria o ensaio. Jonas cantava uma canção de amor quando Catarina entrou e, ao reparar nela, foi sentar-se na borda do palco e cantou para ela, concentrado nela, pela primeira vez, sem a

conhecer. Foi um daqueles momentos únicos, que ficam para a vida, porém embaraçoso. Na altura, Catarina sentiu-se intimidada, mas depois guardá-lo-ia como uma boa recordação. Como resultado desse embaraço, a entrevista não foi a conversa agradável que ela esperava, mas antes uma troca de impressões algo estranha. Ele desinibido e desconcertante, ela na defensiva, tentando manter uma atitude profissional e distante.



Jonas telefonou-lhe inesperadamente para o jornal alguns dias mais tarde. Apanhou-a concentrada a escrever uma notícia. Alguém gritou Catarina, telefone para ti, passando-lhe a chamada para a sua extensão. Ela atendeu distraída e não reconheceu a voz à primeira.

«É só para dizer que gostei muito do artigo», disse ele.

– Quem fala?

«Ora, quem fala. Sou eu, o Jonas, minha querida.»

– Ah, sim...

Catarina parou o que estava a fazer, por instantes sem reacção, sem saber bem o que dizer, mas com a certeza de odiar aquele tratamento familiar, pior ainda, aquela familiaridade paternalista. Sentiu-se corar, em ebulição por dentro, respondendo-lhe contudo num tom distante, o mais impessoal e o mais gelado possível.

– Ainda bem que o artigo lhe agradou – disse.

«Estava óptimo, muito bem escrito. Só um reparo, da próxima vez que escreveres sobre mim não me descrevas como uma promessa da nova música portuguesa. Eu não sou uma promessa, sou uma certeza.»

– Reparo anotado – retorquiu Catarina. – Posso fazer mais alguma coisa por si?

«Por acaso, até podes.»

– O quê, diga lá.

«Podes vir jantar comigo.»

– Lamento, mas isso não faz parte das minhas atribuições profissionais.

«E quem é que está a falar de trabalho, minha querida?»

– Jonas, Jonas, eu não sou a sua querida, nem tão-pouco uma das suas fãs adolescentes que se derretem consigo e saltam quando você estala os dedos. Por isso, o jantar está fora de questão.

«Reparo anotado», respondeu Jonas, imitando as palavras dela sem se mostrar vexado com o raspante.

– Óptimo, agora, se não precisa de mais nada, estava aqui a meio de uma coisa...

«Okay, ao menos, promete que vais pensar na minha proposta.»

– Não me parece. Boa tarde – disse. E desligou.

Jonas encarou a recusa de Catarina como um desafio. De facto, estava habituado a ser correspondido quando estalava os dedos, mas Catarina era diferente, o que só o motivou ainda mais. Ia conquistá-la, decidiu.

Hoje em dia, Catarina reconhecia que a persistência de Jonas tinha dado os seus frutos, enquanto ele pensava que valera a pena não ter desistido, apesar de ela o ter rejeitado inicialmente. Que diabo, uma conquista era sempre uma vitória.

A casa de Jonas era um *open space* bastante caótico em Alcântara, que reflectia bem o estilo de vida dele. Havia pratos e copos sujos pelo chão, garrafas de cerveja tombadas e cinzeiros cheios ao lado de um conjunto de sofás de boa qualidade. Nas paredes de tijolo à vista estavam pendurados vários discos de prata e de ouro emoldurados, resultantes das vendas dos seus trabalhos anteriores, ao lado de cartazes que anunciavam diversos concertos da sua banda e que davam a qualquer observador uma ideia do percurso do grupo nos últimos anos. Num espaço autónomo, via-se uma colecção de guitarras acústicas e eléctricas, fios serpenteando pelo soalho até a um amplificador *Marshall* e dois pés de microfone. Um sintetizador, um baixo, uma bateria e outros instrumentos de percussão completavam o espaço do *open space* dedicado aos ensaios da banda. A casa de Jonas ficava num antigo armazém que ele comprara e recuperara, sendo o único morador no edifício, o que lhe permitia juntar os músicos que o acompanhavam e ensaiar a qualquer hora do dia sem reclamações dos vizinhos.

Jonas acordou já passava do meio-dia. O quarto, na realidade uma suíte com a casa de banho separada por uma frente envidraçada, era a única divisão fechada do apartamento. Jonas arrastou-se da cama, onde deixou uma rapariga adormecida e nua debaixo dos lençóis, e foi, também nu, procurar um cigarro por entre os destroços da noite anterior. Como só encontrou maços vazios, recuperou uma beata meio fumada de um dos cinzeiros esquecido no tapete entre os sofás. Em seguida regressou ao quarto e entrou na casa de banho, onde ficou quase meia hora, entregue ao difícil exercício de fumar e tomar duche ao mesmo tempo. Eram os primeiros dias de Julho, particularmente quentes, e Jonas abriu só a torneira da água fria para se refrescar e acabar de despertar. O banho fresco ajudou-o a emergir da modorra da tensão baixa provocada pelo calor do quarto abafado e a aclarar as ideias, bastante toldadas por uma noite de álcool, tabaco e haxixe em abundância. Vestiu uns *jeans* pretos amarrotados, que apanhou do chão ao lado da cama, e uma *T-shirt* cinzenta lavada.

A área da cozinha era reduzida, embora tivesse todos os

electrodomésticos que um homem pudesse necessitar para preparar uma refeição decente encastrados em móveis de portas lacadas, azul-escuras. Jonas partiu cinco ovos numa tigela, bateu-os e mexeu-os numa frigideira. Sentou-se a uma mesa alta, um prolongamento da bancada ao lado do lava-loiças, com os pés descalços pousados no ferro cromado do banco, numa posição indolente, o cotovelo esquerdo apoiado no tampo, a mão direita a manejar o garfo, a comer os ovos e a cabeça a trabalhar devagar, recapitulando a noite anterior, vasculhando na memória enevoadada em que discoteca teria encontrado e engatado a rapariga que continuava a dormir na sua cama, no seu quarto. O bater metálico do garfo no prato era o único som audível nos duzentos metros quadrados que, ao fundo, terminavam numa janela panorâmica sobre o rio prateado. Os vidros duplos impediam que Jonas escutasse o trânsito intenso da marginal que passava em frente ao edifício. O apartamento ficava à altura de um segundo andar, embora tivesse por baixo apenas um piso, igualmente espaçoso, mas vazio, que lhe servia de garagem. No ponto onde se encontrava, sentado à mesa, Jonas só avistava a linha do comboio para lá da estrada e, mais para lá ainda, o rio. Levou uma garfada de ovos à boca, mastigou-os lentamente, fazendo um esforço para se lembrar, mas a última lembrança que lhe restava era de ter terminado a noite ali em casa com três amigos e quatro raparigas, um grupo de amigas, supunha, que se teria juntado a eles algures depois do jantar num restaurante nas docas.

†

A rapariga surgiu à porta do quarto, encostou-se à ombreira da porta, nua, enrolada no lençol que trouxera da cama. Fez uma cara engraçada, abriu muito os olhos e sorriu, um sorriso entre o ingénuo e o culpado, como uma menina pequena com a consciência de ter sido apanhada a fazer uma asneira. *Meu Deus*, pensou Jonas, com o peito apertado de emoção, *não deve ter mais de dezanove, vinte anos*. Era muito bonita, loura, cabelo liso, ligeiramente desgrenhado, louro natural, olhos castanho-claros, nariz pequeno e, tanto quanto ele se lembrava, seios pequenos, barriga lisa, o rabo e as pernas... bem, uma perfeição.

– Bom dia – disse ela.

– Bom dia – respondeu-lhe. – Tens fome?

– Esfomeada.

– Vem comer. Fiz uns ovos mexidos.

Ela aproximou-se, descalça, parecendo uma ninfa a deslizar por cima do soalho, enrolada no lençol branco, e sentou-se no banco alto no outro lado da mesa. Ele foi buscar um prato, talheres, um copo. Abriu o frigorífico,

voltou-se para trás, leite ou sumo, perguntou. Sumo, respondeu ela. Trouxe um pacote de néctar de pêssago para a mesa, serviu-lhe os ovos e deixou que ela deitasse o sumo no copo. Comeram uma garfada em silêncio, ligeiramente constrangidos na presença um do outro naquelas circunstâncias.

– Como é que te chamas? – perguntou Jonas, decidindo que não valia a pena fingir que eram velhos amantes.

Ela soltou uma risadinha curta.

– Luísa.

– Sabes quem eu sou?

– Muito bem. Não te lembras de te ter pedido um autógrafo ontem à noite?

– Ah, é verdade – disse ele, não se lembrando de todo.

†

Acabaram de comer sem grandes conversas, só o suficiente para Jonas colmatar algumas lacunas de memória, preencher os buracos negros que persistiam, de modo a perceber como as coisas se tinham passado na noite anterior. Depois resistiu à tentação de levá-la de volta para a cama e disse-lhe que poderia tomar duche antes de sair. Ela percebeu a indirecta e retorquiu que não se demorava nada, pois já estava atrasada para as aulas. Aulas onde, perguntou Jonas, um pouco alarmado. Na Universidade Nova, respondeu Luísa. Jonas voltou a respirar, *pelo menos, não anda no secundário*, sentiu-se mais aliviado. Ela saiu meia hora mais tarde e ele pensou que não voltaria a vê-la.

Catarina estava sentada numa esplanada no Guincho, debaixo de um toldo enorme, aberto, não obstante ser de noite, uma noite fresca e húmida. A certa altura começou mesmo a choviscar. Dentro do restaurante decorria uma festa, mas apetecera-lhe vir cá fora tomar um pouco de ar, longe da algazarra dos amigos, fazer uma trégua para fumar um cigarro em paz. Vestia uma camisola de algodão bege que a protegia do frio. Cruzou os braços para se sentir mais confortável. O seu cabelo era uma agradável confusão de caracóis louros, tinha uma pele muito branca, um rosto de uma beleza suave, olhos castanho-claros. Da varanda sobre a praia mal conseguia vislumbrar a espuma branca das ondas por entre as sombras altas das arribas que se acoitavam na penumbra, mas ouvia-as rebentar ao longe com grande estrépito. As ondas desfaziam-se na praia a intervalos constantes numa marulhada que deixava adivinhar um mar picado.

Catarina surpreendeu-se a pensar em Jonas, que, ultimamente, lhe enchia a caixa do *mail* com mensagens, algumas bastante divertidas, tinha de conceder. Ele não era daqueles que desistiam facilmente e hoje ela deixara-se ir atrás de um impulso e respondera-lhe, depois de quase duas semanas a ignorá-lo ostensivamente. Era sexta-feira e Catarina estava na redacção, prestes a sair para o fim-de-semana, quando recebeu mais uma mensagem dele. «Só para te desejar um bom fim-de-semana, meu anjo», dizia a mensagem. Vinha acompanhada de uma música, *Angel*, de Jack Johnson. A mensagem pareceu-lhe um pouco ridícula, mas ouviu a música e achou-a simplesmente encantadora. Não resistiu e respondeu-lhe, dizendo apenas que a adorara. Só isto, sem mais considerandos, sem lhe dar a entender coisa nenhuma, sem o encorajar. Mas ainda assim estabelecera contacto e agora mal podia esperar pela reacção dele. Mesmo não querendo admiti-lo, havia algo em Jonas que a atraía. Alto, esguio, sem um grama de gordura, cabelo comprido desgrenhado, rosto de linhas harmoniosas, uma descrição que Catarina poderia resumir com as seguintes palavras: é lindo de dar vontade de nos atirmos para os seus braços e cobri-lo de beijos, embora fosse a sua personalidade desconcertante, a pairar entre o rebelde e o pueril, que o tornava terrivelmente divertido. Se o conhecesse melhor, saberia que ele conseguia ser bem menos encantador do que revelava à superfície. Desde que o entrevistara, Jonas não parara de insistir em sair com ela e, embora tivesse sido inconveniente, ela não fora capaz de manter durante muito tempo a pose distante e fria que assumira no início, ao telefone. Claro

que Jonas não sabia disso, pois Catarina não lhe respondia às dezenas de *mails* que ele lhe enviava todos os dias, mas não conseguia zangar-se de facto. A sua persistência com graça era elogiosa para ela, fazia-a sentir-se apreciada e mexia consigo, com a sua vaidade.



Deu uma passa no cigarro, soltou o fumo para o ar, pondo a cabeça de lado. Os seus olhos cruzaram-se com um foco fixado no telhado do restaurante e, por momentos, ficaram presos à imagem dos chuviscos que caíam defronte da luz, hipnotizados com o efeito. Pensou que não se podia deixar ir atrás de um entusiasmo, de uma aventura. Uma mão grande e quente pousou na sua nuca e Catarina quase deu um pulo na cadeira, sobressaltada. Calma, querida, sou eu, ouviu dizer a voz familiar e os seus ombros relaxaram-se de imediato. Espreitou por cima do ombro.

– Assustaste-me.

– Não estavas a pensar coisa boa – disse ele, a brincar.

– Oh! – protestou. – Assustaste-me. Não te ouvi aproximar.

Ele inclinou-se sobre ela e começou a beijá-la no pescoço, abraçando-a por detrás. Ela encolheu-se e riu-se.

– Estás a fazer-me cócegas, Ricardo! – reclamou.

Ele passou os braços à volta dela. Amo-te, sussurrou. Catarina ergueu a mão, mergulhou os dedos no cabelo dele, disse eu também, mas sentiu-se envergonhada por ter sido surpreendida a pensar em Jonas.

Jonas almoçou com o responsável da comunicação com a imprensa da sua editora, o que se ocupava dos contactos com a televisão. Era um tipo jovem, vestido informalmente, cujo trabalho consistia em agradar aos músicos e aos responsáveis editoriais que decidiam se e quando faziam reportagens sobre as estrelas que promovia, gente sempre impaciente por aparecer na televisão, que ele serenava com insuspeita mestria.

Foi um almoço tardio e demorado, que se prolongou pela tarde fora, numa esplanada à beira-rio. O que tinham para falar não lhes demorara mais de trinta minutos, mas estava um sol maravilhoso e Jonas não tinha nada de especial para fazer, de modo que ficaram por ali à conversa. Jonas estava eloquente e, como sempre, precisava de alguém que o ouvisse falar de si próprio, o seu tema preferido. O jovem que o acompanhava sabia representar admiravelmente o papel de bom amigo e nem por um segundo teve a fraqueza de se mostrar enfadado ou consternado por ter o trabalho a atrasar-se no gabinete. De facto, ele era o que Jonas tinha de mais parecido com um amigo, alguém com quem se dava ocasionalmente e cujas conversas, em geral, não ultrapassavam a superficialidade dos temas. Jonas não debatia assuntos importantes, Jonas dizia que se estava a cagar para os assuntos importantes, Jonas tinha uma impressionante colecção de botas, acumulava *jeans* e *T-shirts* nos armários, tinha duas motos topo de gama na garagem e sabia tudo sobre música, um tópico onde o seu companheiro de almoço – sempre oportuno – dava cartas, debitando informações enciclopédicas sobre a matéria. O jovem era imbatível a precisar datas, nomes, acontecimentos e muitos outros factos musicais sem qualquer utilidade prática senão a de alimentar as conversas com a gente do meio, os cromos que ele aturava e não sabiam falar de mais nada.



Quem conhecia a figura pública tinha decerto a convicção de que Jonas era pessoa de muitos amigos. De trato fácil, encantador, famoso, adorado pela sua música e pela sua beleza, enfim, aparentemente reunia todos os ingredientes para coleccionar amizades. Mas a realidade era bastante diferente, pois Jonas não era tão afável quando as luzes se apagavam e cessava a obrigação profissional de espalhar charme e sorrisos. Porventura,

a educação condescendente que usufruía em criança havia contribuído para a sua personalidade egocêntrica. Os pais, separados desde que ele era pequeno, cobriam-no de atenções e satisfaziam-lhe os desejos mais insólitos para o compensar das suas ausências. Jonas crescera com a vida facilitada e sem nunca ter chegado a apreender o verdadeiro valor de ser amado. Jonas não se empenhava nas relações, quer com homens quer com mulheres, bastava-lhe ter gente à sua volta, ser acarinhado, ser o centro das atenções, e isso, evidentemente, não lhe faltava. Os amigos, tal como as mulheres, eram ocasionais, por épocas, e perfeitamente descartáveis. No caso das mulheres, cortejava-as com uma graça e uma dedicação inesgotáveis, mas quando lhe passava o entusiasmo inicial e começava a sentir-se aborrecido, Jonas largava-as e pronto. Assim como garantia a uma namorada, com os olhos a brilhar de emoção, que a amava, também a deixava no dia seguinte sem que isso lhe tirasse o sono. Além dos engates eventuais, Jonas saltava de namorada em namorada, acontecendo com frequência já estar com a próxima e ainda em vias de se desfazer da anterior com as condolências da praxe. Se elas insistiam, tratava-as com indiferença, se sofriam com isso, desvalorizava-lhes o desgosto com uma piada ligeira. Desmotivava-as até se darem por vencidas e desistirem de o incomodar. Era, enfim, como diria qualquer rapariga inteligente, um tipo que não prestava, um bom sacana, que convinha manter à distância, se não fosse quem era, evidentemente.



Debaixo do sorriso sedutor havia um homem que não caminhava pela rua tão seguro e tranquilo quanto a pose descontraída parecia indicar. Os êxitos musicais seguidos, as tabelas de vendas, os concertos esgotados, a televisão e a rádio, o reconhecimento popular, as fãs irredutíveis, nada disso o mantinha a salvo de se despencar subitamente dos píncaros da auto-estima e mergulhar na insegurança da pessoa vulgar que receia o dia de amanhã. Também ele temia o fracasso e a solidão que daí pudesse advir. Os pais estavam velhos, a família que ele desleixara resumia-se a uns quantos primos dispersos por outras vidas e Jonas precisava muito de se cercar de pessoas para não tropeçar e cair nos braços dos seus demónios.

Jonas era dado a humores volúveis, sorria com a mesma facilidade com que insultava, acometido de fúrias caprichosas. Tinha um espírito frio, inteligente, calculista, e não se motivava com palmadinhas nas costas ou elogios sinceros. O que o tornava de facto combativo, capaz de virar a mesa para alcançar um objectivo, era o desdém. Não suportava que lhe dissessem que não estava à altura, que ia falhar, não se submetia à derrota, não perdoava quem o tratava mal – embora tratasse mal muita gente –, não

aceitava a rejeição. Por isso o desinteresse de Catarina lhe despertou os sentidos e a vontade irreprimível de a seduzir, de a conquistar.

Acabou de escrever uma notícia, a quinta dessa tarde, avia-me aí as breves, pedira-lhe o editor. Fê-lo automaticamente, sem grande esforço intelectual, uma colecção de curiosidades parvas sobre estrelas internacionais. Perguntava-se a quem é que interessava saber que uma actriz do outro lado do oceano tem um novo namorado, uma nova casa ou, já agora, umas novas mamas? Mas a verdade é que interessava a muita gente. Para Catarina era só trabalho e, como todos os trabalhos, tinha partes boas e partes más. Escrever breves não era propriamente o seu ideal de uma tarde bem passada na redacção, mas naquela tarde sentia-se alheada e foi bom não ter em mãos nada que exigisse toda a sua concentração.

A cabeça vagueava. Havia nela uma insatisfação latente por causa da sua relação com Ricardo. Estavam juntos há cinco anos, mas actualmente as suas vidas tinham muito pouco em comum, não havia um telefonema, não almoçavam nem jantavam um com o outro, chegavam tarde e mergulhavam na cama, normalmente sem fazer amor. Não tinham filhos, andavam a adiá-los há quanto tempo? Desde sempre, pensou.

O dedo clicou no botão esquerdo do rato, o ecrã saltou para a caixa de mensagens, nada de novo, o dedo clicou novamente no botão do rato, o ecrã saltou para as breves. Passara a tarde nisto. Subitamente, deixara de receber mensagens de Jonas, nem uma desde que, contra todas as expectativas – as suas, pelo menos –, lhe respondera ao *mail* a que se rendera pela música. Pensava *ainda bem que ele desistiu*, mas a alma espicaçada por uma pontada de desilusão não a deixava ignorar o assunto e assim continuou pela tarde a verificar a caixa de mensagens, sentindo-se ao mesmo tempo aliviada por não receber nenhuma e decepcionada pela mesma razão.



A relação de Catarina com Ricardo não excedera em nada a sua expectativa, vulgar, contudo ambiciosa: qualquer coisa como uma paixão duradoura, um entusiasmo permanente, um amor que se alimenta a cada dia que passa, tornando-se mais e mais forte, como um laço inquebrantável, fazendo das suas vidas uma felicidade crescente. Uma banalidade, portanto, não fosse ela uma rapariga banal e, como tal, sonhasse com muito e se contentasse com pouco. Com efeito, o tempo selara um compromisso, uma

cumplicidade, uma rotina se quisermos, que dificilmente se desfaria. Para Catarina, o que tornava esse laço difícil de quebrar não era um sentimento de amor realizado, mas antes o facto de estar demasiado envolvida com Ricardo para poder voltar atrás, como se tivesse contraído um conjunto de obrigações morais, uma complexa teia emocional que a impedia de se desligar dele de um dia para o outro sem que tal decisão lhe acarretasse consequências psicológicas nefastas.

De qualquer modo, Catarina não estava realmente a ponderar separar-se de Ricardo, não era uma hipótese que colocasse seriamente. Muitas vezes só apreciamos mesmo o que não temos, ou, no caso do amor, aquele que nos escapa por entre os dedos. Catarina amava Ricardo, ou acreditava que amava, repetia a si mesma que sim, quase como se quisesse convencer-se, e supunha que, se ele a deixasse, ficaria destroçada, desamparada, sem saber para onde se virar. Se, porventura, Ricardo trouxesse flores para casa, se telefonasse durante o dia e lhe propusesse um encontro a meio da tarde, se andasse transtornado com ciúmes inusitados e a massacrasse com a sua presença constante, nesse caso ela sentir-se-ia mais segura, mais descontraída, menos preocupada com a possibilidade de não o amar, pois esse estado de dependência dele seria mais do que suficiente para lhe encher o peito de vaidade e a alma de paz. Mesmo que não o amasse de facto. Mas Ricardo era um talentoso vendedor de carros que ascendera a empresário, dono de dois stands, que ganhava a vida a impingir chãos a incautos e a única coisa que trazia para casa era a mesmíssima lábia fácil e habilidosa que outrora a encantara e agora, de tão batida, já não a convencia.

Não, Catarina não ponderava a separação – por falta de coragem? Admitamos que sim –, contudo, o facto de ter estes pensamentos, de imaginar pelo que passaria se quisesse separar-se, de se perguntar se teria ânimo para tal, já não se afigurava um bom prenúncio.



Como encaixar então o advento de Jonas na pacata, insatisfeita e vulgar vidinha de Catarina? Apesar de tudo, com Ricardo ela estava no seu elemento. Ricardo vestia fato completo e andava de *Porsche* durante a semana – qualquer um disponível para venda – e vestia uma *T-shirt* mal-amanhada, *jeans* e chinelas de enfiar o dedo ao fim-de-semana, para estar com os amigos na tasca do bairro a beber umas *jolas* à volta de um jogo de futebol e de uma boa conversa boçal. Ricardo não lia um livro, os que havia lá em casa eram de Catarina. Ricardo era bem-parecido, bem-falante, cheio de expediente, empreendedor, mas, no fundo, um sofisticado de fachada, um simplório. Em contrapartida, Jonas correria mundo, cruzava-se com meio

mundo, conhecia a elite das artes, do desporto, da política, do que quer que fosse, conhecia aquelas pessoas que toda a gente conhecia só pela imprensa, pela televisão – melhor, ele *era* uma delas. Jonas compunha músicas que o país inteiro cantarolava, o seu trabalho fazia parte do imaginário da nação. Não obstante declarar um desinteresse pela política, pela ruína do país, pelos dramas internacionais que vinham nos jornais, Jonas lia-os, assim como lera todos os livros, sabia e percebia tudo o que se passava à sua volta. O desprezo pelas coisas importantes não era ignorância, mas sim uma atitude deliberada.



Catarina via-se a si própria como um produto da sua educação, do seu meio, consciente da família de origens modestas a que pertencia. Orgulhava-se do curso superior que lhe permitira ascender a um emprego que muitos gostariam de ter, mas, sabendo as suas limitações, não se via no gabinete da direcção do jornal dali a uns anos, nem sequer com um cargo de chefia importante. Ela escrevia breves, por amor de Deus! Era verdade que também lhe acontecia entrevistar figuras de primeiro plano, como Jonas, mas convenhamos que estava longe de ser uma Christiane Amanpour portuguesa ou coisa que o valha.

Quando pensava em Jonas, Catarina assustava-se com a ideia de vir a ser sua namorada e de ter de lidar com o seu mundo, onde, imaginava, nunca seria bem recebida e haveria de sofrer a humilhação de ser considerada apenas a sua rapariguinha do momento, mais um capricho amoroso que haveria de lhe passar. Estava mesmo a imaginar as pessoas, condescendentes, a comentarem, ah, sabes como é o Jonas, artista, qualquer dia arranja outra burra gira e troca-a por esta.

Depois caía em si e pensava *meu Deus, onde é que isto já vai! A pensar se fosse a namorada dele. Eu não estou boa. Ele quer lá saber de mim. Sou só uma brincadeira para ele*. E no entanto era mais forte do que ela fantasiar sobre estas coisas. Afinal de contas, nunca tivera um homem famoso à perna, por assim dizer. Os homens do seu mundo real, da sua intimidade fora do jornal, aqueles que se interessavam verdadeiramente por ela, eram os que comiam às mesmas mesas onde ela se sentava, os que bebiam cerveja pela garrafa enquanto viam a bola e daí não haveriam de passar nunca. Portanto, não lhe era possível ignorar a sedução de Jonas e não se sentir apreciada, não se deixar levar por um certo fascínio, uma certa vaidade por ter captado a atenção dele.

A mensagem, estranha, enigmática, caiu na caixa de correio do *Hotmail*. Dizia apenas «tenho uma notícia para ti, em exclusivo. Vem ter comigo agora.» E indicava um determinado local numa rua próxima. Catarina não reconheceu o remetente, que dava pelo disparatado nome de *amigo secreto*. Uma parvoíce qualquer de alguém a meter-se com ela, presumiu. Apagou a mensagem e voltou ao que estava a fazer. Mas uma inspiração súbita levou-a a recuperar a mensagem rejeitada. Leu-a de novo, mais devagar, analisando-a melhor, como se a prosa anónima, sucinta e crua, tivesse muitos ângulos por onde pegar. Com efeito, era só uma questão de entender de quem vinha para saber se merecia o crédito de uma verdadeira fonte ou se, pelo contrário, aquilo não passava de lixo electrónico. Mas o que a prendeu ao mistério foi o seu estado de ansiedade, que tinha vindo a crescer com a falta de notícias de Jonas. Perguntou-se se a mensagem seria dele. Ele decidira ignorá-la definitivamente ou, pelo contrário, testava a sua sagacidade com um enigma? E, se assim fosse, deveria fazer a concessão de pactuar com a sua brincadeira ou manter-se sem reacção, num silêncio imperturbável, até ele se render com uma mensagem com nome próprio? Que fazer? Coçou a cabeça, esfregou a cara, ponderou, incomodada com a dúvida, até decidir que aquilo não tinha pés nem cabeça e portanto não lhe daria importância. *Cresce, menino*, pensou, voltando a apagar a mensagem.

Mas nem dez minutos passaram e já Catarina voava de carteira na mão por entre o labirinto das secretárias em direcção à porta de saída da redacção, traída pela curiosidade, incapaz de continuar a trabalhar com aquela inquietação a incomodá-la.

Era extraordinário que tivesse uma vida dupla. Ele próprio se espantava quando pensava no assunto, dizia de si para si *és mesmo maluco*, mas dizia-o com orgulho, com um sorriso nos lábios, pois sentia-se poderoso quando submetia as mulheres à sua vontade. Tinha sempre uma namorada, na vida normal, bem entendido, mas eram as outras que mais o excitavam, aquelas que atraía para a sua armadilha para depois as vergar, deixando-as impotentes para o contrariarem, fazendo delas um mero objecto de prazer. Gostava de as assustar, de as tratar mal.

O que mais o fascinava era nunca ter sido apanhado. Sabia o perigo que corria, gostava do perigo, de atravessar a linha da decência e colocar-se a jeito, penetrar bem fundo no lado negro do mundo, arriscar-se a ser preso e enfiado numa cela escura, ser objecto de todas as censuras, ter a cara estampada nas primeiras páginas dos jornais e ser apelidado de monstro. Bem, não que fosse um monstro, não se considerava nenhuma aberração, apenas um tipo excêntrico e intrépido que pisava um bocado o risco. Na sua experiência da rua, como chamava às sortidas que fazia ao lado secreto da vida, já havia encontrado de tudo, desde rapariguinhas ingénuas que lhe rogavam por tudo que não as magoasse, a mulheres doidas que se riam dele e o incentivavam a ser violento com elas. Às vezes atraía-as para o carro e levava-as a um lugar ermo, noutras conseguia que o convidassem para casa delas. Não usava armas e nunca as obrigava a nada, só as tratava com brutalidade depois de elas acederem a ter relações com ele. Como era um tipo bem-parecido e facilmente reconhecível, conduzia as coisas de modo que não pudessem acusá-lo mais tarde de as ter raptado e violado, porque de facto, pensava ele, não era isso que acontecia, simplesmente esperava até chegarem a um ponto em que não podiam recuar, pois não lhes aceitava um não depois de se terem despidido e enfiado consigo na cama. E, em geral, elas sentiam-se tão humilhadas que se calavam com vergonha.

†

Por vezes, vangloriava-se das suas aventuras secretas a um ou outro amigo, mas nunca chegava ao detalhe da brutalidade, evidentemente. O inconveniente de ter uma vida dupla era não poder contá-la a ninguém, e ele, que tomava nota de tudo num caderno que escondia, desejava

intensamente ter essa oportunidade. Fantasiava com a ideia de escrever um livro sob pseudónimo ou dar uma entrevista anónima. Foi esta segunda hipótese que o levou a interessar-se por Catarina. Ela era jornalista e, quem sabe, talvez a conseguisse convencer a publicar a sua história no jornal.

Catarina entrou num café de esquina, moderno, agradável, vazio e silencioso às quatro e meia da tarde. Pediu uma bica ao balcão e foi sentar-se numa mesa com vista perfeita para a rua, ao lado da janela panorâmica que substituíra a parede exterior do café. Despejou o saquinho de açúcar na chávena e mexeu-o demoradamente com a colher, quase até o café ficar frio, distraída, com os olhos postos na rua, nervosa, sempre a pensar se não iria fazer figura de parva. Deixou-se ficar ali, a vigiar o movimento lá fora. Bebeu o café, recostou-se na cadeira, cruzou os braços, pensou em todas as possibilidades, numa partida de alguém da redacção, nalguma pessoa conhecida que quisesse revelar-lhe uma história, num desconhecido, em Jonas. Mas se fora ele a enviar-lhe a mensagem, não comparecera ao encontro, o que não fazia sentido. Sentiu-se culpada por estar ali por causa dele, pensou em Ricardo, afastou-o logo da mente como se pretendesse estabelecer uma separação entre eles. Interrogou-se porque não conseguia parar de pensar em Jonas. Afinal de contas, só estivera com ele uma vez e nem sequer fora muito bom. Ele embaraçara-a, deixara-a incomodada, mas, claro, cantara uma canção para ela, a canção que Catarina trazia no leitor de cd do carro e escutava a toda a hora, embora imaginasse que ele já devesse ter feito aquele número de cantar, olhos nos olhos, para outras mulheres, para as impressionar. Talvez resultasse com as outras, pensou, mas ela não era idiota e não caía no seu truque. Pois... também lhe dissera que não era uma das suas fãs adolescentes que saltavam quando ele estalava os dedos e bastara uma mensagem dele – ou melhor, uma remota hipótese de ser dele – para sair a correr da redacção e estar ali especada a fazer não sabia o quê.

A música que Jonas lhe cantara, bem, fora embaraçoso, mas também um momento mágico. Catarina andara a evitá-lo, mas agora sentia curiosidade em conhecê-lo melhor; e os seus *mails*, pensar nele, fantasiar sobre ele, tudo junto, quebrava-lhe o discernimento, a força de vontade. Era ele estalar os dedos e ela não resistia. Suspirou, incomodada, nem sequer sabia se ele estalara os dedos.



Uma mulher de idade entrou no café a puxar um saco de compras com rodinhas. Fixou-se no balcão de vidro a examinar os bolos enquanto

tagarelava com a empregada, indecisa, fazendo um inquérito rigoroso sobre os bolos, se eram de hoje, do que era este e aquele. Pediu uma fatia de *cheeskake*, um café em chávena escaldada, um copo de água. Levou tudo para uma mesa, voltou atrás para trazer o saco das compras, demorou uma eternidade a colocá-lo num canto, até se dar por satisfeita. Arrastou a cadeira, sentou-se e arrumou metodicamente o prato, o garfo, a chávena e o copo de água, tudo à sua frente, ao seu jeito.

Catarina fechou os olhos por alguns segundos e pensou *quando abrir os olhos, vais estar sentado à minha frente*. Abriu-os e não aconteceu nada, a sala continuava na mesma. A mulher, algumas mesas à frente, cerrou os olhos míopes, observando-a ostensivamente, abanou a cabeça, desconsolada. São todos iguais, minha filha, todos iguais, disse, como se soubesse exactamente o que se passava com Catarina. Ela correspondeu ao comentário com um sorriso fraco, nada interessada em falar com a outra. Levantou-se, pegou na carteira, foi-se embora.



À saída, parou, como que a decidir o caminho a tomar. Uma última oportunidade, um segundo mais antes de se ir de mãos a abanar. Um homem jovem, encostado a um carro, de braços cruzados, observou-a por detrás de uns óculos de sol. Vestia um pólo por cima de calças de ganga, sapatos de vela. Ela, distraída com o seu mistério, não deu conta dele, viu-o mas não viu. Voltou-se para a direita e começou a subir a rua.

– Catarina? – chamou o homem.

Ela parou ao ouvir o seu nome e voltou-se, admirada por não reconhecer quem a chamava.

– Catarina – repetiu ele, agora como uma interrogação.

– Sim – disse ela. – Sabe quem eu sou?

– Catarina Trindade, jornalista. Sim, sei quem é.

– E você é?...

Ele desencostou-se do carro, afundou as mãos nos bolsos das calças, mantendo os polegares de fora, estreitando os braços ao longo do corpo. Sorriu.

– Fui eu que lhe enviei o *mail* – explicou.

Catarina deu dois passos em frente, ele deu um na direcção dela, estreitaram a distância entre os dois, mas não o suficiente para poderem tocar-se. Ela manteve uns prudentes metros de separação, enrugou a testa.

– Não nos conhecemos, pois não? – perguntou.

– Não – confirmou ele, sem desarmar o sorriso atrevido. – Mas sei quem és.

O tratamento familiar alarmou-a. Não sabia bem porquê, mas aquele homem não lhe inspirava confiança, algo nele arrepiou-a, sentiu-se ameaçada. Se não estivesse na rua em pleno dia teria fugido dele sem pensar duas vezes. Falou-lhe com uma aspereza instintiva.

– Olhe – disse –, eu não sei quem você é. Porque é que me mandou o *mail* ? Tem alguma coisa para me dizer?

– Tenho, mas não aqui, no meio da rua. – Olhou para o lado, como se tivesse medo de estar a ser espiado.

– Quer falar de quê?

– É como acabei de dizer, aqui não.

– Então, onde?

Ele não lhe respondeu logo. Virou-se para trás, abriu a porta do carro onde estivera encostado à espera dela, espreitou por cima dos óculos de sol, convidou-a a entrar com um gesto sereno.

– Vamos a um lugar tranquilo onde possamos falar à vontade – disse.

Catarina cruzou os braços, irredutível.

– Não – abanou a cabeça. – Eu não vou a lado nenhum. Falamos aqui.

– Isso é contigo, ou vens ou nada feito. Olha que é uma história muito boa.

– Pois, está bem. Talvez seja, mas não vou. Se quiser, podemos conversar ali no café.

– Não – respondeu ele, deixando de sorrir. Não gostava de ser contrariado, pensou Catarina.

– Então, paciência. Ficamos assim. Boa tarde.

E, dito isto, voltou-se e começou a afastar-se rua acima.

– Catarina – ouviu-o gritar pelo seu nome, furioso. – Vais arrepender-te! Eu sei onde encontrar-te, não me vou esquecer de ti, Catarina!

Não parou, apressou o passo, assustada, afastou-se dali o mais depressa possível, sem se atrever a olhar para trás, com medo de que o homem a perseguisse, que a tentasse agarrar e impedi-la de se ir embora. Mas ele não foi atrás dela, ele fechou a porta com raiva, furioso por não a ter convencido a acompanhá-lo, deu a volta ao carro, entrou, fechou a porta, descarregou a fúria com vários murros no volante e depois, mais calmo, pensou, *ainda não é desta que conto a história da minha vida secreta.*

Entrou na redacção, atravessou-a sem olhar para ninguém, encaminhou-se para a sua secretária com as pernas pouco firmes a vacilarem, o coração a correr, arrepiada com suores frios. Abateu-se sem forças na cadeira, deixou escorregar a carteira para o chão, passou as mãos pelo rosto lívido, apoiou os cotovelos no tampo da mesa, escondeu a cara nas mãos em concha, de olhos fechados, ainda a refazer-se do susto. A imagem do homem continuava bem presente na memória, as palavras ameaçadoras que lhe gritara também. Ficou assim vários minutos, imóvel, toda ela a tremer, até a colega da frente estranhar a sua prostração, esticar o pescoço por cima do computador e lhe perguntar se estava bem. Catarina baixou as mãos e olhou para ela assombrada.

– Estou – respondeu. – Porquê?

– Estás branca, mulher! – disse a colega. – Aconteceu alguma coisa?

– Não, nada, estou só um bocado maldisposta.

A outra ergueu-se da cadeira.

– Precisas de alguma coisa? – perguntou.

– Não, obrigada, isto já passa. Já estou melhor.

– Está-se mesmo a ver – replicou a colega, incrédula, dando a volta às secretárias, aproximando-se dela. – Anda, vamos passar essa cara por água fria. – Ajudou-a a levantar-se e levou-a para a casa de banho.



Recuperando a cor, Catarina voltou mais calma para a secretária. Ligou o computador, abriu o *Hotmail* e reviu a mensagem do sinistro desconhecido, ponderou se a devia guardar para o caso de ir à polícia, mas acabou por a apagar. Embora a tivesse intimidado, a verdade é que o homem não cometera nenhum crime. Não lhe tocara, não fora violento, não fizera nenhuma ameaça explícita. E, mesmo que tivesse feito, Catarina não possuía uma prova concreta para o acusar. Concluiu, portanto, que de nada lhe valia descobrir a identidade do homem e processá-lo. Mais tarde, mais tranquila, pensando com outra serenidade, até lhe pareceria exagerado dar demasiada importância ao caso, se bem que no cerne da sua ponderação estivesse o embaraço do verdadeiro motivo que a levava àquela situação. Se não se tivesse entusiasmado com a esperança de ir ao encontro de Jonas,

teria sido mais cautelosa. O dedo ainda lhe tremeu enquanto pendia sobre a tecla do rato, hesitante, antes de apagar a mensagem, decidindo esquecer o assunto. O segredo ficaria com ela, pois ser-lhe-ia difícil explicar ao seu editor porque saíra na pista de uma informação anónima sem o avisar e sem pedir para ser acompanhada por um colega, e falar do assunto a Ricardo estava fora de questão, evidentemente.

Correra um risco enorme, porventura, pensou, pior do que imaginava, e a sua maior lição foi que, quando tentada pelo amor, uma mulher era capaz de tudo sem olhar a quê. Ela própria, que era ponderada e cautelosa desde que se lembrava de si, fora direita a uma armadilha, colocar-se ao alcance das garras de um predador, embalada pela esperança de outro homem, cujos braços desejava. Compreendeu também nesse dia que, se se envolvesse de alguma forma com Jonas, não escaparia impune às implicações dessa relação. Era uma ingenuidade acreditar que, ao deixar entrar outra pessoa no seu coração, ser-lhe-ia possível manter-se a salvo das armadilhas do amor. Afinal de contas, Jonas era só uma fantasia e, mesmo assim, já lhe desorganizara as emoções ao ponto de se prestar a asneiras que, em circunstâncias normais, não lhe pareceriam razoáveis. O que lhe acontecera hoje, se lhe tivessem contado o mesmo de outra pessoa, teria abanado a cabeça com um suspiro de incompreensão e declarado que estava doida.



Para acabar o dia ainda pior, ao sair do jornal desabou sobre ela um aguaceiro de Verão que a apanhou de surpresa quando se dirigia para o carro. Ficou encharcada, com o cabelo a escorrer e a alma em frangalhos. O temporal arruinou o trânsito do fim da tarde e obrigou Catarina a conduzir a espaços. Desconfortável, com a roupa colada ao corpo, agarrou-se ao volante como uma naufraga e inclinou-se para a frente a tentar descortinar o caminho por entre a cortina de água que tapava o pára-brisas, mal escoada pelas escovas gastas.

Chegou a casa afundada num desconsolo. Ricardo ainda não estava, graças a Deus. Foi directa para a casa de banho, deixando atrás de si um rasto de chuva. Despejou no chão uma pilha de roupa molhada, enfiou-se na banheira, correu a cortina, abriu a água morna e ali ficou muito tempo, debaixo do duche, profundamente abalada, entregue a um choro convulsivo e reparador, por fim tomando plena consciência da asneira que fizera e assaltada pela percepção de que a sua vida mudara definitivamente nesse dia estranho. Teve de admitir então que, se Jonas não desistisse dela, ser-lhe-ia muito difícil resistir-lhe.

O concerto de Jonas no Coliseu dos Recreios foi um acontecimento festejado com páginas laudatórias em todos os jornais, inflamados por uma noite que, escreveram, ficaria marcada na história da música nacional e na memória de um público que esgotou a sala, cantou e dançou embriagado pela magia de Jonas e da sua banda. Teceram-lhe, porventura, elogios excessivos, mercê do entusiasmo que contagiou o Coliseu e insuflou o espírito dos escribas de benevolente apreciação e menor lucidez musical. Melhor crítica não seria deste mundo. Chamaram-lhe gigante! A seguir ao concerto, Jonas, eufórico com o sucesso, arrastou os músicos, a equipa de produção e os amigos para uma discoteca onde abriram champanhe de madrugada.

Catarina foi convidada. Recebeu um telefonema de uma rapariga desembaraçada que se anunciou como responsável de qualquer coisa da produção do espectáculo. Disse-lhe que Jonas gostaria muito de a ter como convidada na primeira fila do Coliseu. Respondeu-lhe com uma embirração, que agradecesse a Jonas mas não teria disponibilidade para essa noite, e desligou irritada por não ter sido o próprio a telefonar-lhe. Minutos depois atendeu segunda chamada da mesma rapariga, agora com uma voz aflita, dizendo-lhe que Jonas fazia questão que fosse ao Coliseu, lamentando-se de que fora ameaçada de despedimento se não a convencesse, pedindo-lhe por tudo que dissesse que sim, caso contrário – e essa era a última palavra de um artista exaltado –, Jonas poderia até cancelar o concerto. Catarina não acreditou que ele fosse tão longe, mas interpretou a intrujice como um elogio e condoeu-se da aflição da rapariga. Disse que sim, iria, mas com a ressalva de ser na qualidade de jornalista e não como amiga de ninguém.



De modo que agora ali estava ela na discoteca, sozinha, a observar o mundo de Jonas. Ele, sempre rodeado de gente, sempre muito solicitado por amigos e por pessoas que ansiavam ser amigas dele, que o cercavam com palmadinhas nas costas e insistiam em dizer-lhe coisas simpáticas. Tinha um cigarro numa mão e uma cerveja na outra, que bebia pelo gargalo. Catarina via-o levar a garrafa à boca, sorridente, a testa perlada de suor, o cabelo comprido, desordenado; via-lhe o rosto entrecortado pelo ritmo das luzes coloridas, à beira da pista cheia de gente a dançar; via-o baixar a

cabeça para ouvir alguém dizer-lhe qualquer coisa ao ouvido, que era a única maneira de se conseguir conversar ali, e depois inclinar a cabeça para trás com uma gargalhada, e voltar a baixá-la para responder ao ouvido de quem falava com ele. Catarina notou como ele era o centro das atenções, especialmente femininas, e como gostava disso. Era um homem feliz, assim lhe pareceu, um homem que tinha tudo o que a maioria das pessoas sonhava ter: beleza, fama, dinheiro, atenção.



Catarina perguntou-se se ele repararia nela, se iria ter com ela e quanto tempo demoraria a fazê-lo. A seguir ao concerto, a rapariga da produção fora buscá-la para a conduzir aos bastidores, ao encontro dele. Jonas recebera-a com entusiasmo e apanhara-a mais uma vez desprevenida ao dar-lhe um abraço espontâneo, como se fazia às pessoas de que se gostava mais. Insistira em que o acompanhasse à discoteca e arranjava-lhe lugar ao seu lado no pequeno autocarro que os levaria. Durante o trajecto, bastante alvoroçado com a boa disposição de todos, mal conseguiram conversar e depois de entrarem na discoteca Jonas fora positivamente engolido por uma multidão de amigos e admiradores ansiosos por lhe falar e deixara-a ficar para trás. Aparentemente, esquecera-se dela e Catarina começava a ficar com a impressão de só ter sido convidada por capricho, pois, num instante, passara de convidada especial a ignorada. Sentiu-se pendurada, um pouco embaraçada por estar sozinha. Foi ao bar buscar uma bebida, para não ficar espedada no mesmo lugar o tempo todo, acendeu um cigarro para ter as mãos ocupadas, consultou o telemóvel sem chamadas algumas três vezes. Pensou que, se conhecesse alguém com quem pudesse conversar, pelo menos poderia fingir indiferença por não ter a atenção de Jonas; pensou em ir-se embora, mas decidiu ficar mais um bocadinho; afastou-se do campo de visão dele para ver a sua reacção e não aconteceu nada; pensou *não, agora vou-me mesmo embora, é só acabar o cigarro*. Acabou o cigarro, acabou a bebida, pousou o copo, voltou-se na direcção da porta de saída e deu com Jonas à sua frente com uma garrafa de cerveja em cada mão. Estendeu a mão esquerda, inclinou-se para ela.

– Queres uma? – perguntou-lhe.

– Está bem.

– Onde é que te meteste? Andava à tua procura.

– Estive a falar com um amigo – mentiu-lhe.

– Queres vir para ali? – apontou para trás. – Arranjaram-nos uma mesa.

Agarrou-a pela mão e conduziu-a para a mesa, por entre a multidão compacta. Catarina deixou-se guiar sem vontade própria, sentindo a mão

dele apertar a sua, desejando que não a largasse mais, caminhando atrás dele sob a influência de um encantamento a que não podia resistir.

O concerto estava marcado para as 20 horas no BB King Blues Club and Grill NY, uma sala de espectáculos clássica, situada na Times Square. Catarina queria chegar cedo para conseguir falar com Jonas antes do espectáculo. Mas, à medida que caminhava para lá, uma dúvida foi-se instalando na sua cabeça.

Fazia bastante frio na rua e ela apercebeu-se de que não podia ficar muito tempo parada no mesmo sítio, quando se deteve à frente de uma montra, alheada do movimento em redor. Pôs-se a admirar os artigos expostos, malas de pele, botas de todos os feitios, mas depois teve uma preocupação, pensou se estaria suficientemente bem arranjada e atraente, e logo os seus olhos se focaram no vidro da montra e descobriu-se no reflexo. Trazia botas altas pretas por cima dos *jeans* e camisola de gola alta de caxemira bege. Tinha as mãos enfiadas nos bolsos largos do casaco de lã vermelho para evitar que os dedos ficassem de pedra; os caracóis louros caídos sobre os olhos castanho-claros, ligeiramente pintados. Os lábios bem desenhados a batom vermelho sobressaíam na pele branca do rosto. Catarina viu escapar da boca o ar frio que expirava, como se estivesse a fumar. Os pés começaram a doer-lhe e ela bateu com eles no chão para reactivar a circulação. Sentindo-se a enregelar, retomou a caminhada.



Tomara a decisão de viajar para Nova Iorque um dia antes. Esperou ansiosa por Ricardo já com as malas à porta de casa e, quando ele chegou, disse-lhe vou-me embora.

– Vais-te embora? A esta hora? Mas onde é que tu vais?

– Não estás a perceber, vou-me embora de vez.

Ele quase se riu, julgando que era uma piada.

– Assim, de repente? O que é que te deu?

– Ricardo – disse –, eu pensei muito nisto. A verdade é que eu... eu já não te amo.

– Tens outro?! – exclamou ele, atónito. – É isso, arranjaste outro?

– Não é esse o problema. O problema somos nós, caso contrário, nem se punha a questão de eu ou tu arranjarmos outra pessoa.

– Então, arranjaste.

– Ricardo, por favor...

– Diz-me a verdade! – A voz dele soou vários decibéis acima do normal, algo entre a indignação e o desespero.

– Não, não tenho – mentiu-lhe, pensando que a mentira era melhor para ele, mas sentindo-se culpada. Ela só o deixava por causa de Jonas, não havia outra razão. Não dizer a verdade podia ser mais conveniente, mas não a fazia sentir-se melhor.

†

A decisão de Catarina foi uma atitude emocional, obedeceu a um impulso mais forte do que o bom senso e, embora todos os seus sentidos lhe gritassem que não se precipitasse e tivesse cautela, ela preferiu ignorar os sinais de aviso. Jonas não era um tipo de confiança, estava bom de ver, Jonas sabia receber mas não gostava de dar, não tinha um pinga de altruísmo, não pensava em cuidar de uma mulher, usava as suas qualidades para conquistar. A beleza e a fama traziam-lhe proventos de cama, mas não se preocupava com as mulheres que o amavam. Elas, provavelmente, eram ingênuas se acreditavam que a palavra *amor* tinha valor na boca dele, pois não se apercebiam de que ele só vivia para a sua própria felicidade. Talvez quisessem tanto acreditar nele quando lhes louvava a inteligência e o corpo e lhe falhavam as sílabas de falsa emoção ao confessar-lhes que não imaginava a vida sem elas, talvez desejassem tanto serem as escolhidas que não duvidassem da sua sinceridade simulada.

Catarina não o quis verdadeiramente a princípio, não reagiu bem ao primeiro avanço, sentiu-se incomodada, a insistência dele perturbava-a. Mesmo depois de admitir que Jonas a fascinava contra a sua vontade, Catarina não se resignou, continuou a resistir, a rejeitar aquela ideia de o ter, que na altura lhe parecia tão só uma fantasia inverosímil que a desinquietava. Conhecer Jonas foi, desde logo, um choque porque a levou a reavaliar tudo, a sair do cantinho aconchegado e seguro onde se acoitara há muito, aceitando a vida como ela era e não como desejaria que fosse. Até essa altura não se dera ao luxo de questionar nada, continuara simplesmente com o seu trabalho, embrenhada no quotidiano que a ocupava, dedicada à família, aos amigos, enfim, tinha uma existência arrumada.

†

Naquela noite na discoteca, Jonas convidou Catarina para a mesa dele, levou-a pela mão, abriu uma garrafa de champanhe e incluiu-a nos festejos com os seus amigos. Jonas estava muito divertido, contagiante. Disse-lhe ao

ouvido quero-te, quero levar-te para minha casa, quero que fiques comigo o resto da vida. Catarina lançou-lhe um olhar espantado, soltou uma gargalhada, respondeu-lhe queres agora! Isso é champanhe a mais. Não, quero-te mesmo, insisti ele. E ela, incrédula: deixa-te disso, mal me conheces. É verdade, reconheceu ele, mas gosto de ti desde que te vi pela primeira vez e nunca me engano nestas coisas. Catarina riu-se, divertida. Secretamente lisonjeada, inclinou-se para ele, juntou os lábios ao seu ouvido e sussurrou-lhe uma sentença irreflectida: vais ter de fazer melhor do que isso para me cativar, já sou crescidinha de mais para ser enrolada com essas frases da treta. Depois despediu-se dele, levantou-se e atravessou a pista de dança, desaparecendo dentro de uma nuvem de fumo artificial. O seu último olhar para trás, por cima do ombro, registou a imagem de um Jonas sorridente, de braços abertos, estendidos ao longo das costas do sofá, como um conquistador refastelado no seu reino.



Ao sair para a rua, Catarina respirou fundo o ar fresco da noite. Tinha as pernas a tremer e o coração numa ansiedade. A postura confiante de há minutos morreu-lhe no rosto afogueado. Perguntou-se o que lhe dera para o provocar, achou que estava louca para se deixar ir atrás de uma fantasia sem pensar nas consequências. Chegou ao carro, sentou-se ao volante, fez uma pausa, decidiu que aquilo acabava ali, agora, antes que fosse demasiado tarde. Mas a determinação do seu pensamento não lhe ecoou convincente no espírito como uma ordem do coração. Foi, tão-somente, um grito da alma, assustada com o futuro.

Fizeram amor pela primeira vez algumas semanas mais tarde, em casa dele. Entretanto, namoraram-se às mesas de café, viram-se regularmente com pretextos vagos, conheceram-se melhor e quanto mais se conheciam mais gostavam um do outro. Jonas telefonava-lhe ou mandava-lhe uma mensagem e Catarina partia ao encontro dele. Falavam, riam-se, sentiam-se bem juntos. Catarina levitava pelo mundo com um sorriso nos lábios, mas havia momentos em que parava num rebato de consciência e sentia-se assaltada pela dúvida. Então, confrontava Jonas com a sua perplexidade.

– Que vai ser de nós?

– Vamos ficar juntos a vida toda.

– Mas eu vivo com uma pessoa, ou esqueceste-te?

– Deixa-o.

– Não é assim tão fácil.

– Porquê?

– O que é que tu queres de mim, Jonas? O que é que tu queres *mesmo*?

– Quero que sejas só minha.

– E depois?

– E depois o quê?

– Queres viver comigo? Queres casar e ter filhos comigo?

Ele enrugava a testa, levantava uma sobrancelha.

– Ainda é um pouco cedo para pensarmos nisso, não achas?

– Queres que eu largue a minha vida, deixe tudo sem saber o que vai acontecer a seguir?

– Podes confiar em mim, Catarina.

– Eu confio, mas não sei o que tu queres da vida.

– Quero viver sempre apaixonado por ti.

– A paixão esgota-se, tu sabes isso.

– Não – rebatia ele, sem vacilar. – Eu não vou deixar de estar apaixonado por ti.

– Claro que vais.



Jonas andara sempre de mulher em mulher, perpetuando a paixão, talvez um dia crescesse, se tornasse adulto, menos egoísta e mais responsável,

talvez pensasse duas vezes antes de estragar a vida a alguém, talvez começasse a ter consciência, a importar-se. Catarina receava que ele se fartasse dela e a abandonasse sem aviso. Agora, que fizera amor com ele, que corria para ele em todos os intervalos do dia, amando-o em segredo, sem poder contar a ninguém a verdade que lhe enchia a alma, Catarina já ponderava a separação de Ricardo como uma inevitabilidade, e se hesitava em tomar a decisão definitiva era porque, embora Jonas a pressionasse para se separar, se revelava bastante mais parco em certezas sobre o dia seguinte. Tão depressa a queria desesperadamente, como se o mundo fosse acabar amanhã, como a desarmava com uma franqueza desconcertante, calculada, deixando claro que não partilharia a responsabilidade pela separação dela. Tinha dias de indiferença e dias de mau humor, pressionava-a para que cortasse amarras, para que deixasse Ricardo, mas não se comprometia. O futuro, dizia, logo se vê onde nos leva, embora continuasse a garantir-lhe amor eterno.



Navegando nestas águas turvas, Catarina desdobrava-se durante a semana numa correria de amor e arrastava o fim-de-semana ansiosa, numa inquietação, uma vez que, de sexta à noite até segunda de manhã, não lhe sobravam pretextos para se libertar da clausura conjugal. A indefinição custava-lhe muito, pois não se sentia plenamente com Jonas e não lhe parecia ser justa com Ricardo. Mas já era certo que a sua relação com Jonas se tornara uma paciente negociação de longo prazo. Apesar de os incomodar, a situação chegara a um impasse. Quando Catarina exigia um compromisso inequívoco de Jonas, ele lembrava-lhe que ao fim do dia ela iria para casa dormir com Ricardo. E daqui não saíam.

A época de Natal tornava Nova Iorque uma cidade única, cheia de luz, de cor, de música. Era a sua época mais bonita. Catarina estava a adorar passear pelas ruas iluminadas, entre prédios incomensuráveis, de vidros imensos, brilhantes, de ver as montras decoradas com adornos natalícios, sentir o ambiente festivo, admirar até o trânsito inesgotável. Um coro de rapazes vestidos com trajes vermelhos entoava cânticos da época numa esquina, um vendedor ambulante dava corda aos seus bonecos e fazia dançar Pais Natal no passeio, à porta de uma loja outro Pai Natal, um velho homem de vermelho e longas barbas brancas, cumprimentava pacientemente as crianças espantadas que o encontravam ali, ao lado de um trenó repleto de embrulhos. Não fosse aquela preocupação que a perturbava, aquela inquietação instintiva que não a deixava ter a certeza de estar tudo bem, e seria um momento perfeito. Mas quanto mais se aproximava de Times Square menos seguro era o seu passo. No dia anterior, deixar tudo e partir atrás de Jonas não lhe oferecera qualquer dúvida, parecera-lhe a única atitude possível a tomar. Pensara que ele ficaria exultante e recebê-la-ia como quem tem a melhor surpresa da sua vida. Ela estaria terrivelmente satisfeita, excitadíssima, com um sorriso pendente até lhe doerem as articulações do rosto, muito feliz e com a certeza de ter tomado a melhor decisão da sua vida. Pelo menos, na altura, fora este o seu pensamento clarividente. Agora, porém, mais lúcida, perguntava-se se não se teria precipitado, se não se teria deixado ir atrás de um impulso sem ponderar bem as consequências. A excitação que sentira no início do voo para Nova Iorque fora-se dissipando lentamente com o cansaço da viagem, a ansiedade interminável foi-lhe dando tempo para ir objectando as certezas, para vacilar, ainda que não quisesse dar espaço na sua cabeça a pensamentos negativos.



Jonas tinha-lhe feito um ultimato, dissera-lhe se não vieses comigo a Nova Iorque podes esquecer-me, ficamos por aqui, não vou estar o resto da vida à tua espera. Tiveram uma discussão, mais uma, queixaram-se um do outro, enredaram-se em acusações sentidas. Ainda assim, ela deixara-o partir, ficando para trás, triste mas sem coragem. Jonas não lhe dera tempo, oferecera-lhe o bilhete de avião para dali a uma semana e Catarina, apesar

de encantada com o seu romantismo terminante e reconhecendo os sinais de que finalmente estavam a chegar ao destino das suas vontades, contrapôs que queria ir com ele desesperadamente mas não podia abandonar Ricardo de um dia para o outro.

– Algum dia terás de fazê-lo – replicara Jonas, inflexível.

– Eu sei, mas tens de me dar tempo para o preparar.

– Os desgostos de amor nunca têm consolo possível – dissera ele. – Ricardo não se vai sentir melhor se demorares quinze dias ou um mês a explicar-lhe que o vais deixar. Diz-lhe e pronto. De qualquer modo, ele nunca te vai perdoar.

– Eu sei que não – reconheceu Catarina. – Mas ele foi uma pessoa importante na minha vida e não quero largá-lo como se o nosso passado não valesse nada, entendes?

– Entendo, mas é como te digo, não vou ficar o resto da vida à espera que te decidas.

– Jonas – suplicou-lhe –, tem paciência comigo.

– Deixa-o e vem comigo – respondeu ele, imperativo.

– Não faço isso assim – disse Catarina, irredutível na sua moral. – Para ti, as pessoas podem ser descartáveis, mas para mim não.

– Tu é que sabes. Eu deixei a minha namorada por tua causa, se me amas, fazes o mesmo por mim.



Quatro meses antes, Jonas surpreendera Catarina com a notícia calamitosa de que estava a morrer por dentro mas não ficaria mais com ela. Estava sentado numa esplanada a apanhar sol com uma imperial a derreter-lhe na mão, à espera de Luísa, a jovem estudante loira com quem dormira uma noite, quando telefonou a Catarina, pesaroso. Não foi totalmente sincero com ela, nunca era. Tinha-se envolvido com Luísa enquanto ainda garantia a Catarina que a amava e que não havia mais ninguém neste mundo capaz de o fazer tão feliz como ela. Fosse como fosse, mentiu-lhe, pois disse-lhe que só não continuava com ela porque Catarina vivia com Ricardo e, portanto, iria procurar uma mulher descomprometida, embora já a tivesse encontrado, de facto. Luísa voltara uns dias antes com um telefonema alegre, desafiando-o para mais uma noite de amor, e Jonas entusiasmara-se com ela. Pragmático, ponderou qual das duas lhe servia melhor: Catarina tinha sido importante para ele, ensinara-o a amar, a sentir a necessidade de ter uma mulher para além da superficialidade dos desejos passageiros, implicara a dedicação a um amor incerto e a angústia de nunca saber para que lado penderia o coração dela. Mas, por outro lado, Luísa não trazia

complicações e era de uma beleza injusta. Bem pesadas as coisas, Jonas pensou que já não precisava de Catarina, enquanto Luísa era o que ele queria agora: linda, jovem, sem problemas, ignorante, um alívio de Verão. Escolheu Luísa.

†

Catarina ficou destroçada. Telefonou para a redacção a participar que se sentia doente – o que não era exactamente mentira – e ficou um dia fechada em casa. Sentou-se a tarde inteira no sofá da sala, em *shorts* e *T-shirt*, a olhar para a televisão e a comer uma enorme caixa de gelado. Censurou-se por se encontrar naquela situação, pois ela e só ela era a culpada por ter acabado assim. Não devia ter-se envolvido com Jonas, ele era egocêntrico e acabaria por fazê-la sofrer, como acontecia agora. Com as pernas cruzadas em cima do sofá, a caixa de gelado no colo, as lágrimas a escorrerem pelo rosto, os olhos fixos num ponto qualquer do outro lado da sala, absorvida pela tristeza, Catarina perguntou-se o que a levava a apaixonar-se por Jonas e o que fizera de mal para ele a deixar. Jonas mentira-lhe, pensou, mentira-lhe quando a abraçara há poucos dias e dissera que estava apaixonado por ela. Agarrou no comando da televisão e passeou pelos canais ao acaso, fixou-se num programa sobre chitas, na savana africana. As chitas machos deambulam à procura de fêmeas, cobrem-nas e abandonam-nas para irem procurar outras. *Ele enganou-me*, pensou, *mentiu-me*. Apagou a televisão, largou o comando ao seu lado, desconsolada. O silêncio oprimiu-a, comprimiu-lhe o peito, uma lágrima escorregou-lhe pelo rosto, desceu até à ponta do queixo, caiu dentro da caixa de gelado. Catarina ouviu o gotejar da lágrima, baixou os olhos, concentrou-se no gelado, momentaneamente distraída da sua tristeza, viu a lágrima escorregar pela parte sólida, branca como um pequeno bloco de neve, e misturar-se com o fundo derretido. Enterrou a colher no gelado, ergueu-a ao nível da boca, encolheu os ombros, enfiou-a na boca. A janela aberta não deixava passar uma aragem às três e pouco da tarde daquele dia espapaçado e Catarina salvava-se do calor e soterrava a mágoa com pazadas de gelado de limão.

Jonas era um solitário rodeado de gente. Era assim que se sentia. No passado, esta sua condição de homem só nunca o afligira. Habituar-se a viver sozinho, a preservar a sua liberdade, a ter um estilo de vida independente e a não precisar de partilhar o seu espaço e a sua alma com ninguém. A sua ideia de felicidade era querer tudo, querer tudo para si, convivia muito bem consigo próprio e não tinha o menor desejo de abdicar da comodidade em troca de uma relação mais exigente. Não pensava em casar, preferia os romances inconsequentes com raparigas bonitas e ignorantes a um caso sério de amor que o levasse a um compromisso para a vida. Por isso desistira de Catarina, assustado com a responsabilidade de não a poder abandonar depois de ela se separar do namorado por sua causa. Catarina estava pronta a renunciar à vida que tinha por Jonas, mas ele previa que, no futuro, ela lhe cobraria essa decisão e exigiria o seu amor incondicional. Era demasiado complicado.

Porém, agora sentia saudades de Catarina. Luísa seguia-o como uma cachorrinha, adorava-o, não lhe exigia nada, mas era de uma fragilidade intelectual que chegava a incomodá-lo nos seus silêncios de rapariguinha vazia. Luísa satisfazia-o com uma beleza transcendente, com o sexo insaciável, com a passividade de quem nada precisa senão as coisas básicas da vida. Tornava-se entediante e, na maior parte do tempo, Jonas dava consigo a embirrar com ela sem saber bem porquê. Em contrapartida, Catarina fazia-lhe falta. Por isso, voltou a procurá-la, enviando-lhe mensagens para o computador ou metendo conversa com ela quando a apanhava *online*, telefonando-lhe para saber dela.



E assim regressaram ao ponto de partida, querendo-se mas sem encontrarem um caminho seguro para se terem sem reservas. Ela com Ricardo, ele com Luísa, ela exigindo que Jonas deixasse a namorada, ele esperando o mesmo de Catarina. Ela amava-o e por isso não conseguia desligar-se dele, e Jonas, maldoso e perverso, fazia questão de alardear a sua felicidade com Luísa, sabendo que dessa forma a feria. O tempo arrastou-se neste desencontro de corações desconfiados até ao dia em que ele pôs um ponto final no impasse, anunciando-lhe que se desfizera de Luísa, que partia

para Nova Iorque e queria que Catarina o acompanhasse.

†

Caminhando a passos lentos ao longo de uma avenida interminável e plana, desviando-se de transeuntes apressados e carregados de sacos de presentes, como que levitando na atmosfera natalícia que envolvia Nova Iorque, Catarina ia imbuída no espírito feliz que a rodeava, mas ponderando se não seria tarde de mais para eles, se não estaria a cometer um erro. Ainda assim, continuou a andar até se ver parada em frente ao BB King Blues Club, na Times Square.

Hesitou à porta, com as mãos enterradas nos bolsos, passando o peso do corpo de um pé para o outro. Sentiu o rosto gelado, o nariz a doer-lhe de frio, levou as mãos em concha à cara, soprou o ar quente dos pulmões numa tentativa vã para se aquecer. Permaneceu alguns minutos no passeio, presa a uma perplexidade, receosa do que iria encontrar ao passar a porta do teatro. Mas depois decidiu-se, respirou fundo, entrou.

Patrícia desligou o telemóvel e pousou-o com um gesto lento na secretária a que estava sentada. Recostou-se na cadeira giratória, a única peça de mobiliário confortável naquele seu gabinete acanhado e frio, onde havia a secretária metálica encostada à parede e, girando a cadeira só meia-volta, se ficava de frente para a marquesa junto à parede oposta. Aos pés da marquesa estava o armário metálico com portas de vidro, em cujas prateleiras se guardavam medicamentos, pensos, compressas e mais alguns instrumentos de medicina básicos, que eram quanto bastava para as consultas simples que Patrícia dava neste gabinete. Já o ocupava há tantos anos que nem se dava conta do seu desconforto, demasiado pequeno até para pequenas consultas, frio no Inverno, abafado no Verão. Mas subitamente, no sufoco do seu desconsolo, Patrícia sentiu-se oprimida, como se o estreito espaço entre as paredes não lhe permitisse respirar, levando-a a erguer-se na cadeira e a ir abrir a janela ao fundo do gabinete. Um frio de Dezembro invadiu a sala e renovou o ar viciado, tornando a temperatura primeiro desagradável e depois quase insuportável. Por aqueles dias o país estava a ser atravessado por uma frente polar e as pessoas andavam na rua escondidas em roupa grossa e espantadas com o rigor deste Natal que, tanto quanto havia memória, nunca tinha sido celebrado com temperaturas tão baixas. Era um fenómeno de tal maneira raro em Lisboa que já nevara três vezes na mesma semana, quando o normal seria que, depois da primeira neve, esta só voltasse a cair cinquenta anos depois. A cidade não estava preparada para tanto frio e, entre as medidas de excepção, era preciso socorrer os deserdados da noite, de modo a não dar com eles mortos pela madrugada ao fundo das arcadas dos prédios onde costumavam abrigar-se, debaixo de cobertores inúteis e de folhas de jornais incapazes de impedir o frio e a hipotermia.



Meteu-se para dentro, fechou a janela, recuou alguns passos, deixou-se abater na marquesa e ali ficou sentada com as mãos caídas no colo, de palmas viradas para cima, embalando lentamente o corpo para a frente e para trás, como que esperando o choro que finalmente despontou. Lágrimas cobriram-lhe os olhos, toldaram-lhe a vista. Em cima da secretária, o telefone tocou sozinho, chamando-a para a próxima consulta, para deixar

entrar o paciente seguinte. Patrícia nem o ouvia. Pensava em Filipe, na conversa que acabara de ter com ele, e ainda escutava a sua voz comprometida, comunicando-lhe que já não chegava hoje, que tinham surgido novos compromissos e só regressaria no fim da semana, a tempo do Natal.

Patrícia sentia-o cada vez mais distante e, por mais que lhe custasse, tinha de admitir que também ela desistira dele há muito. Eram só um casal, a companhia dela, a companhia dele, duas pessoas com uma longa história comum. Mas o que valia isso afinal?, perguntou-se, o que valiam décadas a construir uma vida a dois se, no fim, tudo se esfumava no desencontro, na ausência de entusiasmo, na falta de comunicação? O trabalho, os filhos, eram as suas únicas preocupações e estes últimos, porventura, o derradeiro interesse mútuo.



Tinham-se conhecido de um modo tão insólito, tão dramático, que, depois de o pior ter passado, não lhes restara o menor escrúpulo em entregar-se um ao outro com a certeza de que a paixão seria um momento eterno. Filipe vinha a sair de uma livraria, trazia um livro na mão, folheava-o distraído. Patrícia ia atrasada para chegar ao hospital, a correr para o autocarro que chegava à paragem. Ele meteu-se pelo meio, chocaram, ela deixou escapar das mãos um monte de folhas, fotocópias para estudar, que se espalharam pelo chão com um espalhafato que a fez corar de vergonha. Ele correu a apanhá-las, foi atrás do vento que as levava pelo passeio fora. Devolveu-lhe um monte de papéis amarfanhados entre duas mãos desajeitadas, com um sorriso comprometido, parecendo-lhe quase divertido com o incidente. E Patrícia, contrariada, a ver o autocarro partir sem ela, aflita com o atraso, teve vontade de lhe bater, de lhe chamar desastrado, irresponsável, enfim, de descarregar sobre ele a sua frustração. Em contrapartida, Filipe, encantado com ela, com os seus olhos castanhos, o cabelo castanho apanhado num rabo-de-cavalo prático, o nariz pequeno, perfeito, os lábios carnudos, atreveu-se a convidá-la para tomar um café com o pretexto de a ajudar a voltar a pôr por ordem as páginas do monte de papéis que ela lutava para juntar. Patrícia, desconcertada, só teve ânimo de o enxotar, replicando-lhe que não precisava de ajuda nenhuma, que estava atrasadíssima e perdera o autocarro por culpa dele. Tenho o carro mesmo ali, saiu-lhe, e apontou para o outro lado da rua sem pensar na inconveniência da sugestão. Não, obrigada, respondeu ela, ríspida, quase a explodir. Filipe resignou-se, disse desculpe mais uma vez e começou a afastar-se, a atravessar a rua, mas não resistiu a voltar a cabeça espreitando por cima do ombro para a ver mais

uma vez, ainda atrapalhada com os papéis. Observou-a, querendo fixar a imagem dela, de estatura pequena, bem proporcionada, de *jeans*, tênis, camisola de malha, uma bata branca dependurada no braço. Ele avançou um, dois passos, pela rua adentro, concentrado nela, deslumbrado com ela, esquecendo-se de dar atenção ao trânsito ou ao que quer que fosse mais. Foi então que se deu o desastre.



Patrícia levantou os olhos alarmada pelo chiar desesperado dos pneus do carro a travar a fundo e viu tudo. Testemunhou, horrorizada, Filipe a ser colhido, a voar por cima do capô, a bater com o ombro e a cabeça no pára-brisas, a estilhaçar o vidro, a ser cuspidos sem vontade própria de regresso ao asfalto e a estatelar-se muitos metros à frente do carro, ficando deitado de costas e imóvel como morto.

Por um momento Patrícia ficou petrificada, incrédula, sem reacção, mas depois lembrou-se de que já era médica e devia socorrê-lo. Largou as folhas, que de qualquer forma já não tinham préstimo, e começou a correr. Contornou o carro, acercou-se dele, ajoelhou-se ao seu lado, gritou ao condutor desorientado que chamasse uma ambulância. Despiu à pressa o seu próprio casaco para o tapar e, enquanto tomava as providências básicas para estabilizar o ferido, Filipe abriu os olhos com um sorriso inocente e desculpou-se: não vi o carro, disse, estava a olhar para si. Em seguida perdeu a consciência.



O livro que Filipe acabara de comprar, tal como as folhas dela, ficou abandonado na rua quando a ambulância o levou. Patrícia não o quis deixar e conseguiu que a autorizassem a acompanhá-lo porque o condutor a reconheceu do hospital. Algo nele a comoveu, o acidente, a forma como a olhou, como lhe falou, o que disse antes de desmaiar, num momento estava disposta a bater-lhe por causa das folhas estragadas, do autocarro perdido, no momento seguinte só pensava em salvá-lo. Depois, no hospital, foi incansável, acompanhou-o até ter a certeza de que ficaria bem.

No início, Patrícia sentiu-se responsável por Filipe, e por isso não o perdeu de vista um minuto, tratando-o como se fosse da família. Usou conhecimentos, falou com os médicos para lhe darem prioridade, pediu-lhes urgência, empenhamento e cuidados especiais com aquele *amigo*. Era uma jovem expedita, de boa índole, agradável à vista, encantadora, capaz de

levar os outros a fazerem-lhe as vontades. No princípio seria uma questão de responsabilidade, mas com o tempo conheceu melhor Filipe, gostou dele, apaixonou-se.

†

As consequências físicas do acidente não foram tão graves para Filipe quanto o aparato do atropelamento faria supor. Quem presenciou a violência com que o carro embateu nele e o seu voo desamparado, caindo vários metros à frente, jurou logo ali sem a menor hesitação que o homem estava morto, se não de imediato, a caminho do hospital, pois certamente já ninguém poderia fazer nada por ele. Mas a realidade revelou-se bem mais benevolente do que o dramatismo popular. O embate com o pára-choques foi o que lhe provocou os piores danos, colhendo-o pelos joelhos, quebrando-lhe as pernas como pauzinhos frágeis. Tudo o resto foi mais fogo-de-vista e muitos arranhões. A cabeça estava bem e não teve lesões internas nos órgãos vitais.

Quando o visitou no dia seguinte, algumas horas depois de Filipe ter acordado no recobro, Patrícia encontrou-o aturdido pelo efeito das drogas para as dores, sofrido mas, apesar de tudo, positivo e animado.

– Olha, a minha salvadora – comentou, mal a viu entrar.

Patrícia sorriu, agradada com o humor dele.

– Estou a ver que nada o faz perder a boa disposição – disse.

– É você que me anima.

– Nem o descaramento – acrescentou ela.

Filipe estendeu-lhe uma mão a custo, talvez um pouco teatral.

– Ainda não nos apresentámos como deve ser – disse. – Chamo-me Filipe.

Ela aproximou-se dele, tomou a sua mão.

– Patrícia.

– Já deve ter rogado muitas pragas por me ter conhecido, imagino. Até agora, só lhe dei chatices.

– Perdi o autocarro e cheguei atrasada por sua causa – admoestou-o, fingindo-se zangada.

– Mas, para compensar, consegui-lhe uma boleia na ambulância e uma boa desculpa para não chegar a horas ao trabalho.

Patrícia não conteve o riso.

– As coisas que eu invento para conhecer uma rapariga – disse Filipe, abanando a cabeça, fazendo-se incrédulo consigo próprio.

– Ah, realmente!

Muito tempo depois de tudo isto acontecer, referindo-se à forma como se

conheceram, Filipe continuaria a agradecer pelos anos fora, afirmando que quase morrera de amor por ela.

Filipe teve uma recuperação lenta e penosa, mas refez-se do acidente sem mazelas permanentes, salvo um coxear muito ligeiro que só se notava com o cansaço. Em contrapartida, conheceu a mulher com quem haveria de casar. Patrícia visitou-o diariamente enquanto esteve internado, demorando-se cada dia mais um pouco do que o anterior, regressando para se despedir ao final da tarde, a seguir ao trabalho.

Nessa época, Patrícia iniciara o Internato Geral no Hospital Santa Maria e mudara-se de casa dos pais para um pequeno apartamento. Embora morasse sozinha e não tivesse namorado, estava a entrar numa nova etapa da sua vida e sentia-se empolgada, independente e com um mundo de possibilidades à sua frente. A sua última relação acabara já lá iam quatro meses e, para dizer a verdade, não era nada que recordasse com saudade. Também não havia muito para contar acerca disso, só que fizera uma escolha errada e tivera um enorme desgosto. Em todo o caso, Patrícia andara tão ocupada a montar a casa nova e com a adaptação ao hospital que não lhe sobrara muita disponibilidade para namorar.

O envolvimento com Filipe foi totalmente inesperado, não só a forma surpreendente – para não dizer chocante – como o conheceu, mas também o facto de se ter afeiçoado a ele nas semanas seguintes. Não se podia dizer que tivessem tido uma atmosfera romântica durante a convalescença dele. Filipe esteve retido numa cama bastante tempo, com as pernas engessadas e muitas dores. Só mesmo o seu temperamento sereno, as visitas de Patrícia e os livros que lia permitiram que suportasse a provação com um ânimo notável. Filipe era o que as enfermeiras chamavam um paciente fácil, um tipo bem-disposto que não descarregava nelas as agruras do sofrimento, do incómodo, do tédio. Não se queixava e tinha sempre uma palavra simpática, um sorriso, para elas.

Patrícia foi cedendo ao seu encanto, foi resvalando sem resistir para um estado de alegria que a levava a pensar nele a qualquer momento, que a atraía ao quarto dele sempre que podia, ora para o ver de raspão, ora para se sentar ao seu lado. Tinham longas conversas, falavam das suas vidas, do novo trabalho de Patrícia, da ambição de Filipe em tornar-se escritor – nessa altura escrevia o seu primeiro livro –, riam-se de tudo e de nada, iam-se conhecendo melhor, ao ponto de um dia Filipe segurar a mão dela e perguntar-lhe se queria sair com ele mal deixasse aquela cama. Ela respondeu-lhe que sim, mas na condição de a levar a dançar. Ele soltou uma

gargalhada e aceitou o desafio, com a condição de saírem mais do que uma vez, pois não queria, de maneira nenhuma, esperar até ser capaz de dar um pezinho de dança para a rever. Seria demasiado tempo, disse. Sairia com ele as vezes que ele quisesse, retorquiu-lhe Patrícia. Ele fez-lhe uma carícia no rosto, ela beijou-lhe a palma da mão, e assim selaram o seu primeiro compromisso.

†

No dia seguinte, Patrícia conseguiu uns minutos de manhã para visitar Filipe e apressou-se a percorrer o corredor que a conduzia ao quarto dele. Ia radiante, ansiosa por vê-lo. Quase não dormira na noite anterior, passara a madrugada às voltas na cama com a cabeça a ferver de pensamentos felizes, incapaz de desligar, a pensar nele, a fazer planos, a imaginar desejos, alguns sem pudor, outros mais perenes. Em suma, atravessou a noite em vigília, a sonhar acordada, o que não a impediu de afastar as cobertas aos primeiros sinais da manhã e sair da cama com um salto determinado para tomar banho, lavar a cabeça um dia mais cedo, demorar-se a secar o cabelo, a pentear-se e, ainda assim, ter tempo de sobra para ir a uma livraria perto de casa antes de apanhar o autocarro para o hospital. Foi a primeira cliente a chegar, esperou quase dez minutos pela hora de abertura da livraria, a espreitar pela montra, procurando detectar movimento no interior, a roer uma unha ansiosa, até ser surpreendida pelo livreiro agachado à sua esquerda, a abrir a porta, um senhor de cabelos brancos e gestos ponderados, no seu eterno casaco de malha, que lhe perguntou a menina deseja algum livro? Patrícia desejava um livro de que falara a Filipe na véspera e decidira fazer a surpresa de lho oferecer.

Não se podia dizer que fossem namorados, mas a cumplicidade entre eles tornara-se evidente para ambos e Patrícia queria muito dar uma oportunidade à promessa de amor que crescia no seu coração. Da última vez não correram bem, Patrícia saíra ferida ao descobrir que o seu namorado de há quase dois anos andava a dormir com uma das suas melhores amigas. Fora uma dupla traição que ainda hoje lhe custava aceitar, evitava pensar nisso, simplesmente afastara os dois da sua vida e seguira em frente, pensando que era nova, tinha uma carreira para construir e, prometera a si própria, não ia deixar-se abater por algo mau que lhe acontecera e que, por mais que quisesse, não poderia mudar. O passado era o passado e não valia a pena viver nele, ficar presa a ele.

†

Nessa manhã sentia-se feliz, bonita, recebera alguns elogios dos colegas e fizera-se despercebida quando duas delas lhe perguntaram directamente se tinha alguma *novidade* para lhes contar. Não tinha nada para contar, só uma esperança a crescer dentro dela que a levou por aquele corredor fora como se levitasse, toda satisfeita, com um sorriso na alma e o livro para Filipe na mão.

Chegou ao quarto dele, parou um segundo antes de entrar, fez uma pausa para se controlar, pôr aquele ar casual, descontraído, para não parecer uma adolescente excitada. A porta estava encostada, empurrou-a devagar não estivesse ele a dormir, espreitou, e o que viu fê-la hesitar, confusa, e, algo incrédula, pensar se não se teria enganado no quarto.

No quarto de Filipe estava uma mulher jovem, de pé, à beira da cama, de costas para quem entrava e tapando a vista a Patrícia. Esta, na soleira da porta, não foi capaz de ver a cara de nenhum dos dois e deu consigo a perguntar-se se não teria entrado no quarto errado. Percebendo um momento de intimidade entre eles, Patrícia fez uma careta divertida, silenciosa, pensando que estava a ponto de ter a inconveniência de os interromper. Esticou o pescoço para trás, a rir-se para dentro, a confirmar o número na porta, mas logo viu que era mesmo o quarto certo e agora, mais atenta, confirmou os pormenores das coisas dele, os livros, o relógio, a mesma flor abatida na jarra da véspera, tudo em cima da mesa-de-cabeceira e, estarrecida, viu a mulher debruçar-se sobre a cama, depositar-lhe um beijo na testa, fazer-lhe uma carícia no rosto a que ele correspondeu com um sorriso e, teve a certeza, era só olhos para ela, tanto que nem ele nem a outra deram pela presença de Patrícia.

Com o coração petrificado e o rosto branco de suores frios, Patrícia viu reflectidos na imagem daquela mulher os seus próprios gestos, aqueles que antecipara para si durante a insónia da noite passada. Depositou o livro na cadeira que havia ao lado da porta, saiu do quarto, enfiou as mãos nos bolsos da bata e caminhou pelo corredor de regresso à sua enfermaria com os olhos postos no chão e uma tristeza sem nome. Sentindo-se enganada, tomou, numa súbita fúria, a decisão de nunca mais voltar ao quarto de Filipe.



Ele só teve consciência de que Patrícia estivera ali quando, ao entrar no quarto, uma enfermeira solícita reparou no livro esquecido em cima da cadeira e lhe perguntou se era seu. Filipe reconheceu o título mas não entendeu como é que ele tinha ido lá parar. Porém, mais tarde notou apreensivo que Patrícia falhara a habitual visita da manhã e, lembrando-se de que tivera outra visita, ligou tudo e percebeu que não era coincidência. Calculou que Patrícia devia ter ido visitá-lo e, não querendo interromper, deixara-lhe o livro. Nessa altura não se preocupou muito com o assunto, pensou que ela acabaria por aparecer, provavelmente ao final da tarde, mas quando Patrícia não veio a sua alma anoiteceu deprimida com os últimos resquícios do dia. Filipe não passou bem essa noite, mas não soube dizer se

sentiu mais as dores nos joelhos e o tormento das comichões nas pernas engessadas só por as ter despedaçadas ou se foi porque Patrícia lhe falhou, deixando-o prostrado e ainda mais fraco do que nos primeiros dias de internamento.

Acabou por cair num sono superficial, vencido pela madrugada, mas acordou cansado e com a sensação de só ter dormitado uma meia hora. Na realidade foram quatro, ainda que perturbadas por um mau pressentimento que não lhe permitiu relaxar e dormir tranquilo. O espírito, tenso, embrenhou-se num pesadelo medonho onde Filipe tentava a todo o custo alcançar Patrícia, embora as suas pernas inutilizadas não lhe permitissem, e ela, nada fazendo para se aproximar, pelo contrário, se afastasse, espreitando por cima do ombro com os olhos marejados de profunda desilusão.

Filipe despertou num susto, alagado em suores. Depois, percebendo que emergia só de um sonho infeliz, deixou-se ficar inerte na cama, de olhos abertos, numa apatia sonolenta, a vigiar os primeiros movimentos do dia na enfermaria.



Às onze horas da manhã Filipe não se conteve, chamou a enfermeira e perguntou-lhe se sabia de Patrícia. De facto, crivou-a de interrogações, não se conformando com a resposta ligeira de que a doutora deveria estar lá para baixo no seu serviço. Filipe mantivera-se calado desde que acordara, cismático, mordiscara o pão do pequeno-almoço e dera um gole no copo de leite apenas para a enfermeira não o vir incomodar a bater o pé naquele tom condescendente delas, a falarem com os doentes como se fossem crianças. Normalmente, não se ralava com isso, mas hoje não se sentia capaz de enfrentar a teimosia suave da enfermeira.

– Sabe da doutora Patrícia? – perguntou-lhe.

– Ainda não a vi hoje – respondeu ela, casualmente, enquanto lhe ajeitava os lençóis com gestos determinados.

– Mas não sabe onde ela está?

– Deve estar lá para baixo no serviço dela.

– Pode chamá-la? Preciso de falar com ela.

– Com a doutora Patrícia? – disse a enfermeira, levantando a sobrancelha como se não tivesse ouvido bem, ou o pedido dele fosse descabido.

– Sim, a doutora Patrícia.

– Já vejo se a encontro, mas ela deve estar muito ocupada a esta hora.

– Se não puder vir, diga-lhe que falo com ela ao telefone.

– Ai, o menino – voltou ela ao tom condescendente, de braços cruzados, a

abandar a cabeça como se ele fosse estúpido. – Não vê que não há telefone aqui no quarto?

E Filipe, esforçando-se para se controlar e não responder torto, fingiu que não levou a mal a impertinência e até sorriu, a fazer-se de distraído.

– Pois, tem razão – disse. – Então, diga-lhe só que preciso de falar com ela.

– Se a encontrar, eu digo.

– Mas não lhe vai telefonar?

– Sim, vou ligar. Se a encontrar pelo telefone, se ela estiver lá e puder vir ao telefone, eu digo-lhe que quer falar com ela.

– Está bem, obrigado. Mas, não se esqueça, é importante.

– Não prefere falar com a sua doutora? – perguntou, com falsa ingenuidade. – Daqui a pouco ela passa aqui, já não deve demorar.

– Não, é com a Patrícia que eu quero falar.

E a enfermeira, que sabia da história toda deles, do acidente, das visitas diárias ao quarto dele e, desde a visita da outra, das ausências de Patrícia, notou com um mal disfarçado gáudio aquela familiaridade de Filipe ao referir-se à doutora só pelo nome.

– Eu vou ver se a apanho – disse, sorridente, quase a sussurrar, como quem diz um segredo cúmplice.

Ela foi-se embora e ele ficou sem saber se estava só a ser metediça ou a divertir-se à sua custa. Filipe ficou sozinho e, mais do que nunca, desesperado com a inutilidade das suas pernas, que o retinham na cama e – como se não bastasse – refém dos humores inconvenientes da enfermeira.



A mulher voltou ao meio-dia e meia com o tabuleiro do almoço e nem uma palavra sobre Patrícia, impávida nas suas tarefas, à espera que Filipe perguntasse.

– Então, falou com a doutora?

– Ah, sim, falei. Ela disse que hoje está muito ocupada e não pode vir cá.

– Mas disse-lhe que era importante?

– Disse, mas ela respondeu-me que hoje não podia mesmo.

– E não disse se vinha amanhã?

– Olhe, a resposta que ela me deu foi que se você perguntasse isso, para lhe dizer que vai de férias amanhã e para não ficar à espera dela.

– Ela disse isso? – perguntou Filipe, incrédulo.

– Disse. E olhe que, se eu fosse a si, não tinha muitas esperanças, porque a doutora não me pareceu nada contente. Não sei lá o que aconteceu, mas ela estava com ar de poucos amigos.

Filipe teve vontade de saltar para o chão e corrê-la do quarto a pontapé, não fosse a sua condição de inválido, estendido ao comprido na cama com as pernas fossilizadas no gesso. Ao invés, perdeu-se no desalento da frustração, arrefecendo a fúria numa impotência desarmante.

Até então, graças a Patrícia, Filipe conseguia ver algo de positivo no seu infortúnio. Mesmo de pernas partidas na prostração incapacitante do seu leito, restava-lhe a alegria das suas visitas, mas se Patrícia não viesse mais, pensou, como iria resistir ao martírio do hospital?



As restantes semanas de internamento pareceram-lhe duros meses de espera, como um detido na solitária. Patrícia manteve-se inabalável no seu propósito de não voltar a vê-lo e nem a marcação cerrada que Filipe fez à enfermeira impertinente a demoveu, pois ignorou os recados diários que lhe chegavam até ele desistir de os enviar, ao fim de quinze dias. Em contrapartida, Filipe escreveu-lhe uma nota de amor todas as tardes e guardou-as com o objectivo firme de lhas entregar logo que recuperasse as suas pernas e pudesse sair daquela cama para ir ao seu encontro. Animou-se com a certeza de que conseguiria convencer Patrícia a falar com ele novamente, muito embora, na clareza do seu plano, visto e revisto, não lhe tivesse ocorrido a possibilidade de algum contratempo.

Deu com ele apoiado numa muleta canadiana quando deixou o hospital depois de uma esgotante maratona de trabalho intenso. Havia mais de vinte e quatro horas que não via a cor do céu nem sabia se chovia ou se o dia nascera brilhante e convidativo. De qualquer modo, só lhe restava energia para chegar a casa, tomar um duche e cair na cama outras vinte e quatro horas. Tinham-na avisado de que a vida de médico não poupava uma pessoa, mas só agora é que estava a descobrir o que realmente queriam dizer com isso. Filipe segurava um ramo de flores como se tivesse uma criança ao colo, Patrícia viu-lhe um sorriso pouco confiante que traía o nervosismo que procurava esconder. Reparou nas calças de ganga e na camisola preta de gola alta que ele trazia vestidas, mas notou mais o contraste que faziam com o pijama do hospital com que se habituara a recordá-lo do que o aspecto pouco apumado da roupa. Ela própria sentiu-se pouco atraente no final do turno, passando instintivamente a mão pelo cabelo quando o viu, pensando nos olhos cansados, nas olheiras, e que precisava de tomar um banho e dormir antes de enfrentar um homem com um ramo de flores. Aproximou-se dele, parou à sua frente, cruzou os braços e ouviu-o dizer olá, estava à tua espera.

– Há quanto tempo? – perguntou.

– Há quase duas horas – respondeu Filipe. – Vim cedo, porque não sabia bem a que horas saías e não te queria perder.

– Agora já sabes.

– Agora já sei.

– O que é que vais fazer com essas flores?

Filipe apressou-se a estender-lhe o ramo com modos desajeitados, embaraçado com o esquecimento.

– São para ti – disse.

– Obrigada – recebeu-as, levou o rosto às pétalas das rosas frescas, apreciou o perfume que exalavam.

– Comprei-as para ti.

– Já percebi.

Filipe sentiu-se um idiota, incapaz de articular o discurso que havia ensaiado vezes sem conta na cama do hospital. Fez um esforço para se descontraír, para se mostrar confiante, mas as respostas secas de Patrícia não estavam a ajudá-lo. Discursos românticos e cativantes não eram o seu maior talento, precisava de ela colaborasse na conversa, caso contrário, ficaria

muito rapidamente sem palavras. Era bom a escrever, nem tanto a falar.

– Foi a minha primeira caminhada fora do hospital – disse. – Tive alta ontem.

– Eu soube que tiveste.

– Recebeste os meus recados?

– Recebi.

– Porque é que não me foste visitar nunca mais?

Patrícia ficou tensa, na defensiva, sentiu uma necessidade irreprimível de evitar o assunto e respondeu com uma brusquidão involuntária, surpreendendo-se com a sua própria reacção, mas sem ânimo para mudar de atitude.

– Filipe, acabei agora um turno de vinte e quatro horas e preciso de ir para casa descansar. Não quero ter essa conversa agora.

– Então, quando?

– Não sei, nunca, de preferência.

– Não me vais dar uma oportunidade de te explicar o que aconteceu?

– Não, Filipe, não tens de me explicar nada. Estou cansada, já te disse, deixa-me ir embora.

– Posso acompanhar-te?

– Não, prefiro ir sozinha. Obrigada pelas flores, até qualquer dia.

Voltou costas, partiu, deixou-o sozinho, desanimado, sem saber o que dizer, sem um argumento para a impedir de se ir embora.

Filipe sentiu que a tinha perdido. Patrícia entusiasmara-se com ele, era certo, talvez tivesse sido levada por um sentimento de culpa, de compaixão, ao vê-lo desvalido na sua cama de hospital por se ter distraído com ela ao atravessar a rua, talvez tivesse sido mais do que isso, não sabia, mas era óbvio que Patrícia se desiludira. Provavelmente, pensara que ele não fora sincero, que lhe omitira a existência de outra mulher na sua vida, e não estaria na disposição de lhe perdoar essa falha de carácter.

Desanimado, Filipe regressou lentamente à sua rotina de sempre, empenhado em escrever pelas tardes fora, sentado à mesa de um café perto de casa, de caneta na mão, mergulhado no trabalho solitário, esquecido da chávena de café que esfriava antes de beber, pedindo outra bica entre uma página terminada e a seguinte que começava. Nessa época ainda não escrevia com a desenvoltura que haveria de adquirir anos mais tarde e cada página escrita era uma vitória, era uma alegria resgatada às dificuldades. Enchia a mesa de bicas esquecidas, acendia cigarros seguidos, às vezes sem se dar conta de ainda ter um a queimar no cinzeiro repleto de beatas, empilhava folhas escritas à sua direita, na mesa, para no dia seguinte as corrigir furiosamente, riscando metade das frases, quando não as riscava por inteiro, escrevendo e rescrevendo, amarrotando o papel numa bola, reprovando o seu próprio trabalho, desesperado porque tudo lhe parecia medíocre, demasiado imperfeito, pouco consistente e muito aquém dos seus pensamentos. O que hoje era extraordinário amanhã seria insuportavelmente básico, mal escrito e desinteressante. Tinha um sentido crítico exagerado, embora o pouco que não rejeitava fosse quase tão bom quanto aquilo que concebia antes de passar ao papel. Não aproveitava a maior parte do trabalho, mas as linhas depuradas que se salvavam da autocensura constituíam o germinar de uma carreira brilhante. Mais tarde, dar-se-ia conta de que a felicidade e o bem-estar acomodavam a alma e não desencadeavam o mesmo poder criativo que o desconforto de um espírito dilacerado. O sofrimento, o desapontamento, a revolta, a necessidade de afirmação, de sucesso, para colmatar uma humilhação, as emoções em carne viva, era isso que espoletava o talento criador.



Ultimamente distraía-se muito, perdia-se em sentimentos de amor, via-se

a cismar com Patrícia e a lembrar-se de tudo o que lhe devia ter dito e não lhe saíra no momento oportuno. Andava sonhador e não se conseguia concentrar nas leituras que costumava intercalar com a escrita, nem escrever nada em condições. À noite, depois do trabalho, vagueava pelos bares do Bairro Alto, onde encontrava velhos amigos do tempo da universidade, com quem se sentava a beber, a fumar, a discutir literatura e política ao longo da madrugada. A bengala onde apoiava os joelhos ainda fragilizados do acidente e a barba pouco consistente que deixara crescer por desmazelo romântico conferiam-lhe um semblante mais velho que nunca tivera, mais académico, disfarçando ligeiramente o seu habitual aspecto imberbe que tanto o contrariava.

Andou assim amiúde, sem cabeça para nada, imerso em pensamentos que não partilhava com os colegas de pândega, inconformado com a saudade, congeminando planos para reconquistar Patrícia. Demovia-o o receio de ela não querer falar consigo, de modo que decidiu desempatar a sua hesitação escrevendo-lhe uma carta sincera. Porém, nunca chegou a remetê-la, porque não sabia a morada dela e porque lhe soava a cobardia entregar-lhe em mão as palavras que poderia dizer de viva voz.

Tudo ponderado, chegou à conclusão de que não lhe restava outra opção que voltar a procurá-la e arriscar-se a ser rejeitado, dado que a alternativa seria vegetar pela vida a definhar de amor. Escolheu o mesmo local onde chocaram na primeira vez, ao pé da livraria, à mesma hora, no mesmo dia da semana. Encontrou-a na rua atrapalhada com pressa, tal e qual como se tinham conhecido. Patrícia espantou-se ao deparar com ele e tentou evitá-lo, seguindo em frente, de braços cruzados, agarrando bem as suas folhas, embaraçada, alegando que chegaria atrasada ao hospital.

– Posso deixar-me atropelar para teres uma desculpa – gracejou Filipe.

– Nem penses! – exclamou, assustada com a recordação dramática, mas não resistiu a um sorriso, secretamente encantada com a persistência dele.

– Então acompanho-te.

– Só se apanhares o autocarro comigo.

– Apanho, pois.

Apressaram-se para a paragem, ele apoiado na bengala, esforçando-se para não a perder. Entraram no autocarro, sentaram-se lado a lado.

– Como tens andado? – perguntou Filipe, vendo-a pouco à vontade, muito direita no seu lugar, a olhar para a frente, o que lhe ofereceu uma certa segurança.

– Oh, sabes como é, sempre cheia de trabalho. Mal tenho tempo para respirar.

– Eu também não tenho respirado muito bem – comentou ele de improviso.

Patrícia virou a cabeça, observou-o, sem perceber bem o que queria dizer.

– Estás doente?

– Não, mas tenho pensado muito em ti. Tira-me o fôlego.

Ela deixou escapar um risinho nervoso.

– Ah, está bem.

– E o sono – acrescentou.

– Pensa antes na tua namorada, que isso passa-te – replicou Patrícia, com um sorriso sarcástico, uma pontinha de rancor.

– Não é minha namorada.

Patrícia fez um silêncio, surpreendida, a absorver a informação.

– Olha que parecia – acabou por dizer.

– Eu sei que te pareceu, mas não é, é minha *ex*-namorada. Quando me foi visitar ao hospital, já não era. E não voltou, foi só uma vez. Se tivesses falado comigo, terias ficado a saber, mas não me deste oportunidade de te explicar.

Patrícia ficou atrapalhada. Não era o que esperava ouvir dele, não contava com aquilo e, de repente, sentiu-se culpada por ter sido tão intolerante, tão dura com ele. Na altura sentira-se humilhada, furiosa com Filipe. Não quisera voltar a vê-lo, receando que fosse ainda pior. Em contrapartida, ignorar os seus recados e nunca mais lhe falar afigurara-se-lhe a retaliação perfeita. Mas ao compreender que se precipitara no julgamento e na pena, teve dó dele, de o ter deixado tanto tempo sozinho naquela cama. E encheu-se de vergonha do seu comportamento. Quis abraçá-lo, pedir-lhe desculpa, mas conteve-se. Não lhe facilitaria assim tanto a vida.

A porta do consultório abriu-se e a cabeça da enfermeira espreitou a perguntar se podia mandar entrar o próximo paciente. Patrícia voltou a cara, limpou os olhos à pressa com as costas da mão, endireitou os ombros, disse que sim. A enfermeira apercebeu-se de que estava a ser inoportuna, sentiu-se uma intrusa, perguntou a senhora doutora prefere que volte mais daqui a pouco? Patrícia respondeu não, mande entrar, fazendo um esforço para se recompor. A enfermeira saiu, ela acabou de limpar os olhos, socorrendo-se da manga da bata, respirou fundo, disse a si própria que tinha de aguentar, acabar o dia. Dali a pouco a porta voltou a abrir-se e a enfermeira fez entrar uma jovem mãe com o seu insuportável filho. *Uma provação*, pensou Patrícia, *uma provação, é o que isto é.*

Continuou a dar consultas até ao final da tarde, navegando numa tristeza camuflada em sorrisos forçados, apelando a uma condescendência que não sentia, controlando-se para não tratar mal os pacientes mal-educados, as crianças irrequietas, as inconveniências das enfermeiras. Mas quando ficava sozinha entre duas consultas não conseguia abstrair-se da aflição que a incomodava. Filipe dera-lhe a entender no telefonema que voltaria de Nova Iorque para passar o Natal em família, mas que não continuaria em casa. E Patrícia, reconhecendo o fim, mergulhada numa angústia, viu-se assaltada pelo fantasma das recordações felizes dos primeiros tempos deles.



Não lhes faltaram pretextos para se verem depois de Filipe ter alta do hospital. Ele submeteu-se durante quatro longos meses a exercícios de fisioterapia e, de novo, foi Patrícia quem providenciou para que tivesse a melhor assistência. Mexeu-se no seu ambiente, perscrutou os seus conhecimentos, moveu as suas influências para que Filipe conseguisse ultrapassar incólume os impedimentos insuperáveis da burocracia oficial e chegasse sem demora às mãos do fisioterapeuta mais competente, ao arrepio de todas as contrariedades do sistema, que era cego na atribuição dos médicos e não permitia que os pacientes escolhessem quem os tratava.

Por esses dias, embora resistisse aos avanços de Filipe, não se mostrando realmente empenhada em ir mais além do que de uma sólida amizade, Patrícia revelou uma preocupação constante com a sua saúde, foi dedicada e

até voluntariosa, obrigando-o a cumprir os exercícios, arrastando-o para a fisioterapia quando ele queria ceder à preguiça. E zangava-se com Filipe, telefonava-lhe do hospital logo de manhã para ter a certeza de que ele não ficava a dormir.

Patrícia gostava de Filipe, evidentemente, o entusiasmo inicial foi ressurgindo, mas agora a medo. Já não estava disponível para se entregar livremente, conforme a sua vontade, não cedia ao desejo, tinha receios, refugiava-se em cautelas para se proteger de um novo desapontamento. Contudo, dividia o seu tempo entre o trabalho no hospital e a companhia de Filipe. Eram inseparáveis, deslumbrados, sempre pendentes, à beira de um beijo. Ela sonhadora mas hesitante, ele determinado mas desajeitado.



Quando Patrícia tinha folga no hospital, acompanhava-o nas romarias nocturnas pelos bares do Bairro Alto. Conheceu os amigos de Filipe, sentou-se com eles à mesma mesa. Participava nos debates infintos que animavam a madrugada e era uma aguerrida defensora das suas ideias. Tinha opiniões próprias sobre os assuntos que discutiam e não se inibia de as dizer. Quando chegavam, enquanto estavam, quando partiam, os amigos pensavam sempre que Filipe e Patrícia eram amantes apaixonados, só eles sabiam que lhes faltava dar um passo para se completarem.

Tinham apenas vinte e poucos anos então, pensou Patrícia, saudosa, recordando-se de que estragara tudo num dia em que anunciara a Filipe ter aceitado um convite de um colega para jantar. Disse-lhe aquilo propositadamente para o espicaçar, lembrava-se bem, uma infantilidade, reconhecia-o hoje. Nessa altura viam-se todos os dias há praticamente um mês e, não obstante os esforços de Filipe para a seduzir, Patrícia mantinha-se irredutível no seu cantinho, resistindo-lhe mansamente, valorizando o amor, dando-lhe a entender que valia a pena insistir. E ele assim fazia, mas, ao ouvi-la dizer que ia jantar com o colega, sentiu a humilhação revolver-lhe as entranhas e respondeu-lhe sem contemplações: Vai jantar com ele e esquece que eu existo! Falavam ao telefone e Filipe, furioso com ela, cortou a ligação sem a deixar dizer mais nada.



Patrícia despiu a bata branca das consultas, vestiu o casaco, agarrou na carteira, entreabriu a porta do gabinete, apagou a luz. Deixou-se ficar um instante suspensa num pensamento, na escuridão do consultório só recortado por uma frecha de luz do corredor, com a mão pousada na

maçaneta da porta, a perguntar-se o que a levaria a rever agora o início da sua relação com Filipe. Há anos que não pensava naquilo, reflectiu, mas sentia-se triste e nostálgica. Encolheu os ombros, a pensar que devia ser por isso. Abriu mais a porta, saiu do gabinete, voltou a fechá-la, percorreu o corredor que conduzia à saída para a rua com a mente presa à recordação desse dia decisivo.

Lembrava-se de todos os momentos desse dia, como se não tivesse acontecido há mais de duas décadas. Lembrava-se de Filipe lhe ter desligado o telefone, de ter ficado aflita e de lhe ter tentado ligar novamente, de Filipe não ter atendido nenhuma das oito chamadas que ela fizera do hospital ao longo da tarde. Oito chamadas, até disso se recordava, pensou, espantada com a exactidão da sua memória tantos anos depois.

†

Patrícia passou a porta de saída do hospital e a noite fria caiu sobre ela com uma agressividade inesperada. Aconchegou melhor as abas do casaco e apressou o passo em direcção ao parque de estacionamento. Fazia tanto frio, notou, ansiando por chegar a casa e tomar um banho quente.

O frio... também se lembrava de ter passado muito frio naquela noite, há vinte e cinco anos, sentada no degrau da escada do prédio de Filipe, à espera dele. Ele chegou perto das duas e encontrou-a ali na rua, encolhida no casaco, de braços cruzados, inclinada para a frente com o queixo em cima dos joelhos.

Filipe fitou-a perplexo, de mãos afundadas nos bolsos do sobretudo cinzento-escuro que usava na altura.

– O que é que fazes aqui a esta hora, Patrícia?

Ela levantou-se de um salto.

– Não fui jantar com o meu colega – disse, precipitadamente.

O apartamento de Filipe era pouco mais do que um quarto sem luxos. Ele teimava em viver das letras, conseguira um trabalho de revisor num jornal diário e, ocasionalmente, convencia o director a publicar-lhe uma das suas histórias. Mais tarde, conquistaria a boa vontade do director e deixaria essa tarefa precária para ingressar na redacção como jornalista estagiário. A sua primeira reportagem a sério, o seu primeiro sucesso, foi um mistério que se arrastou pelos jornais durante duas longas semanas, deixando os leitores sempre suspensos da notícia do dia seguinte, que ele escrevia todos os finais de tarde como se fosse mais um capítulo de um livro policial, juntando os pedaços de informação nova que reunia pacientemente desde manhã. O caso deu-se numa rua esconsa de Odivelas e começou por se resumir ao homicídio de um homem abatido a tiro de pistola dentro do seu carro, ao cair de um semáforo vermelho. Inicialmente, o caso não mereceu mais do que uma breve na última página, dado que acontecera já de noite e Filipe soube dele na ronda telefónica pela polícia e pelos bombeiros antes do fecho da edição. O editor, calejado de homicídios e outras notícias brutais, não lhe conferiu grande importância. Já o jovem estagiário, intrigado com o que lhe pareceu um assassinato ao estilo de execução, pouco habitual até nos tablóides mais sangrentos, entusiasmou-se com a notícia e dedicou-se a esgravatar informações nas horas seguintes.



Apanhou um táxi à sua custa, foi ao local do crime, tirou fotografias exclusivas, falou com a polícia. E, naquelas horas adormecidas, foi o único repórter em campo, recolhendo assim valiosos dados que transformaram um homicídio de rotina numa história sensacional. Enquanto a polícia trabalhava à volta do carro com o vidro furado a tiro e o morto de cabeça caída sobre o volante, Filipe veio a saber que a vítima se tratava de um conhecido industrial que ia a caminho da sua fábrica de componentes para automóveis.

Logo pela manhã, Filipe anunciou-se na fábrica com a credencial de repórter e preparado para uma recepção hostil, mas descobriu afinal que os funcionários, órfãos do patrão e desorientados, tinham acabado de chegar e de saber a notícia. A fábrica estava parada e Filipe foi recebido com curiosidade, vendo-se cercado pelos trabalhadores chocados, à míngua de

informações. Contou-lhes tudo o que sabia, que o patrão ia em direcção à empresa quando alguém o atacara com uma pistola e o deixara sem vida à beira de um semáforo próximo. Em troca, tomou nota do espanto da secretária do industrial, que, agarrada a um lenço num vale de lágrimas, lhe garantiu que era impossível o patrão estar de regresso à fábrica àquela hora. A mulher, muito chorosa, respirou fundo para controlar os nervos e explicou que o patrão costumava sair tarde mas nunca voltava atrás e, acrescentou sem hesitar, na noite passada em particular não houvera nenhuma razão para o fazer. Nasceram assim dois mistérios: quem matara o industrial e o que o levava a regressar à fábrica sem motivo aparente.

†

Ao chegar à redacção, Filipe procurou logo o editor e ao bom dia azedo, vens atrasado, meu menino, acenou triunfal com o caderninho prenhe de notícias frescas. A iniciativa de Filipe foi louvada pelo director em pessoa e a edição dessa noite saiu com um exclusivo arrasador: a fotografia do morto na primeira página e o relato detalhado nas duas páginas seguintes. O mistério da morte do industrial adensou-se com o impacto da notícia e, em breve, a concorrência juntou-se à história, compensando o atraso com muita especulação.

Embora não houvesse novidades significativas, os directores perceberam que o assunto vendia jornais e foram alimentando a notícia com reportagens paralelas, pontuadas por algumas informações atribuídas a fontes policiais. Por seu lado, a Judiciária manteve a investigação em segredo, mas Filipe conseguiu apurar que os inspectores não tinham encontrado a carteira do industrial, pelo que haviam deduzido ter-se tratado de um assalto que dera para o torto e estavam no encalço de um ladrão sem rosto. Entretanto, enchiam-se páginas com entrevistas aos trabalhadores da fábrica, desenterrava-se o passado do industrial, descobria-se a viúva e os três filhos menores, especulava-se sobre a alegada situação económica difícil da empresa, escrevia-se que no final das contas o morto não era tão rico como se julgava e só deixava dívidas à família enlutada.

†

A meio da segunda semana Filipe recebeu um inesperado telefonema da secretária do industrial, dando-lhe conta de um facto insólito que voltou a baralhar a investigação. Indignada com as especulações que lia nos jornais e com a falta de resultados da polícia, a mulher fez-lhe o favor de o informar que ela própria encontrara a carteira do patrão no bolso de um casaco

esquecido num cabide no escritório da fábrica. Filipe desligou o telefone eufórico, correu ao gabinete onde os editores preparavam a edição de amanhã com a direcção, entrou de rompante e interrompeu a reunião para dar a notícia que haveria de ocupar maior destaque na primeira página:

– A Judiciária anda na pista errada – anunciou. – Não se tratou de um assalto. E mais, já sei porque é que o homem voltou à fábrica. Tinha-se esquecido da carteira!

Depois de lerem aquilo no jornal, os inspectores regressaram em peso à fábrica e, mudando o rumo da investigação, abandonaram a hipótese de roubo e começaram a procurar um potencial inimigo do industrial. Interrogaram um a um todos os funcionários e vasculharam a identidade e a história dos antigos, até darem com um que fora despedido recentemente por ser alcoólico, violento e ter ameaçado o patrão em público. E numa questão de horas capturaram o homem a cozer uma bebedeira no colchão da sua casa imunda e apreenderam-lhe a arma do crime.

Mais tarde, após trazerem o homicida de volta ao mundo dos vivos, os inspectores interrogaram-no pacientemente e obtiveram dele a confissão desejada. Na sua última notícia sobre o crime, Filipe escreveu a quente uma empolgante notícia sobre a má sorte de um industrial assassinado por acaso. Se não se tivesse esquecido da carteira no gabinete, o infeliz patrão não teria voltado atrás, nem parado no sinal vermelho à mesma hora em que, por coincidência, o ex-empregado bêbado também parava de mota. Este, reconhecendo-o, abateu-o a tiro num assomo de raiva com uma arma de pequeno calibre que trazia sempre consigo.



Depois deste episódio que o retirou do anonimato e o lançou definitivamente no meio jornalístico, Filipe ainda trabalharia muitos anos em redacções, chegando a director-adjunto de um projecto falhado, um jornal que não se afirmou, dedicando-se a partir daí em exclusivo aos livros. Mas nessa época feliz o dinheiro não abundava e o que esbanjava na vida boémia não lhe sobrava para a casa barata onde só ia dormir.

O quarto abafado de Filipe tinha o cheiro a mofo dos espaços fechados, com pouco arejamento, pouca limpeza, pouco interesse. Ele atirou sem cuidado o casaco para cima de uma cadeira de palhinha com o fundo roto, puxou as cobertas da cama por fazer enquanto Patrícia também tirava o seu casaco. Depois deitaram-se na cama, que, de qualquer modo, era o único sítio possível, uma vez que o apartamento não tinha o conforto de uma sala de estar, tão pouco uma mesa de jantar, só uma cozinha minúscula que ele não usava. Nem uma televisão, só livros, muitos livros empilhados, que

subiam pelas paredes brancas, lisas, despojadas de quadros.

A primeira vez que Patrícia ali entrara sentira-se chocada com o seu aspecto quase indigente. Em comparação com aquele, o pequeno apartamento dela era amplo e a mobília, as cortinas, os pormenores de decoração pareciam sumptuosidades excessivas, embora o tivesse montado com os restos da casa dos pais, os móveis do seu quarto de menina e muita habilidade e dedicação para o tornar um verdadeiro lar. Mas Filipe não tinha o engenho feminino para os labores nem qualquer interesse pelo espaço que habitava. Sempre o considerara provisório, compreensivelmente, e portanto indigno de melhoramentos para o tornar mais cómodo e agradável. Contentava-se com uma cama onde se pudesse deixar cair ao fim da noite, uma torre de livros como mesa-de-cabeceira, um roupeiro, uma casa de banho.

Com o tempo, porém, Patrícia afeiçoou-se àquele quarto bafiento por ser o espaço de Filipe e pelos momentos ali passados que lhe acudiam à memória noutras alturas do dia em pensamentos felizes. O cheiro do ar espesso, da humidade impregnada, de um cinzeiro a deitar por fora, das folhas dos livros, eram odores que a faziam sorrir se os sentia por acaso noutro lugar qualquer.

†

Deitaram-se de frente um para o outro e Filipe, fazendo-lhe uma carícia no rosto, perguntou porque não foste jantar com o teu colega?

– Porque tu ficaste zangado.

– Querias ir?

– Não era importante. Se te incomodava, não queria.

Filipe beijou-a num impulso, foi o primeiro e tão ansiado beijo. Nessa noite ela sentia-se vulnerável, desejosa de amor, incapaz de lhe resistir. Admitiu a si mesma que não lhe queria resistir mais, queria-o muito, ser beijada, tocada, ter a pele arranhada pelas faces agrestes da barba por fazer. Patrícia abriu a boca para deixar entrar a língua dele e senti-la em contacto com a sua. A mão esquerda dele começou a explorar o corpo dela, afagando-lhe os seios, desabotoando-lhe um botão da camisa, deslizando por baixo até lhe descobrir um mamilo e brincar com ele, apertando-o levemente, provocando-lhe sensações maravilhosas, um arrepio no baixo-ventre. Ele acabou de lhe desabotoar a camisa, o soutien, fê-la rolar na cama, deitando-a de costas. As suas mãos envolveram-lhe os seios enquanto lhe beijava os mamilos alternadamente, os chupava. Patrícia enterrou as mãos entre os cabelos dele, despenteou-o, agarrou-se com mais força conforme as ondas de prazer.

Depois a mão dele desceu pela barriga dela até às pernas, ao interior das coxas, subindo por debaixo da saia. Patrícia fechou as pernas instintivamente, entalando-lhe a mão, impedindo-a de prosseguir, mas os lábios que lhe beijavam agora o rosto e os olhos fechados, que lhe chupavam o lóbulo da orelha, a língua húmida dentro da orelha, fazendo-lhe cócegas agradáveis, voltando depois à sua boca, tornando a beijá-la freneticamente, excitou-a muito, retirou-lhe as forças, levou-a a afrouxar as pernas, a relaxar, a abri-las. A palma da mão tocou-a por cima da roupa, para logo afastar o tecido e descobri-la pronta para ele. Ele sentiu-a molhada, ela sentiu-se percorrida por uma vaga de prazer quando os seus dedos a exploraram ao de leve primeiro, indo mais fundo a seguir. Depois Filipe ajudou-a a tirar a saia, a camisa, numa urgência. Soltaram os sapatos com os pés, deixando-os cair com estrondo no soalho de tábua velha. Filipe desapertou as calças, tirou-as, tirou tudo. Finalmente nus, abraçaram-se, tocaram-se muito, até Patrícia não aguentar mais de desejo e o puxar para cima de si, deixando-o fazer o que ele sonhava há tanto tempo. Ela segurou-o e orientou-o para dentro de si, levando-o a penetrá-la, e foi como se se afogasse num prazer imenso, o prazer de o ter, de se fundir com ele, de o sentir como se fizesse parte dela, como se encaixassem na perfeição, de ser invadida por uma sensação de êxtase e agarrar-se a ele com todas as suas forças, sem que ele parasse de se movimentar dentro dela, provocando-lhe ondas de prazer, fazendo-a chegar novamente ao mesmo arrebatamento físico, mental, enlevando-a outra e outra vez, até ele atingir também aquele momento final único. Depois, com os corações felizes abrandando lentamente, abandonaram-se nos braços um do outro, suados de amor, cansados, satisfeitos, com a consciência de se completarem.



Patrícia entrou em casa, despiu o casaco, largou a carteira, procurou os filhos, beijou-os, perguntou-lhes pelos trabalhos de casa, mandou-os tomar banho, ocupou-se do jantar, e, por algumas horas, manteve-se ocupada e teve uma trégua de espírito que, por qualquer razão, não conseguira durante a tarde, no hospital. Ao serão sentou-se sozinha no sofá da sala e caiu num silêncio profundo, com um aperto no coração, uma angústia no peito. Recordou-se do dia do seu casamento na igreja, do copo-d'água com centena e meia de convidados, que decorrera numa casa de quinta alugada para essas ocasiões, recordou-se de estarem certos de que se amavam sem restrições, que era para a vida. Estava ali sentada com o telefone na mão, perplexa com o rumo incerto do seu casamento, a pensar se devia telefonar a Filipe. Mas acabou por não o fazer, reconhecendo que não se sentia capaz

de ter uma conversa racional, livre de emoções excessivas e com a coerência que o momento exigia. Sentia-se demasiado perturbada, não tanto pelo amor perdido, que já não a preenchia como outrora, mas pela derrota iminente de um projecto de vida que supusera eterno e que a deixava à deriva, como órfã em idade adulta. Desistiu de lhe telefonar, levantou-se do sofá, apagou as luzes da sala e foi para a cama com a certeza de uma noite em branco.

Catarina fechou a torneira do duche após uns longos vinte minutos a *descongela*r debaixo do forte jacto de água quente. Por cima da sua cabeça, o duche deixou de correr, mas continuou a pingar numa cadência certa. Catarina já chorara o que tinha a chorar e sentia-se apenas vazia. Abriu a divisória de vidro transparente da banheira, apanhou uma toalha e saiu por entre uma nuvem de vapor, colocando-se em cima do tapete de pano, frente ao espelho embaciado por cima do lavatório. Limpou o espelho com a palma da mão e foi-se descobrindo à medida que afastava a película de água evaporada da superfície fria do vidro. O rosto, os seios, a barriga, estavam rosados por causa do duche quente. Enrolou a toalha no corpo e entalou-a por debaixo dos braços, de modo a ficar toda coberta. Em seguida arranhou uma toalha mais pequena para o cabelo. Esfregou com vigor os caracóis louros que escorriam água e enrolou-a na cabeça como se fosse um turbante. Foi para o quarto acabar de se secar, vestiu umas cuecas, um soutien e regressou à casa de banho, onde se entregou à demorada tarefa de secar o cabelo com o potente secador de parede. E, enquanto o fazia, pensava em Jonas e na rapariga loira que se encontrava com ele no teatro da Times Square. Felizmente, Jonas não chegara a saber que ela estava lá, não reparara nela quando entrara na sala escura. Catarina vira-o ao fundo, com os músicos, rodeados dos instrumentos, e, ao avistá-lo, sentira-se feliz, o medo desaparecera e acreditara que iria correr tudo bem. Pensara na cara que ele iria fazer quando a visse surgir da escuridão da sala, à sua frente, debaixo dos holofotes. Começara a ir ao encontro dele, mas, subitamente, viu-o atravessar o palco e parar junto de uma rapariga loira, cuja presença Catarina não tinha notado. Jonas beijara-a, ao mesmo tempo que lhe fazia um carinho e um sorriso cúmplice. Catarina sentira o mundo do avesso naquele momento estranho, como se fosse desmaiar, e, por qualquer razão inexplicável, a sua aflição imediata não foi a traição dele mas a vergonha de ser vista por alguém, o constrangimento de estar ali a mais, de ser vista pelas pessoas como uma intrusa não desejada e passar pela humilhação de ser mandada embora com uma despedida apaziguadora, debaixo dos olhares piedosos de todos. Sentira-se como uma criança apanhada a fazer uma asneira. Ficara gelada, com o coração parado numa angústia, sem respirar, antes de começar a retirar-se silenciosamente às arrecuas e, finalmente, dar meia-volta e sair da sala, sempre com um calafrio de receio que alguém desse por ela e ouvisse chamar por si nas suas costas.



Andara a deambular pela cidade durante quase duas horas, sem saber o que pensar, o que fazer. Caminhara ao acaso, desorientada, enregelada, lívida, seguindo a corrente humana que fluía no passeio, parando automaticamente quando o sinal estava vermelho para os peões atravessarem a rua, recomeçando a andar com a massa de transeuntes, à mudança para verde. Não saberia dizer quantas ruas percorreu nem como foi dar à porta do seu hotel. Talvez tivesse chegado lá por instinto, talvez tivesse sido mero acaso. Só se lembrava de ter levantado os olhos e reparar que chegara ao único destino possível em Nova Iorque. Entretanto, vagueara ao cair da noite com o peso da terrível mágoa de ter sido preterida, de ter sido rejeitada a favor de outra mulher. Quisera perder a compostura, gritar como se fosse doida, expulsar de si a frustração, a impotência de não poder fazer nada para alterar a realidade que lhe feria a alma. Mas sentia-se débil e incapaz de reagir fisicamente à tristeza que a assolara com a surpresa de uma desgraça irremediável. Lembrou-se de Ricardo e pensou *oh, meu Deus! Será que ele passou pelo mesmo por minha causa?* Pensou que o tinha deixado e que estava sozinha, não tinha ninguém. A solidão caiu-lhe em cima como uma nuvem cinzenta. Sentiu-se tão fraca, com as pernas a cederem, entrou no hotel e abateu-se sem forças num cadeirão no átrio. Um empregado preocupado acercou-se dela e perguntou-lhe se se sentia bem, respondeu-lhe com um aceno de cabeça assombrado e ele viu um fantasma a fazer-lhe que sim sem dizer uma palavra. O empregado retirou-se e Catarina ficou a pensar que *não, não me sinto nada bem!* Estava em Nova Iorque, perdida no mundo, à beira do pânico, como nunca lhe acontecera, arrasada por um sentimento lúgubre, por uma tristeza sem nome, que nunca imaginara vir a sentir.



Agora, no quarto, mais calma, procurava ser racional e convencer-se a si própria de que haveria de ultrapassar a desilusão, que a culpa era sua, por ter sido negligente com a vida, ter sido irresponsável ao colocar a sua felicidade nas mãos de Jonas, por ter confiado nele sem prever um revés. Procurava convencer-se de que, no fundo, tinha sido melhor assim. Jonas não era a pessoa certa para ela, vivia noutro mundo e nunca lhe seria fiel. Sabia-o desde o início, mas, ainda assim, estivera disposta a fazer tudo por ele, incapaz de se render e desistir de o ter. Pousou o secador em cima do tampo do lavatório, viu-se ao espelho, os seus caracóis secos já tinham

ganhado volume novamente. *Queria-o tanto*, pensou, *e o sacana traiu-me outra vez...*



Vestiu-se, escolheu o seu vestido mais bonito, sentou-se na cama com as mãos no regaço. Não tinha fome, apesar de não comer há horas, mas não queria ficar sozinha no quarto a cismar com Jonas, mergulhada na tristeza, a ter pena de si própria. Era tarde para sair e, de qualquer modo, não saberia onde ir, o restaurante do hotel também já estava fechado, de forma que decidiu ir ao bar, no último andar.

Sentado à sua já habitual mesa do bar do hotel, ao lado da janela sobre Nova Iorque, Filipe levantou a cabeça e espreitou por cima do ecrã do computador portátil, atraído pelo movimento de alguém que entrava na sala. A mulher de vestido e caracóis louros passou por ele, deixando um suave e agradável rasto de perfume, de que Filipe gostou mas não soube identificar. Ela foi sentar-se ao balcão, de costas para Filipe. Reparou nela, observou-a, era jovem e bonita, embora não lhe parecesse estar nada feliz. O empregado aproximou-se dela pelo lado de dentro do balcão, perguntou-lhe o que desejava, trouxe-lhe uma vodca tônica que ela bebericou com parcimónia, voltando-se então para trás e relanceando os olhos pela sala enquanto dava um gole. Por alguma razão que Filipe não entendeu, os olhos dela ficaram presos nele e, em seguida, surpreendendo-o, escorregou do banco alto em que se encontrava sentada e foi ao seu encontro.

– É a segunda vez que nos cruzamos hoje – anunciou-lhe, e, ao ouvi-la falar em português, Filipe compreendeu o interesse dela em si. Obviamente, reconhecera-o.

– A segunda vez? – espantou-se, fazendo um meio sorriso incrédulo.

– Sim – confirmou ela. – À entrada do Empire State Building esta tarde, ia com pressa e quase chocou comigo, não se lembra?

Ele recostou-se na cadeira como que a observá-la melhor ao lusco-fusco da sala, esfregou a cabeça com a mão, fez uma expressão engraçada, embaraçada, abanou a cabeça.

– Não – confessou. – Mas eu sou um bocado distraído e ia com pressa, de facto.

– E eu estava com outra roupa – disse Catarina, oferecendo-lhe mais um argumento para não se lembrar dela.

– Ah! – exclamou Filipe, sorrindo. – É por isso.

Ela sorriu também e depois pareceu ficar pouco à vontade ali de pé a meter conversa com ele. Apontou para trás, para o balcão.

– Vou voltar para o meu lugar – disse. – Peço desculpa por tê-lo interrompido.

– Não, não, de maneira nenhuma, não interrompeu nada – apressou-se Filipe a responder. – Não se quer sentar?

– Não o incomodo, de certeza?

– Não incomoda nada, até gosto. Já estou sem companhia há tanto tempo que ainda começo a falar sozinho.

Ela sentou-se, pousou o copo na mesa, apresentou-se, chamo-me Catarina Trindade, disse, e também me dá jeito a companhia. Houve um hiato na conversa, um silêncio, e depois falaram os dois ao mesmo tempo, ele a perguntar veio em trabalho?, ela erguendo a cabeça, apontando com o queixo para o computador e a perguntar-lhe se era um livro novo que tinha ali. Sorriram.

– Não – respondeu Filipe –, o novo já está acabado. E você, está cá em trabalho?

– Não – abanou a cabeça. – Estou cá porque sou estúpida – ouviu-se a dizer. Depois cerrou os olhos com força, arrependida por ter falado sem pensar.

– Deixe lá – disse Filipe. – Eu também.

Catarina riu-se.

– Também está cá por estupidez?

– Mais ou menos – respondeu, sem querer alongar-se sobre o assunto.

Ela abanou a cabeça, compreensiva.

– O que é que você faz? – perguntou Filipe.

– Sou jornalista.

Ele revirou os olhos ao ouvi-la, fazendo uma expressão cómica. Catarina ergueu uma mão em sinal de paz.

– Não se preocupe – disse, tranquilizadora. – Não estou em serviço e, como se diz por estas bandas, o que acontece em Vegas fica em Vegas.

– Mas isto é Nova Iorque! – reclamou ele, divertido.

– Fazemos de conta.



Uma hora da madrugada. Catarina já ia na terceira vodka e Filipe levava a mesma conta em uísques. Ela, com a cabeça apoiada na palma da mão e o cotovelo pousado na mesa, ouviu-o perguntar-lhe afinal de contas, qual foi a estupidez que a trouxe a Nova Iorque? Catarina hesitou, consultou ostensivamente o relógio, quis saber se estavam na hora das confissões. Filipe encolheu os ombros, o que acontece em Vegas fica em Vegas, lembrou-lhe. Ela achou-lhe graça, esboçou um sorriso que logo lhe morreu nos lábios,

– O que me traz a Nova Iorque? – considerou a pergunta. – O amor – acabou por dizer. – Não correspondido – acrescentou.

Filipe acendeu um cigarro, cerrou os olhos por causa do fumo.

– Tem piada – disse. – Eu também, mas com alguns anos de atraso.

O rosto dela abriu-se num sorriso.

– Aposto que a sua história é mais interessante do que a minha – disse. –

Digna de um livro?

– Quase – reconheceu.

– Vai contar-ma ou tenho de implorar?

– Há alguns anos, marquei um encontro com a mulher da minha vida no Empire State Building. Eu vim, ela não. É isto. Agora a sua.

– O homem da minha vida disse-me para vir ter com ele a Nova Iorque. Eu vim mas ele estava com outra. É isto.

Filipe soltou uma gargalhada curta.

– Estamos bem um para o outro – disse.

– Pois estamos – reconheceu Catarina.

– Para ser honesto – disse Filipe, pensativo –, não vim ter com a mulher da minha vida, vim atrás de uma ilusão. Ela despedaçou-me o coração há uns anos, suponho que já não precisava de mim.

– Deixou-o?

– Deixou.

– Não é o que fazemos todos uns aos outros?

– Deixar o outro quando já não precisamos?

– Sim.

– Não sei, talvez, se quisermos encarar a vida com cinismo.

Fez-se um silêncio, Catarina ponderou as palavras dele.

– O amor é interesseiro – afirmou, peremptória.

– Nem sempre.

– Eu também vim atrás de uma ilusão – disse. – Ele não era a pessoa certa para mim.

Caíram os dois novamente num breve silêncio, a pensar nas suas próprias vidas, na situação em que se encontravam.

– Amanhã terei de ir para o aeroporto ver se consigo arranjar um voo para Lisboa – disse Catarina, mudando de assunto, ou a pensar no que seria o final da sua história de amor falhada.

– Eu perdi o meu hoje.

– Foi? Chegou atrasado?

– Não. Digamos que adiei o regresso, de propósito.

Catarina sorriu.

– Não me diga que deixou lá alguém para quem não lhe apetece voltar.

– Infelizmente, é o caso.

– Estamos mesmo bem um para o outro, definitivamente.

– Definitivamente.

– Sabe que mais?

– Diga.

– O melhor é não pensar mais no assunto.

Filipe ergueu o copo, ofereceu-lhe uma expressão de solene aquiescência.

– Bebo a isso – afirmou.

Tocaram os copos, deram um gole, baixaram os copos, sorriram um para o outro.

– A vida continua – disse ela.

– A *nossa* vida – acrescentou ele.

O rosto dela tornou-se mais doce, a sua alma mais cúmplice. Inclinou a cabeça, os olhos brilharam.

– A *nossa* vida – repetiu. – Para dizer a verdade, não preciso de regressar até ao final da semana.

– Ah, também fica por cá mais uns dias?

– Quem sabe, talvez fique, já que aqui estou.

– Aproveita.

– Sim – disse Catarina. E depois, como se tivesse uma ideia, perguntou-lhe: – O que é que você faz amanhã?

– Eu? Nada de especial. Porquê, tem alguma ideia?

– Amanhã – disse ela –, com a ressaca e isso tudo, provavelmente não estarei tão positiva como agora, mas, se você quiser, prometo que vou dar um passeio pela cidade consigo. Quer?

– Claro que quero – respondeu Filipe, encantado.

– Então, está combinado. Aonde vamos?

– Ah, logo se vê. Amanhã é outro dia, não sabemos o que a vida nos reserva, cá estaremos os dois para vermos o que acontece, certo?

– Certo.

– Entretanto, bebemos mais um?

Catarina abriu muito os olhos numa careta de aflição simulada. Tinha a cabeça a andar à roda. Mas pensou *que se lixe*.

– Porque não? – disse.